THIRTEEN UNFORGETTABLE STORIES. ONE LEGENDARY DAY.
THE BOND THAT CHANGES EVERYTHING.

#1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR

REBECCA YARROS

AVISO

Esta tradução foi realizada de fã para fã, tratando-se de uma obra sem previsão de lançamento no território nacional. Não mantemos acervo e não compactuamos com qualquer método de comercialização. O lucro obtido por terceiros ocorre sem o apoio ou parceria do grupo Tradução EPUB. O uso deste material destina-se exclusivamente ao consumo privado, nos termos da Lei nº 9.610/98.

Siga nosso grupo no Telegram

Sinopse

Bem-vindos ao Dia da Debulha, a brutal e arriscada prova onde os aspirantes a cavaleiros da Academia de Guerra de Basgiath lutam para conquistar o vínculo com um dragão ou morrer tentando. Em meio à competição implacável e ao fogo dos dragões, esses treze cadetes precisam sobreviver em um campo de batalha onde rivais desesperados farão de tudo para obter vantagem e dragões decidem o destino final de cada um — e onde uma única escolha pode forjar um cavaleiro... ou destruí-lo. Xaden Riorson, o líder poderoso. Rhiannon Matthias, a amiga inteligente. Dain Aetos, o obediente seguidor das regras. Liam Mairi, o protetor bondoso. Ridoc Gamlyn, o brincalhão. Sawyer Henrick, o azarão. Garrick Tavis, o ajudante confiável. Imogen Cardulo, a lutadora impulsiva. Bodhi Durran, o segundo em comando. Mira Sorrengail, a cavaleira destemida. Brennan Sorrengail, o brilhante estrategista. Aaric Graycastle, o inquieto membro da realeza. Sloane Mairi, a irmã determinada. No dia da debulha, só existe uma regra: não morra.

Data de lançamento: 10/09/2026

THIRTEEN UNFORGETTABLE STORIES. ONE LEGENDARY DAY.
THE BOND THAT CHANGES EVERYTHING.

DON'T DIE.

THRESHING DAY

#1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR

REBECCA YARROS

THRESHING DAY

#1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR

REBECCA YARROS

Conteúdo

1. Página de direitos autorais
2. Dedicação
3. Aviso de conteúdo
4. Prova de Fogo: Conselhos de Debulha para Professores da Raça dos Dragões
5. Brennan
6. Mira
7. Xaden
8. Garrick
9. Dain
10. Bodhi
11. Imogen
12. Observe:
13. Rhiannon
14. Serrador
15. Ridoc
16. Liam
17. Observe:
18. Sloane
19. Aaric
20. Agradecimentos
21. Sobre o autor

Pontos turísticos

1. Cobrir

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Copyright © 2026 Yarros Ink, Inc. Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reproduzir, distribuir ou transmitir de qualquer forma ou por qualquer meio. Para informações sobre direitos subsidiários, entre em contato com a editora.

A Entangled Publishing acredita que as histórias têm o poder de inspirar, conectar e criar mudanças duradouras. É por isso que protegemos os direitos de nossos autores e a integridade de suas obras. Os direitos autorais existem não para limitar a criatividade, mas para torná-la possível — para garantir que os escritores possam continuar contando histórias ousadas e originais com suas próprias vozes. Agradecemos por escolher um exemplar legítimo deste livro. Ao não copiá-lo, digitalizá-lo ou distribuí-lo sem permissão, você ajuda os autores a continuarem escrevendo e alcançando leitores. Este livro não pode ser usado para treinar sistemas de inteligência artificial, incluindo grandes modelos de linguagem ou outras ferramentas de aprendizado de máquina, sejam elas existentes ou futuras. Estas histórias foram escritas para a conexão humana, não para o consumo por máquinas.

Entangled Publishing, LLC
644 Shrewsbury Commons Ave. STE 181
Shrewsbury, PA 17361
direitos@entangledpublishing.com

Red Tower é uma marca da Entangled Publishing, LLC.

Editado por Karen Grove
Capa e design de borda por Bree Archer e Elizabeth Turner Stokes
Imagens da capa por Nadia Murash/Shutterstock
Design de interiores por Britt Marczak

Edição Especial ISBN 978-1-68281-808-4
Edição padrão ISBN 978-1-68281-809-1
ISBN do ebook: 978-1-68281-852-7

Impresso na China
Primeira edição em setembro de 2026

RED TOWER
BOOKS™

A SÉRIE EMPÍREA

Quarta Ala
Chama de Ferro
Tempestade de Ônix
Dia da Debulha

MAIS DE REBECCA YARROS

As coisas que deixamos inacabadas
Coisas Grandes e Preciosas
A Última Carta

Para todos aqueles que já desejaram se demorar em Basgiath por mais uma ou duas páginas.

Vejo você na pista de voo.

Dia da Debulha é uma aventura fantástica e eletrizante, ambientada no mundo brutal e competitivo de uma academia militar para cavaleiros de dragão. A história contém spoilers dos livros Quarta Asa e Chama de Ferro, além de elementos como violência intensa, situações perigosas, ferimentos graves, sangue, morte, queimaduras, linguagem explícita e pensamentos suicidas. Leitores sensíveis a esses elementos, por favor, estejam cientes e preparem-se para entrar no Vale da Debulha…

O texto a seguir foi fielmente transcrito do navarriano para o idioma moderno pelo Coronel Valin Kaori e pelo Tenente Ellery Mynna, professores de Estudos Dracônicos na Academia de Guerra de Basgiath. Todos os eventos são verídicos e os nomes foram preservados para honrar a coragem daqueles que tombaram. Que suas almas sejam entregues a Malek.

Prova de Fogo : Conselhos de Debulha para Professores de Dragões

por Coronel Thadeus Palme

No primeiro dia de outubro, independentemente do clima, do dia da semana ou da condição física dos cadetes, desde que tenham completado vinte anos, os calouros do Quadrante dos Cavaleiros da Academia de Guerra Basgiath adentram a floresta na esperança de serem escolhidos como cavaleiros vinculados por um dragão do Empíreo. Chamamos esse evento monumental *de Debulha* . Nós, professores do quadrante, devemos incentivar a busca pelo sucesso, mas também preparar nossos cadetes para a desagradável constatação de que muitos não sobreviverão a essa empreitada.

A debulha é um teste sem igual em todo o Continente, mas você tem a tarefa de preparar seus alunos. Não subestime seu dever de preparar adequadamente seus cadetes para o processo de seleção; suas instruções são tão cruciais quanto qualquer arma que eles possam empunhar.

Embora cada missão no Quadrante dos Cavaleiros apresente suas dificuldades, nós, professores de Dragões, aqueles que o Empíreo chama de observadores de dragões, carregamos um fardo singular quando se trata dos cadetes do primeiro ano. Nossa lealdade permanece sempre com o Empíreo, mas também devemos manter um interesse genuíno no sucesso de nossos calouros para que essa parceria essencial entre cavaleiros e dragões continue. Não posso enfatizar o suficiente a enormidade de nossa responsabilidade. Embora possuir um selo de projeção — a habilidade de evocar imagens da memória — nos qualifique para ocupar essa posição vital no quadrante, apenas aqueles com uma verdadeira paixão por estudar o Empíreo enquanto protegem os cavaleiros que o servem devem aceitar a missão.

É com isso em mente que ofereço o seguinte conselho:

Lembre-se sempre de que a relação entre cavaleiro e dragão é simbiótica. Sem dragões, a humanidade não tem acesso à magia para tecer as proteções que resguardam Navarre. Sem cavaleiros, os dragões não têm proteções para salvaguardar seus locais de nascimento. Embora esse arranjo beneficie ambas as espécies, nunca se esqueça de que os dragões consideram os humanos... descartáveis.

Confie que outros professores se destacarão em suas áreas de especialização, assim como você gostaria que confiassem em você. Não se intrometa nos assuntos de Resumo de Batalha, história, física ou outras disciplinas acadêmicas. Se precisar da opinião de outro professor sobre um calouro, recomendo que procure o mestre de combate. Entre os treinos físicos dos desafios e a perigosa pista de obstáculos do Desafio antes da Apresentação, ele é o único outro professor que realmente entende o peso de enviar calouros para uma possível morte.

É sua responsabilidade, durante os dois primeiros meses de aula, projetar uma representação precisa de cada dragão disposto a formar um vínculo naquele ano, para que os cadetes possam estudar antes da Debulha. Você terá duas fontes de referência para esse conhecimento durante seu ano de aprendizado sob a tutela do professor aposentado. A primeira é *o Compêndio da Espécie Dracônica* — nosso único guia visual de referência para os dragões ativos do Empíreo — que você será responsável por atualizar durante seu período de aprendizado. Esteja avisado: descobri que nenhum artista conseguiu retratar impecavelmente todas as características distintivas de um dragão, o que torna extremamente difícil distinguir os descendentes. A segunda fonte de referência são os próprios dragões, que você pode ter tido o privilégio de observar durante manobras de voo anteriores com seus cavaleiros, bem como na noite da Debulha. Em caso de dúvida, é prudente perguntar a um cadete o nome de seu dragão, pois falar com qualquer dragão com o qual você não tenha um vínculo resultará no fim prematuro de seu período de aprendizado devido à morte pelo fogo. Nunca, sob nenhuma circunstância, entre nos locais de incubação do Vale.

Professores anteriores de Estudos Dracônicos incentivavam a memorização mecânica por meio de cartões de identificação para os cadetes antes da Apresentação, mas, na minha experiência, a Apresentação tem mais a ver com os dragões observando e avaliando os cadetes em antecipação à Debulha do que com os cadetes reconhecendo os dragões. Na verdade, qualquer cadete flagrado examinando um dragão durante a Apresentação tem muito mais probabilidade de ser incinerado do que de formar um vínculo. Os cartões, no entanto, provaram ser inestimáveis para a Debulha. Se os cadetes não conseguirem memorizar todos os dragões dispostos a formar um vínculo, é imprescindível que

compreendam as diferenças entre os temperamentos das raças e a metodologia mais segura para sobreviver a um encontro com cada uma delas. Um cadete desinformado é um cadete morto.

Instrua cada cadete a ouvir atentamente seus instintos ao entrar no vale no Dia da Debulha. Aqueles que já despertaram o interesse de um dragão podem sentir uma forte atração, que devem ser encorajados a seguir. Em alguns casos, um cadete escolhido pode até ouvir seu dragão chamando por ele, caso tenha causado uma boa impressão durante a Apresentação. Os cadetes também devem obedecer aos seus instintos e se afastar de dragões que não lhes pertencem para aumentar sua expectativa de vida.

Ressalte a importância de os cadetes entrarem no Vale da Debulha sozinhos. Embora a lealdade ao esquadrão possa ser reconfortante nesta fase da formação, as estatísticas mostram que os dragões preferem a coragem daqueles dispostos a caminhar sozinhos. Eles comprovaram isso repetidamente, reduzindo a cinzas a maioria dos grupos de cadetes. É lamentável que aqueles que não sobrevivem não possam relatar sua experiência, deixando-nos apenas com a possibilidade de ponderar sobre os motivos de sua morte.

Prepare-se para perder alguns de seus alunos favoritos ou — melhor ainda — não se apegue demais. O que sabemos sobre os dragões e por que eles escolhem seus cavaleiros é amplamente superado pela magnitude do que desconhecemos. Aqueles que temos certeza que emergirão do vale como cavaleiros ligados a um vínculo muitas vezes perecem entre as árvores — seja pelo fogo de dragão ou por ressentimentos de cadetes — ou são resgatados ao anoitecer e enviados de volta para repetir o processo na esperança de serem selecionados no ano seguinte.

Lembrem-se sempre de que, embora milhares de escribas registrem nossa história, somos os únicos cavaleiros encarregados de documentar o pouco que aprendemos sobre a espécie dracônica. Caso se encontrem na situação delicada de ter que tomar partido entre um cadete e um dragão, é imprescindível que provem sua lealdade ao Empíreo, ou perderemos o privilégio de observá-lo. É com base em nossas palavras, nosso conhecimento e nossas observações que a próxima geração de cavaleiros de dragão voará ou perecerá.

Nos meus anos de aposentadoria, tenho relembrado com carinho minha própria Debulha. Como minha memória se tornou menos confiável na última década, me pego desejando ter ignorado o sigilo habitual que envolve o evento e ter registrado minha própria experiência enquanto ainda estava fresca na minha mente. Como podemos aprender a melhorar nossas chances de criar laços se não registrarmos os métodos bem-sucedidos? Se eu pudesse dar um último conselho, seria: reúna as histórias daqueles que sobreviveram e estão dispostos a contá-las.

A Debulha é o dia mais perigoso na vida de qualquer cadete de Basgiath. Imploro que preparem seus alunos da melhor maneira possível, mas lembrem-se sempre de que, uma vez no Vale da Debulha, apenas a opinião dos dragões importa.

624 UA
Marbh—Cauda de Adaga Laranja
(Masculino) Descendente da linhagem Fhaicorain
Idade estimada: 76
Cavaleiros Registrados: 3

—O Compêndio da Espécie Dracônica,

Última atualização por Coronel Valin Kaori

Brennan

Hoje é o dia em que deixo meus pais orgulhosos, o dia em que me torno um cavaleiro como minha mãe e meus avós antes de mim.

Ou eu poderia morrer e me tornar a maior decepção da linhagem Sorrengail.

Puxa, espero mesmo que não.

De alguma forma, morrer é preferível a que minha mãe sinta que precisa mudar meu sobrenome na minha lápide porque eu não fiz jus a ele. A linhagem

familiar dela é tão lendária entre os cavaleiros que meu pai adotou o sobrenome dela quando se casaram, embora o dele fosse igualmente poderoso entre os escribas.

"Tem certeza de que não quer vir conosco?", pergunta Flynn Ennis enquanto os alunos do primeiro ano se dispersam pelo Vale da Debulha. O moreno musculoso segura o pomo de sua espada curta como se a arma tivesse alguma chance de protegê-lo de um dragão.

Diferentemente de Ennis, eu cresci perto o suficiente de Aimsir — o dragão da minha mãe — para saber que se um dragão quer te matar, você já está morto. Eles não dão a mínima para armas menores que um virote, e sacar uma espada só vai irritá-los ainda mais.

"Tenho certeza." Dou-lhe um aceno breve e um meio sorriso rápido para amenizar o medo que brilha em seus olhos. Passamos uma noite juntos há algumas semanas, mas não posso deixar que nada do que sinto por ele me desvie dos anos de preparação que fiz para este momento. Principalmente quando ele está tomando uma decisão estúpida. "Te vejo na pista de pouso, Ennis."

“Te vejo no campo de voo, Sorrengail”, ele responde, com um tremor quase imperceptível nos lábios. Ele se vira para um pequeno grupo de meus companheiros de esquadrão, e o grupo decola junto em direção à floresta de árvores enormes.

Deus, eles são tolos.

Observo-os desaparecerem e meu coração se aperta. Provavelmente será a última vez que verei alguns deles — se não todos. Estão cometendo um erro, optando pela aparente segurança da multidão e ignorando o conselho da Professora Kaori de enfrentarmos esse desafio sozinhos, mas nada do que eu disse nos últimos dias os fez mudar de ideia. Tentar convencê-los agora seria apenas um exercício inútil, e hoje não é dia para gastar energia desnecessariamente ou perder tempo.

As únicas decisões que posso controlar são as minhas. Preciso encontrar a árvore mais alta e central do vale, e então ficar de olho nos dragões que se movem abaixo até sentir que encontrei aquele que me foi destinado. É um plano simples e, espero, eficaz. Devo pousar no campo de voo na próxima hora.

Uma forma se move na minha visão periférica, e meu estômago revira enquanto me viro na direção da ameaça, minha cabeça virando bruscamente para a direita quando uma figura com o uniforme creme dos escribas sai de trás de um tronco de árvore largo a alguns metros de distância.

“Dragões detestam multidões. Boa escolha lidar com isso sozinho”, diz papai com um aceno de aprovação, a luz do sol filtrada pelas árvores iluminando os fios dourados da patente de major bordados no ombro de sua túnica enquanto ele

caminha em minha direção, abrindo os braços.

"Papai?" Mal tive tempo de fechar a boca antes que ele me puxasse para um abraço, dando tapinhas nas minhas costas. Eu me agarrei a ele, inalando o aroma suave de pergaminho que impregnava seu uniforme, e algo lá no fundo de mim me acalmou. Mamãe pode ser a espinha dorsal da nossa família, mas papai é o coração. "O que você está fazendo aqui?"

“Aqui, como em Basgiath?” Ele recua, presenteando-me com um largo sorriso que minha mãe sempre jurou que compartilhamos. Também temos o mesmo tom avermelhado no cabelo, embora o dele esteja lentamente ficando prateado em algumas mechas e o meu seja cacheado, e narizes idênticos e retos. Quanto mais velho fico, mais me pareço com ele, o que não me incomoda nem um pouco. “Ou aqui, como no vale?”

“Ambos.” Pouquíssimos escribas têm autorização para entrar no Quadrante dos Cavaleiros, mas *nenhum* tem permissão para testemunhar a Debulha. “Pensei que você estivesse em alguma missão secreta.” Ele está desaparecido desde maio, o que não é incomum, visto que é um dos escribas acadêmicos mais dedicados à análise histórica do que ao registro de eventos atuais. Sabe-se que ele desaparece por meses a fio, primeiro para pesquisar, depois para escrever, mas sempre traz consigo os melhores presentes.

“Voltei em agosto.” Ele franze a testa. “Sinto muito por ter perdido o Dia da Convocação, mas não havia a menor possibilidade de eu deixar você entrar na Trincheira sem te ver.”

Meu olhar percorre a floresta ao nosso redor, e respiro um pouco mais aliviado ao não avistar nenhum outro cavaleiro. "Fico aliviado por você estar aqui, mas as regras são bem severas se você for pego—"

“Se eu obedecesse às regras, minha patente seria mais alta. Não se preocupe comigo. Vou arriscar com o novo comandante do Quadrante dos Cavaleiros.” Seu sorriso se alarga. “Aquele coronel recém-promovido tem uma queda por mim.”

Dou uma risadinha irônica. "'Frágil' não é uma palavra que eu usaria para descrever minha mãe. Pelo menos não na frente dela." Minha expressão se fecha, uma liberdade que não me permito desde que cruzei o parapeito em julho, mas não preciso ficar na defensiva com meu pai. "Ela só se mostra tão gentil com duas pessoas no continente, e se eu falhar hoje, esse número cai para uma."

“Você é a favorita dela, mas ela tem um lado carinhoso só com as suas irmãs, quer vocês três percebam ou não.” Papai aperta meu ombro, seus olhos cor de avelã suavizando. “E você não vai falhar.”

“Não quero decepcioná-la”, admito em um sussurro. “Nenhum de vocês.” Não houve um momento sequer na minha vida em que eu não estivesse

profundamente consciente das conquistas do meu pai ou do respeito que minha mãe inspira em todos os cavaleiros que já encontrei. Não me importo com o peso do legado deles, mas também não quero ser definida por ele, o que é extremamente difícil, considerando que escolhi vestir preto de cavaleiro. “Você está bravo porque eu não entrei no Quadrante dos Curandeiros depois de você ter passado tanto tempo me ensinando sobre ervas?”

Mamãe se concentrava em me ensinar táticas, como se sempre soubesse que eu iria cruzar o parapeito.

“Nunca. Escute.” Papai se inclina para frente. “Você jamais me decepcionaria, Brennan.” Ele balança a cabeça, seus olhos buscando os meus. “Sua integridade, compaixão e inteligência fazem de você um homem de caráter excepcional, o tipo de homem de quem qualquer pai se orgulharia. Sua mãe ficará radiante em vê-lo pousar na pista de pouso, não importa qual dragão seja sábio o suficiente para reivindicá-lo. A única expectativa dela é que você sobreviva, e acho que você descobrirá que isso tem muito mais a ver com ser sua mãe do que com ser sua comandante. Nossos corações não suportariam se algo acontecesse com você.”

Assinto com a cabeça, engolindo o nó de emoção que se esforça ao máximo para bloquear minha garganta. "Como estão Mira e Violet?"

Mamãe não me dá nenhum tratamento especial no quadrante, o que significa que estou isolada das cartas e notícias do resto da minha família, assim como os outros alunos do primeiro ano. Nunca pensei que chegaria o dia em que sentiria falta das minhas irmãs mais novas me irritando a cada minuto, mas sinto. Constantemente. Sinto falta dos passos da Mira me seguindo e do jeito que a Violet sorri quando aprende algo novo.

“Teimosa e perigosamente curiosa. Nessa ordem.” Outro sorriso ilumina seu rosto enquanto ele abaixa a mão. “Mira quase deu uma surra em Dain Aetos semana passada quando Violet caiu de uma árvore que os dois estavam escalando.”

“Ela é um pouco superprotetora.” Um sorriso surge em meus lábios, mas logo se desfaz. “Violet se machucou?” Ela sempre foi mais frágil do que Mira ou eu, propensa a deslocamentos articulares e fraturas, mas a força de sua mente é incomparável.

Um grito ecoa vindo do sul, e minha cabeça vira bruscamente em direção à floresta, mas meu pai mal olha. Meu coração dispara, e uma fumaça sobe acima das árvores um instante depois, impregnando o ar com um presságio de perigo iminente. Pessoas estão morrendo lá fora, e eu estou prestes a correr o mesmo risco.

"Violet está bem. Nada que não possa ser consertado", garante meu pai, me

tirando dos meus pensamentos.

“Ótimo.” Graças aos deuses pelos consertadores. O dom é raro, mas os cavaleiros com o poder de reconstruir coisas quebradas, como Nolon, são uma bênção para minha irmã. Precisamos de mais deles.

Uma árvore pega fogo à distância, e minha boca fica seca.

“Então, que cor você espera?” , pergunta meu pai casualmente.

"Eu adoraria um dragão preto, mas nenhum está disposto a se vincular a mim este ano. Estou mais inclinada para o verde, dada a sua natureza mais confiável e sensata. Provavelmente é mais fácil elaborar estratégias com um dragão em quem você pode confiar. Marrom também seria ótimo." Passo o polegar pelo queixo. "Qualquer coisa, menos um laranja."

“Nunca se sabe. Um pouco de imprevisibilidade pode ser bom para você. Te equilibrar e tudo mais.” Um sorriso se abre em seu rosto.

“Zihnal, *não* .” Empalideço e imploro ao deus da sorte. “Fogo e impulsividade não combinam.”

“Lembre-se que Zihnal não favorece apenas aqueles que precisam de sorte, mas também aqueles que aceitam seus dons sem hesitar.” Papai gira uma conta preta na pulseira que usa no pulso esquerdo, depois a tira e me entrega. “Um dragão é certamente o maior presente que um deus pode dar, mas quero que você fique com isto.”

“Você usa isso desde… uma eternidade.” Coloco a pulseira no meu pulso. Ela ainda está quente por causa do calor do corpo dele.

“E agora é seu. Vou me sentir melhor sabendo que você tem um pedaço de mim com você.”

"Obrigada." Eu giro a pulseira como já o vi fazer milhares de vezes.

Outro cadete grita para o sul, mais adentro da floresta, e nós dois nos viramos naquela direção.

Engulo em seco. Com força. "Preciso ir."

"Eu te amo, Brennan." Ele me puxa para outro abraço, e eu o aperto com força. "Da próxima vez que eu te vir, você será uma motociclista", diz ele, com a calma de sempre. Não há desespero em seu abraço, nenhum medo de que esta seja a última vez que nos vemos, nem mesmo o aperto em seu aperto.

"Eu vou", prometo. É a certeza em sua voz, a garantia de que sobreviverei a este dia, que me permite soltá-lo. Papai nunca errou em nada, e eu não vou provar que ele é falível hoje. "Eu também te amo."

“Não se preocupe, Brennan. Aproveite o dia. Dragões adoram Sorrengails.” Ele se afasta, desaparecendo entre as árvores com uma facilidade que me faz pensar em quantas vezes ele já se misturou a outros cenários de situações perigosas em nome de sua pesquisa.

Eu me viro para o centro da floresta, acalmo minha respiração e meu coração acelerado, e então giro os ombros.

Vamos.

Folhas de outono estalam sob meus pés enquanto me movo entre as árvores, atenta àquela vozinha que Kaori mencionou, esperando que meus instintos me guiem. Acima, o ar se enche de marrom enquanto um dragão alça voo. Acho que esse não é meu.

"Estou te dizendo, eu vi um azul por aqui!" alguém grita.

“Não há nenhum blues na lista da Kaori”, argumenta outra pessoa.

Tenho na ponta da língua o aviso para se separarem quando o fogo irromper pelas árvores à minha esquerda. Salto para trás do tronco de um pinheiro gigante, meu coração disparado enquanto as vozes se calam. Uma borboleta-cauda-de-escorpião-vermelha surge à vista, e prendo a respiração, sabendo instintivamente que aquela *não* é minha.

Espero até que o dragão se afaste da área próxima, então olho para os galhos extensos da árvore sob a qual me abriguei. Essa é uma árvore que Violet adoraria escalar.

E isso me dará o melhor ponto de vista.

Galho por galho, escalo a árvore o mais silenciosamente possível, tomando cuidado para não prender a espada que mantenho embainhada ao meu lado em nenhum pedaço áspero da casca. Um dragão ruge à distância, seguido por um grito, mas eu subo com foco inabalável. Se eu ceder ao medo que bate no meu coração com toda a sutileza de um aríete, os dragões vão sentir o cheiro.

Dragões não se alia a covardes.

Os galhos acima de mim ficam esparsos e desengonçados com o novo crescimento, mas nenhum deles parece capaz de suportar meu peso, então eu apoio os pés exatamente onde estão, agarro o galho mais fino acima com as duas mãos e observo a floresta.

Um caleidoscópio de cores preenche minha visão. As copas das árvores exibem uma miríade de tons outonais, as folhas servindo de camuflagem para dragões de todas as cores, exceto os azuis e pretos que se abstiveram da Debulha deste ano. Galhos balançam em vários pontos da floresta, sem dúvida impulsionados pelos dragões que espreitam sob a copa das árvores. Há três — ou melhor, quatro — colunas de fumaça e uma de fogo a leste que certamente merece a atenção de um mestre da água. Um Dragão Cauda de Adaga Verde corta o ar a oeste, com uma cavaleira agarrada ao assento enquanto o dragão bate as asas para ganhar altitude.

O meu está por aí em algum lugar.

Fecho os olhos e escuto meu coração acelerado, na esperança de que ele me

puxe na direção do dragão com o qual devo me conectar, mas não há nada. Nenhum puxão. Nenhum movimento. Nem mesmo um sussurro. Apenas uma brisa quente contra meu rosto.

Meu plano genial talvez não seja tão genial assim. Teria sido bom se a mamãe tivesse me dado alguma orientação ou me avisado sobre… qualquer coisa. Parapeito. Desafio. Apresentação. A futilidade de subir em árvores. Eu devia anotar tudo isso para a Mira não ter que descobrir sozinha.

O calor aumenta repentinamente e meus olhos se arregalam.

Meu coração dispara na garganta.

Um focinho escamoso, de cor laranja-queimado, paira a quase dois metros do meu rosto, expelindo vapor por narinas enormes, metade da minha altura. A nuvem de ar quente atinge meu rosto um segundo antes de o dragão inclinar a cabeça, me prendendo no lugar com seus curiosos olhos dourados. Seus chifres se curvam para trás, mas não consigo ver as pontas — nem o resto do corpo — com a cabeça presa nos galhos de uma árvore.

Eu deveria desviar o olhar, baixar os olhos em súplica, recuar sem invadir o campo de visão do dragão, mas não consigo. Meus pés poderiam muito bem estar colados ao galho sob mim. Pela primeira vez na vida, faço o oposto do que deveria e fico *encarando.*

“Só os pássaros pertencem ao topo das árvores.” Uma voz rouca e masculina ecoa na minha cabeça. *“Você é um pássaro, Sorrengail?”*

"Que porra é essa?" Eu solto de repente, e minhas mãos se movem bruscamente, soltando o galho. Meus pés escorregam, meu estômago revira e a gravidade cobra seu preço quando caio do maldito galho.

Eu me choco contra o galho abaixo e tento me agarrar, prendendo meus braços no lugar escorregadio de vapor onde minhas botas estavam antes e arranhando a pele nua do meu antebraço. Meus pés se debatem sob mim, procurando um ponto de apoio, enquanto o dragão enfia a cabeça por entre as folhas, batendo as asas lentamente para se manter pairando.

“Exatamente por isso que os humanos não devem subir em árvores.”

"Eu geralmente não caio delas!" , grito de volta sem sentido, enquanto meus pés finalmente encontram um galho mais baixo. "E você não deveria falar com humanos que não são seus."

“Não se deve olhar um dragão nos olhos, mas aqui estamos nós.” Ele inclina a cabeça como se estivesse me examinando. *“Vamos jogar um jogo, Sorrengail mais velho?”*

“Não”, respondo imediatamente, mas ainda assim não consigo desviar o olhar dele, mesmo com o meu orgulho ferido. “E é Brennan.” Onde está o verde previsível que eu esperava? Ou o castanho sutilmente astuto que imaginei?

“Você ainda não tem um nome próprio, e seu sobrenome o ofusca. Por que você procuraria um dragão tão sem graça quanto você?”, ele questiona.

Caramba, ele acabou de acertar em cheio todos os problemas da minha vida. Espera… chato?

“Eu *não* sou chato”, argumento, baixando a mão do galho acima e praguejando ao ver o arranhão sangrento que percorre todo o meu antebraço. “Sou leal, inteligente e o melhor estrategista da minha turma—”

“E entediante.” Suas narinas se dilatam em uma inspiração profunda antes de soltar outra baforada de vapor. *“Você não precisa me contar tudo o que eu já sei sobre você para provar isso. Você está tão atormentado pela sombra da sua mãe que deseja a mesma raça que a uniu?”*

Minha boca abre e fecha como a de um peixe.

“Você não anseia por um desafio? Por alguém que o desafie ? Ou meu instinto está equivocado? Encontrei um dócil pisco-de-peito-ruivo no lugar do gavião astuto que eu buscava?” O pássaro laranja estreita os olhos, continuando a pairar no mesmo lugar.

Instinto? Espera aí. Será que essa laranja está *me* escolhendo ?

“Se você precisa perguntar, talvez devesse repensar sua afirmação anterior sobre sua inteligência.”

Mas as laranjas são imprevisíveis, caprichosas e — pior de tudo — inconstantes.

“Obrigado, Sorrengail”, ele responde.

Ignoro a pontada no meu orgulho e solto uma risada, sem dúvida uma resposta inadequada para Threshing. *Um dragão é certamente o maior presente que um deus pode dar.* Foi o que meu pai disse. Se este é o dragão ao qual devo dedicar minha vida, quem sou eu para negar um presente tão monumental? E que irônico que o melhor conselho que recebi sobre Threshing tenha vindo do meu pai escriba? Respiro fundo para me fortalecer e aceno com a cabeça, apagando todas as expectativas de como eu imaginava que este dia seria. "Eu topo o seu jogo."

"E se eu já tiver mudado de ideia sobre você?" Ele mostra dentes afiados e pontiagudos.

Meu pulso falha, mas mantenho minha posição. "Você não fez isso, ou já teria fugido ou me incendiado."

“Pense em todas as batalhas que venceremos com esse seu cérebro do tamanho de um passarinho.” Há um tom de excitação em sua voz, o que me faz questionar o insulto. *“Se você conseguir encontrar seu lugar sem tocar o chão, eu a aceitarei como minha.”*

"E se eu não conseguir?" , pergunto, já calculando mentalmente a distância

da ponta deste galho até as narinas que ele não para de dilatar.

“Não quero um cavaleiro que não consiga se adaptar à minha natureza imprevisível . *Ou você cairá e morrerá na tentativa, ou verei se suas penas vermelhas encaracoladas pegam fogo.”*

"Então, menos como um jogo e mais como um ultimato?" , pergunto, dando leves pulinhos no galho para testar o movimento onde ele se afina a cerca de um metro do seu nariz.

“Tudo é um jogo se você for inteligente o suficiente para enxergar o tabuleiro.”

Verdadeiras palavras jamais foram ditas.

"Fechado." Sorrio. É isso aí. Esse cara é meu. Esperar que ele aceite seria tolice — ele provavelmente recuaria só para se divertir me vendo cair — então saio correndo, meus pés deslizando pelo galho. Desço em disparada pelo galho, meu olhar fixo na ponta frondosa, à espera do primeiro sinal de que ela vai ceder sob o meu peso.

No instante em que o galho vacila, eu salto.

O tempo parece desacelerar, como batidas de coração, durante os breves segundos em que estou no ar e o dragão laranja bate as asas, preparando-se para revidar. Estes são os primeiros momentos do resto da minha vida ou os últimos da minha existência. Meus braços se movem pelo ar como se eu pudesse abrir caminho através da distância, e meus pés chutam enquanto o impulso me arremessa em direção ao dragão.

Com certeza não foi assim que Kaori nos ensinou a montar.

Eu me choco contra o espaço entre suas narinas, o ar jorrando dos meus pulmões com o impacto, e agarro os primeiros pontos de apoio que encontro, que por acaso são a borda de uma escama e a crista de uma narina.

"O passarinho sabe voar", ele provoca, e, de fato, lá estamos nós, planando pelo ar, com a cabeça dele já se afastando do galho.

Meus dedos se cravam nas fendas entre as escamas, e cada músculo da parte superior do meu corpo se contrai enquanto me iço para cima, sem querer encostar os pés perto daqueles dentes. O chão passa velozmente, ou talvez seja a copa das árvores. De qualquer forma, não perco a concentração por tempo suficiente para olhar enquanto escalo o rosto deste dragão com a técnica mais heterodoxa conhecida — e desconhecida — pela humanidade.

O ângulo muda e, de repente, estamos despencando, tornando ainda mais difícil me erguer entre os seus olhos. "Sério?" , grito, mantendo o foco na balança além daquela que estou segurando. "Porque isso já não era difícil o suficiente?"

"Se você queria facilidade, devia ter entrado para a infantaria", ele ironiza.

Entendi. A única coisa que posso esperar desse dragão é que ele faça qualquer coisa para a qual eu *não* esteja preparado.

“Você está aprendendo.” Ele emerge do mergulho enquanto galhos roçam a lateral do seu rosto e eu alcanço o topo da sua cabeça. A mudança abrupta de direção me faz despencar entre seus chifres, deslizando pelo seu pescoço. Tudo o que consigo fazer é jogar meu peso de um lado para o outro, quase atingindo os espinhos afiados que não formam nenhum padrão visível ao longo de seu pescoço até os ombros.

Por Dunne, ele deve estar numa escalada quase vertical, porque as copas das árvores do vale se estendem além das pontas mortais de sua cauda afiada como uma adaga, e se eu não parar esse impulso, vou deslizar direto para a morte. Não há como sobreviver a uma queda dessa altitude, apenas recuperar o cadáver. A adrenalina inunda meu corpo enquanto bato as mãos no chão, aceitando qualquer dano que suas escamas possam causar em nome de ganhar um segundo de tração. A dor percorre meus braços, mas consigo agarrar a borda de uma crista de escamas logo antes de seus ombros e finco os calcanhares das minhas botas no próximo conjunto o suficiente para rolar de bruços.

O vento me atinge em cheio enquanto o dragão continua a subir em direção ao sol do meio-dia, e eu desço meu corpo escama por escama, certificando-me de encaixar meus dedos entre as escamas enquanto subo em direção ao seu assento. A gravidade não se importa que eu seja filho de Lilith e Asher Sorrengail. Só conseguirei fazer isso acontecer por mérito próprio.

Meus pés deslizam pelas escamas do seu pomo, depois escorregam pela curva suave do seu assento. Não há onde me firmar, nenhuma maneira de me posicionar. Saltar da árvore foi uma coisa, mas vou precisar da sorte do próprio Zihnal para conseguir isso. Meu coração bate tão forte que o sinto nos meus ouvidos, minha visão pulsando no ritmo das batidas enquanto estendo a mão para a próxima crista de escamas, segurando-me nele apenas com as mãos.

No instante em que agarrei as escamas do pomo da espada, soltei um grito de vitória. "Eu ganhei!" gritei contra o vento enquanto ele arrancava as lágrimas dos meus olhos.

“Não existe mais um ‘ eu *’”*, ele me corrige enquanto se acomoda no banco e meu traseiro se encaixa. *“Só existe* nós *.”*

Dobro os joelhos e, em seguida, encaixo as pontas das minhas botas entre as escamas dele, exatamente como Kaori nos ensinou, garantindo assim meu lugar.

Então o maldito dragão mergulha em espiral.

“Marbh”, ele me diz. *“Não* dragão maldito *. Embora eu atenda por Glorioso, Brilhante ou Escolhido de Zihnal, se preferir.”*

"Vou ficar com Marbh!" grito. O chão gira como um catavento, e eu me

impulsiono contra o pomo para me manter no lugar, desafiando tanto o movimento centrífugo quanto a gravidade para provar que sou digna.

“Seu valor não está mais em questão”, discursa Marbh. *“Agora, só precisamos testar a resistência do seu estômago.”*

Para cima. Para baixo. Para cima. Para baixo. Para cima. Para baixo.

Ele sobe e depois mergulha até meu rosto ficar verde e eu me arrepender de cada escolha que fiz no café da manhã, mas me agarro ao assento. Conquisto meu uniforme de couro preto. Quando olho para cima, o campo de voo está ao longe, o chão do cânion salpicado de dragões de todas as cores que se reuniram para observar e aqueles que já pousaram com seus cadetes. Só posso esperar que meus companheiros de esquadrão — que Ennis — possam ser contados entre esses pilotos.

“Só existe nós dois”, Marbh me diz novamente enquanto voamos para casa. *“Marbh e Brennan.”*

Eu não sou mais apenas um Sorrengail.

Eu sou o piloto de Marbh.

627 UA
Teine—Rabo-de-clava verde
(Masculino) Descendente da linhagem Cruaidhuaine
Idade estimada: 41
Pilotos Registrados: 0

—O Compêndio da Espécie Dracônica,
Última atualização por Coronel Valin Kaori

Mira

Venho me preparando para este dia há anos. Finalmente chegou, mas, como Zihnal quis, o Green Clubtail que avistei na Presentation desapareceu.

Teine. É o nome que consta nas cartas de debulha. Acho. Não que ficar encarando durante a apresentação seja uma boa ideia, mas bastou um olhar para eu simplesmente *saber* .

A floresta é um mar de cores enquanto passo a mão pela testa suada,

afastando as mechas do meu cabelo castanho curto e olhando fixamente do galho mais alto da árvore mais alta que consegui encontrar. Vagando pela última hora, não cheguei a lugar nenhum, e já que Brennan se apegou a uma árvore, imaginei que não custaria nada subir em uma. A visibilidade seria incrível se não fosse pelo fato de os dragões se esconderem *sob* as árvores menores, com seus galhos bloqueando a visão, mas avistei alguns marrons, alguns laranjas e até vislumbrei o único azul disposto a se apegar este ano, mas nenhum verde.

"Onde você está?" , murmuro para o vento, recusando-me a ceder à frustração que se acumula em meu estômago.

Brennan fez essa parte parecer simples no livro que me deixou, mas meu irmão mais velho, que é perfeito para mim, e eu temos definições diferentes de "fácil". Se eu não o amasse tanto, a facilidade com que ele se destaca em tudo me irritaria profundamente. Meu coração aperta e meus dedos se contraem na casca áspera da árvore enquanto olho para o sul, em direção a Tyrrendor e às linhas de frente da rebelião daquela província.

Dunne, cuide do meu irmão .

Não há preço que eu não pagaria para proteger suas costas, mas tenho que confiar que a deusa da guerra o está protegendo.

Espero que Fen Riorson queime no inferno por tentar fragmentar nosso reino. A frustração do duque com as exigências de mineração de Taládio — um dos minerais que precisamos para abastecer nossas fortalezas — é compreensível, mas esse recurso só existe em Tyrrendor. Eu até simpatizo com sua raiva em relação às taxas desproporcionais de recrutamento em sua província. Mas arriscar a segurança de todos os cidadãos de Navarria ao se separar é imperdoável. Sem a província de Tyrrendor, nossos inimigos em Poromiel invadirão nossas fronteiras e perderemos a guerra que travamos há séculos. Incontáveis civis morrerão se não sufocarmos a rebelião.

Não pense nisso. Esse é praticamente o meu mantra quando me deparo com o medo avassalador que me aperta a garganta ao lembrar que Brennan está na linha de frente, mesmo tendo se formado há apenas alguns meses. Ele deveria estar em um posto mais seguro na guarda intermediária, mas curandeiros — especialmente um tão poderoso quanto Brennan — são raros. Nossos feridos precisam de toda a ajuda possível. Pelo menos ele está sob o comando da mamãe em Luceras. Violet e eu podemos ser dispensáveis para ela, mas ela moveria o mundo para proteger Brennan. Sem dúvida, papai está mantendo Violet segura com os escribas no posto avançado, o que explicaria por que eu não recebi uma visita antes da Debulha como Brennan recebeu.

Isso definitivamente me ajudou a colocar meu lugar na família em perspectiva.

"Viu alguma coisa?" , pergunta Cowan Zana da base da árvore, tirando-me dos meus pensamentos.

Eu me encolho e olho em direção às copas das árvores. A voz dele está alta demais para me suportar.

"Desde o azul que não", respondo ao meu companheiro de esquadrão favorito num tom bem mais baixo, mais amigável com os dragões. Já estamos arriscando a ira deles por termos ficado juntos na última hora, mas eu não ia forçar Cowan a ir sozinho quando ele me pediu para ficar ao seu lado. Já perdemos quatro calouros do nosso esquadrão, e me recuso a deixar Cowan ser o quinto.

“Sem vermelhos?” , pergunta ele, mais baixo desta vez.

“Prometo que te conto.” Seguro o baú com uma mão e desabotoo a gola com a outra. Outubro costuma ser bem ameno em Basgiath, mas hoje está quente o suficiente para me fazer pensar se minha mãe não estaria vindo de Luceras e usando seu símbolo que controla o clima para me atormentar. Não seria a primeira vez que ela dificultaria as coisas para me testar, como se usar o sobrenome dela no meu uniforme já não fosse um desafio pesado o suficiente.

Por outro lado, pelo menos os três anos em que ela comandou o Quadrante dos Cavaleiros foram durante o período de Brennan, e não o meu. As coisas sempre podem piorar. Ela poderia estar estacionada aqui, respirando no meu cangote e me lembrando constantemente que os Sorrengails sempre chegam ao posto de líder de esquadrão.

Um grito corta o silêncio da floresta ao norte, e eu viro a cabeça a tempo de ver uma labareda consumindo uma pequena clareira naquela direção. É. As coisas definitivamente poderiam ser piores.

Uma sensação de puxão no peito chama minha atenção cem metros para o oeste, onde uma árvore após a outra balança, como se um dragão estivesse vindo nessa direção.

"É você?" , sussurro, com uma faísca de esperança preenchendo meu peito.

Mexa-se !, gritam meus instintos, e os pelos da minha nuca se arrepiam.

Obedeci imediatamente ao instinto, descendo rapidamente da árvore e escorregando mais de uma vez quando minha espada curta se prendeu nos galhos.

Violet riria se pudesse me ver agora, atrapalhada em uma das coisas em que ela se destaca. Ela também me daria uma surra nos estudos, mas o aspecto físico do Quadrante Riders acabaria com seu doce sorriso em cinco segundos. Graças a Deus minha irmãzinha está estudando para ser escriba como o papai e nunca saberá o medo que se instalou em minhas veias desde o momento em que pisei no parapeito.

“Tem alguma coisa vindo.” Salto os últimos dois metros e aterrisso no chão coberto de folhas perto de onde Cowan espera, dobrando os joelhos para absorver o impacto, depois limpo as mãos na calça.

"Um tinto?" , pergunta ele, com a esperança brilhando em seus olhos castanho-escuros.

"Não consegui ver a cor da escama." Definitivamente não estou dizendo que acho que é Teine, porque poucas coisas me irritam mais do que estar errado.

"Argh." Ele joga a cabeça para trás e geme, a luz do sol filtrada iluminando as gotas de suor na pele morena e quente de suas bochechas.

"Fique à vontade para subir você mesmo, se achar que consegue fazer um trabalho melhor", ofereço, gesticulando em direção ao tronco enquanto examino a linha das árvores, na esperança de vislumbrar o que quer que tenha despertado meus instintos.

“Não posso controlar minha altura.” Ele salta, tentando alcançar o galho mais próximo, mas não consegue, seus dedos apenas roçando a base do galho antes de aterrissar. “Acredite, se eu pudesse crescer mais alguns centímetros espontaneamente e te alcançar, eu faria.” Ele esboça um sorriso rápido. “Aí talvez *eu* fosse o melhor da turma. Ou pelo menos te daria um pouco de trabalho.”

“Eu não sou o—”

Galhos quebram perto dali, e nós dois viramos a cabeça para a esquerda.

Por favor, seja Teine.

Um focinho vermelho-rubi surge por entre as árvores, rente ao chão em posição de combate, enquanto a cauda de escorpião passa a uns doze metros de distância, sem nos dar atenção. Baixo o olhar para o chão da floresta, por precaução, caso o vermelho esteja olhando em nossa direção, e todos os músculos do meu corpo se contraem.

O medo martela em meu coração com um ritmo crescente e percorre minha espinha. Uma coisa é ver os dragões enormes com suas escamas ondulantes, espinhos intimidantes e garras fatais, mesmo tão perto quanto estavam depois de Parapet e Presentation. Outra coisa bem diferente é ter um deles me rondando e saber que hoje é o dia em que ele se liga a você ou te mata. Dado que a única conexão que senti foi com Teine, esse vermelho provavelmente me incinerará se eu cometer a menor ofensa.

Cowan, por outro lado…

“Aqui está o seu vermelho”, sussurro, lançando um olhar para ele.

“Sim, é isso mesmo.” Ele acena com a cabeça, e seus ombros sobem e descem rapidamente enquanto encara o Rabo de Escorpião Vermelho. “Deuses, é isso mesmo.”

"Tome cuidado-"

"Eu consigo", promete ele com um sorriso rápido. "Nem você pode me proteger do destino." Seu arco bate contra as costas enquanto ele dispara para a floresta, perseguindo o dragão. "Boa sorte, Sorrengail!"

“Vejo você na pista de voo.”

As folhas farfalham e eu me viro para oeste, observando os galhos que balançam à distância. Aquela mesma sensação de formigamento no braço volta com o dobro da intensidade à medida que o movimento na copa das árvores se aproxima.

Mover .

Meu coração dispara, mas honro minha intuição mais uma vez, caminhando para o amplo espaço entre as árvores e entrando na luz solar plena. O movimento expõe minhas costas, e não consigo evitar me perguntar se este dragão quer ver se me tornarei vulnerável em troca de seu favor.

Sim, imediatamente me pergunto se essa decisão me colocará na lista de mortos de amanhã.

As copas das árvores bem à minha frente se abrem, e meu estômago revira quando o gigante verde aparece a seis metros de distância, com as asas dobradas para passar pela floresta.

É ele. Teine.

O dragão abaixa sua cabeça enorme, girando-a de um lado para o outro como uma cobra verde-caçadora. Uma cobra com pernas. E garras. E dentes. Saliva escorre de suas presas enquanto ele as mostra e avança.

Preciso de toda a minha autodisciplina para não recuar.

Puta merda. Puta merda. Puta merda. Isso está mesmo acontecendo? Ou estou prestes a morrer porque meus instintos não são tão bons quanto eu penso e este não é o meu dragão? Queria ter o selo do General Melgren — a habilidade de ver o resultado de qualquer batalha — mas vou ter que confiar no meu instinto.

Seu ronco grave faz minha espada tilintar na bainha, e eu me lembro de respirar. Morrer de hipóxia seria ridiculamente constrangedor, considerando todas as outras formas respeitáveis de morte que existem por aí hoje em dia.

Espera aí. Eu não devia olhar nos olhos dele, né?

Não. São vermelhos. Não... verdes também. Baixo o olhar para as garras dele. Droga. Tem algo a ver com súplica e espera por aprovação.

Droga. Violet saberia a resposta. Nenhum estresse jamais diminuiria os bilhões de fatos que aquela garota guarda na cabeça. Ela tem o hábito peculiar e adorável de despejar informações para se manter calma em situações onde seria melhor recuar para sua própria segurança.

Recuando. Respiro fundo. É isso.

Nunca recue diante de um green. Era isso que Kaori ensinava.

Tenho que manter minha posição, custe o que custar. Parecia infinitamente mais fácil enquanto eu estava sentada em uma sala de aula, ponderando sobre a natureza mais *razoável* dos vegetais. Nada nos dentes afiados da criatura à minha frente parece razoável, porque ele ainda é um maldito *dragão.* Talvez ele considere razoável me devorar para obter calorias em vez de simplesmente me incendiar e ir embora. Afinal, o que exatamente define "razoável"?

Cerrei os punhos ao lado do corpo para não me encolher enquanto a criatura verde exalava um hálito sulfuroso, envolvendo-me em vapor. Pelo menos não é fogo. Isso deve ser um bom sinal. Será que Brennan ficou tão assustado quando encontrou Marbh? Será que as pernas da minha mãe tremeram quando Aimsir apareceu?

Duvido muito.

Teine abre a boca mais do que eu sou alta, e minha respiração falha. Então ele solta um rugido ensurdecedor que faz meus cabelos voarem e estremece meus ossos.

Não se mexa. Não ouse se mexer, porra. Minhas unhas cravam nas palmas das minhas mãos, mas mantenho os pés firmes no chão, mesmo enquanto meu coração tenta, com todas as forças, saltar do peito como se pudesse escapar.

Sua cabeça se projeta para a frente e seus dentes se fecham com um estalo a poucos metros de distância, como se eu precisasse ser lembrado de que ele poderia me decapitar por diversão, mas mantenho minha posição.

Ele inclina a cabeça o suficiente para baixo. Seus olhos dourados me avaliam com um olhar descarado. Levanto o olhar para encará-lo, o que pode ser a melhor ou a pior decisão que eu poderia tomar. Acho que só o tempo dirá. Se ele for me matar, pelo menos verei isso acontecer.

“Você esconde bem o seu medo.” Sua voz é grave, imponente, e meu coração dispara.

Oh, deuses! Os dragões só falam com os cavaleiros que escolhem.

“Se isso fosse verdade, você não saberia que estou com medo”, retruco, deixando minha boca falar mais alto que meu bom senso. Kaori certamente me daria uma nota menor se me visse desobedecendo diretamente à regra mais fundamental: cavaleiros nunca devem falar com dragões aos quais não têm vínculo.

“Não seja absurda. Eu sei tudo sobre você, Mira Sorrengail.” Seu corpo oscila, e ele balança sua enorme cauda em forma de clava para a esquerda. Sua cauda colide com o tronco de uma árvore grossa, e a madeira se estilhaça, depois estala, o som cortando o ar denso.

Estalo. A árvore geme ao despencar pela folhagem, arrancando galhos pelo caminho enquanto se choca contra o chão. Dou uma olhada rápida para garantir que a trajetória da árvore esteja livre da minha posição atual, mas o resto do meu corpo permanece completamente imóvel. Se meu coração acelerar mais, ela vai disparar muito antes de mim.

"Tudo, exceto o ponto em que você se fratura", diz Teine, um suspiro antes da árvore se espatifar no chão, o galho mais próximo atingindo o solo tão perto que sinto uma brisa na minha bochecha.

"Não existe tal ponto." Luto para controlar minha respiração. Papai zombaria de mim se eu elogiasse Hedeon por me conceder a sabedoria de não me mover, então envio uma rápida oração de agradecimento a Zihnal para que a árvore não me enterrasse aqui mesmo.

"Veremos." Teine estende uma garra, uma de suas unhas raspando a camada superficial de folhas secas a centímetros da minha bota, sem perturbar o solo abaixo. A precisão é muito mais assustadora do que seus dentes. *"Não criei laços antes porque me recuso a suportar um cavaleiro que se quebra sob pressão."*

Ele estende uma única garra e a abaixa até o centro da minha coxa esquerda. O couro cede, e eu prendo a respiração, sustentando seu olhar estreito enquanto a primeira onda de dor inunda minha corrente sanguínea. Uma chama percorre minha perna, e sinto minha pele se romper, mas me recuso a desviar o olhar dos olhos de Teine.

Esse vínculo só funciona se confiarmos um no outro.

Acho que os dragões pensam que a confiança começa com a dor.

"Fui criada num cadinho", forço as palavras entre os dentes cerrados. "A pressão é o meu campo de atuação. Posso não ser a primogênita de Sorrengail, mas sou a filha mais velha. Não existe essa coisa de *quebrar* ."

"Ah sim, um lendário Sorrengail."

A dor rapidamente se transforma em agonia quando sua garra corta minha coxa. Cerrei os dentes para não gritar e, de alguma forma, consegui me manter de pé, mesmo com meus joelhos ameaçando ceder.

"Estou curioso. Seu irmão é filho da sua mãe e sua irmã é filha do seu pai, então a quem você pertence?"

As palavras ferem mais fundo que os ossos e machucam muito mais do que o corte que ele fez na minha coxa. Ele não apenas encontrou minha única insegurança; ele a expôs à luz e a cutucou para me ver sangrar. Ele tem razão. Brennan é da mamãe. Violet é do papai. Eu sou… de ninguém. Mas todas elas são minhas, e isso basta.

"Eu pertenço a mim mesma." Respiro fundo em meio a cada forma de dor

que ele me inflige. "E talvez a você também, mas só se você tirar a unha da minha perna. Você não me assusta."

Os olhos de Teine brilham por uma fração de segundo, e ele ergue a garra, balançando-a diante do meu rosto. Meu sangue escorre da ponta afiada, e minha coxa começa a latejar.

Tudo bem. Essa quantidade de sangue é um pouco... assustadora.

“É verdade, não sou a favorita de ninguém.” Olho além da garra para os olhos dele, tentando não me concentrar na substância carmesim que antes corria em minhas veias. “Mas isso só me ensinou a me esforçar mais nas coisas que posso controlar.”

“E o que você fará com todo o poder que eu poderia lhe dar?”, ele pergunta, pousando a garra no chão e me observando mais atentamente. *“Você consertará as coisas quebradas como seu irmão? Invocará as tempestades como sua mãe? Controlará o fogo como sua avó? Domará as marés como seu bisavô—”*

“Conheço muito bem o legado da minha família. Não preciso que o recitem.” Se ele insistir em continuar, ficaremos aqui até o anoitecer, e a pulsação na minha perna se intensificou, transformando-se em uma dor aguda por todo o corpo, que torna cada vez mais difícil permanecer de pé. “Não tenho como saber qual símbolo manifestarei, mas o usarei de todas as maneiras possíveis para proteger aqueles que amo. Para proteger aqueles *que você* ama. Nenhuma dor que me seja infligida jamais mudará isso.”

Teine inclina a cabeça para trás lentamente e pisca. *"Eu te aceitarei como meu primeiro cavaleiro, mas se você cair no caminho para o campo de voo, não lamentarei antes de escolher um segundo."*

“Duro. Posso respeitar isso.” Meu pulso dispara por um motivo completamente diferente, enquanto o medo é rapidamente substituído pela euforia. Ele está me escolhendo. Ou pelo menos permitindo que esta entrevista passe para a fase de voo, com a qual não tenho nenhuma preocupação. “Suponho que, se você me aceitar como sua primeira cavaleira, então eu a aceitarei como meu primeiro dragão.”

“Cavaleiros não sobrevivem à morte de seus dragões.” Teine se ergue em toda a sua altura e crava suas garras no chão, misturando meu sangue à terra.

“Sem senso de humor. Entendi.” Fico na ponta dos pés para testar a dor, mas nem me dou ao trabalho de olhar para a perna. Ainda consigo apoiar o peso nela, então vou lidar com qualquer dano quando chegarmos à pista de pouso. Além disso, se fosse uma artéria, eu já estaria morto.

"Como se eu fosse tão descuidado a ponto de te ferir mortalmente?", resmunga Teine, irritado. *"Eu sou a personificação do controle, e espero o mesmo de você."*

“Excelente. Bom saber que estou entrando em mais um relacionamento baseado em expectativas irreais.” Respiro fundo e corro em direção a Teine, apesar da dor que me consome na parte inferior esquerda do corpo. Na hora de pular, me impulsiono com o pé direito e subo boa parte da perna dele antes de precisar me agarrar às suas escamas para me impulsionar até o topo.

Assim que chego ao seu assento, posiciono-me como Kaori nos ensinou, mantendo as mãos nas escamas do pomo e usando as coxas para me segurar firmemente, preparando-me para o lançamento. Só então olho para a esquerda, onde vejo um rastro de sangue em suas escamas verdes. Ele pode ter me marcado, mas eu fiz o mesmo com ele à minha maneira.

“Agora vamos ver se você consegue aguentar tempo suficiente para informar meu nome completo ao responsável pela lista”, diz ele enquanto se agacha embaixo de mim.

“Você nunca vai me abalar.” Um sorriso se espalha pelo meu rosto. “E eu posso te prometer uma coisa, Teine. Eu posso não ser seu último cavaleiro, mas serei o seu favorito.”

Ele resmunga, mas uma onda de aprovação surge no tênue sussurro de um laço que se forma à margem da minha mente quando ele salta para a frente e atravessa o buraco na copa das árvores que ele mesmo criou ao derrubá-las.

Voamos, e a dor na minha perna desaparece sob uma onda de adrenalina enquanto planamos contra o vento. Cada batida das asas de Teine nos impulsiona mais rápido, e meu sorriso se alarga. Não é à toa que mamãe insistiu para que Brennan e eu fôssemos cavaleiros. Nada em terra firme se compara a isso: a liberdade, a velocidade, a euforia. Vale cada gota de dor que o quadrante nos impõe.

Minha perna protesta veementemente em uma série de espirais, mas eu moldo meu corpo às costas de Teine e me mantenho sentada como qualquer boa Sorrengail.

Quando aterrissamos, estou tonto pela emoção, pelo ar rarefeito e provavelmente por ter perdido bastante sangue, e nunca estive tão feliz.

Solto um suspiro de alívio ao ver Cowan parado orgulhosamente em frente ao seu Red Scorpiontail, com uma bandagem enrolada no braço. Comemoraremos mais tarde, assim que o mundo inteiro souber que Teine *me* escolheu .

Cada passo que domino o cavalo no campo de voo é excruciante, mas evito a humilhação de mancar graças à pura força de vontade. Meu olhar percorre os cavaleiros reunidos na encosta e o palanque à minha frente enquanto caminho em direção à chamada dos alunos do terceiro ano. Panchek está aqui, é claro, e até mesmo o comandante-geral de todas as forças de Navarra — o General

Melgren — fez questão de aparecer, junto com os generais das alas leste e oeste. Não há sinal da minha mãe.

Engulo o gosto amargo da decepção e me lembro de que há uma guerra acontecendo e que ela é necessária em outro lugar. Honestamente, eu preferiria que ela estivesse na linha de frente com Brennan ou em seu posto no posto avançado de Torseney, protegendo papai e Violet. Mas ainda assim, teria sido bom ver um lampejo de reconhecimento em seus olhos.

"Minha aprovação é tudo o que vocês devem buscar de agora em diante", afirma Teine em sua palestra.

Reviro os olhos, mas um sorriso surge no meu rosto enquanto digo o nome completo de Teine para o responsável pelos registros, tornando-me oficialmente sua escolhida.

Tyrrendor que se cuide. Dois irmãos Sorrengail agora ostentam o título de *cavaleiro.*

631 UA
Sgaeyl—Cauda de Adaga Azul
(Feminino) Descendente da linhagem Gormfaileas
Idade estimada: 64
Cavaleiros Registrados: 3

ATENÇÃO: NÃO SE APROXIME SOB NENHUMA CIRCUNSTÂNCIA.

—O Compêndio da Espécie Dracônica,
Última atualização por Coronel Valin Kaori

Xaden

Os calouros invadem a floresta ao sul enquanto a neve começa a cair, mas eu espero na orla das árvores com os outros alunos já cadastrados, enquanto a multidão passa correndo com uma exuberância que jamais compreenderei.

Por outro lado, esses navarrianos provavelmente não precisam se preocupar com um dragão vendo seus segredos mais profundos e obscuros, seus

pensamentos, suas memórias que os despertam em um suor frio. Todos estão aqui porque se voluntariaram. Nenhum deles foi jogado no Quadrante dos Cavaleiros porque seus pais eram os líderes da apostasia — o termo tyrrish para nossa revolta. Essa honra pertence a nós dez, que estamos aqui com relíquias da rebelião enroladas em nossos braços esquerdos — uma marca que a maioria do reino acredita ter sido *dada* a nós pelo dragão do General Melgren após a execução de nossos pais, três anos atrás.

Somos nós que temos algo a esconder, aqueles cujos pais lideraram uma rebelião justa pelo bem maior, apenas para perder, aqueles que todos os outros cadetes neste inferno que é a faculdade querem mortos.

E como filho de Fen Riorson, tenho a responsabilidade de garantir que todos saiamos daqui vivos.

Marcados. Separatistas. Traidores. Essas palavras têm sido lançadas contra nós durante anos, mas nos acostumamos aos insultos. A desumanização dos derrotados pelos vencedores é um clichê com o qual aprendemos a conviver.

Temos nos ajudado secretamente sempre que possível, nos estudos, na preparação para o Desafio e no tatame, mas não há muito que eu possa fazer em relação aos dragões cuspidores de fogo que nos aguardam naquela floresta, e isso está me *matando* . Se algum de nós morrer, será minha culpa por ter nos colocado aqui em primeiro lugar.

"Quando você acha que devemos ir?" , pergunta Garrick baixinho à minha direita. Seu lábio ainda não cicatrizou da última vez que Alic Baran o emboscou enquanto dormia.

Eu odeio aquele valentão maldito quase tanto quanto odeio aquele idiota do pai dele.

Soleil olha para mim pela esquerda, buscando a mesma resposta.

“Ainda não.” Mantenho o tom de voz baixo. “Não vamos dar as costas para eles, se pudermos evitar.”

Ambos acenam com a cabeça e, em seguida, transmitem a mensagem aos outros em seus respectivos lados.

“Prontos para morrer, seus separatistas de merda?” Amber Mavis sibilou em nossa direção, estreitando seus olhos azuis antes de correr para alcançar alguns de seus companheiros de esquadrão. Ela foi a última dos navarrianos a entrar no vale.

Que se dane ela e seu complexo de superioridade.

Cerrei os punhos ao lado do corpo, mas respirei fundo e engoli o choro. Não era nada que já não tivéssemos ouvido antes, e deixar a raiva me dominar não me levaria a lugar nenhum. Uma vez dentro daquelas árvores, tudo poderia acontecer — os cadetes tinham a mesma probabilidade de nos matar quanto os

dragões —, mas Kaori ainda estava observando, e eu era inteligente o suficiente para não quebrar o Código na frente de um professor. Ele pigarreou, como se quisesse nos lembrar de que ainda estava entre nós e a floresta, como se houvesse alguma chance de nos esquecermos.

“Já que falar com mais de três de vocês ao mesmo tempo é uma oportunidade que nunca me é dada, graças ao Adendo Cinco ao Código de Conduta, vou aproveitar”, diz Kaori, e flocos de neve pousam em seus cabelos negros antes de derreterem.

Nunca neva tão cedo em Basgiath, mas hoje uma frente fria chegou, cedo o suficiente para vestirmos nossos uniformes e capas de inverno mais pesados. Não consigo deixar de me perguntar se a General Sorrengail está lá em cima manipulando o clima só para dificultar as coisas para nós. Não duvidaria dela. Ela pode ter feito o acordo comigo que nos colocou no quadrante em vez do cadafalso, mas ela também é a oficial que caçou nossos pais. Por mais que eu adorasse me infiltrar no campus principal e tirar a vida do caçula dela, só para que ela pudesse sentir a dor que nós cento e sete carregamos todos os dias, isso resultaria na morte de todos os outros marcados. Por enquanto, terei que me contentar com a certeza de que ela ainda lamenta a morte do mais velho.

“Sei que o quadrante não tem sido fácil para vocês dez.” A preocupação se destaca entre as sobrancelhas escuras de Kaori enquanto ele olha para o nosso grupo. Ele e Devera são os únicos professores que não nos tratam como párias. Tenho quase certeza de que os outros estão torcendo para que os dragões acabem com a gente hoje, só por precaução, caso nos tornemos como nossos pais. “Mas eu vi o que acontece depois da Debulha, como a dinâmica de poder muda quando dragões poderosos se unem. Prometo que os outros vão parar de atacá-los assim que vocês tiverem um dragão ao seu lado.”

Nenhum de nós responde.

“Certo.” Kaori tira a neve do cabelo dele. “Cuidado com Cruinn, Raighmur e Tealach. Todos eles tiveram cavaleiros mortos durante a rebelião, e eles serão…”

"Querem nos devorar?" , pergunta Carrigan Wyckley à minha esquerda, onde está ao lado de sua irmã gêmea idêntica. Ambas fazem parte do esquadrão de Amber Mavis na Terceira Ala, e não tenho dúvidas de que Amber aproveitará a falta de supervisão de hoje para tentar eliminá-las. Ainda bem que a maioria de nós é excelente em combate, incluindo as gêmeas.

“A ideia de que dragões comem pessoas é um grande equívoco.” Kaori tenta sorrir para nós. “Sim, eles com certeza vão engolir uma pessoa se precisarem de calorias, mas—”

“Entendemos o que a senhora está dizendo, professora”, interrompe Garrick antes que Kaori comece uma aula completa.

“Ótimo.” Kaori acena com a cabeça e bate palmas. “Então, nos vemos no campo de voo. Lembrem-se de se separarem quando chegarem lá. Temos alguns alunos do segundo e terceiro ano observando, que vão garantir que vocês cumpram o Código de Conduta.” Ele se afasta em direção à colina, deixando nós dez nos arredores da floresta.

Nove pares de olhos pousam sobre mim.

"Acha que ele suspeita?" , pergunta Bryn, levantando a mão esquerda, onde os redemoinhos brilhantes de sua tatuagem, uma espécie de relíquia, espreitam por baixo do uniforme, acima do pulso.

"Duvido." Meu maxilar se contrai em frustração. Saber tudo o que acontece ao nosso redor é impossível, mas desconhecer quem está a par dos nossos segredos pode nos custar a vida. As relíquias em nossos braços fazem mais do que nos marcar como filhos de traidores, mas quanto mais tempo mantivermos essa informação em segredo, melhor.

"Alguma última palavra de sabedoria antes de entrarmos?" Soleil abotoa a capa sob o pescoço.

“Mantenham suas armas em punho o tempo todo.” Estendo a mão por cima do ombro e desembainho uma das duas espadas que guardo nas costas, assim como Garrick. Cada um segura sua arma preferida. “Esqueçam o que Kaori disse sobre irem sozinhos e andem em duplas, como conversamos. Lembrem-se, temos tantas ameaças bípedes quanto quadrúpedes. Não hesitem em se defender e não tenham piedade, pois não a receberão. Nos encontraremos na árvore esta noite.”

Todos assentem com a cabeça, mas há alguns olhares cabisbaixos, e os ombros de Howell estão caídos. De todos nós aqui, ele é o único que não é de Tyrish, mas seu pai e seu dragão lutaram ao nosso lado, o que lhe rendeu uma sentença de morte.

Uma cacofonia de ruídos chama nossa atenção para o céu, e uma revoada de dragões irrompe pelas nuvens acima de nós. A visão é suficiente para me deixar sem fôlego. Todas as raças, exceto a preta, estão dispostas a se unir este ano, e descem sobre a floresta com a força de um terremoto, cento e sessenta e três deles aterrissando nas árvores.

Acho que chegou a hora.

“Os dragões sabem o que nossos pais fizeram.” Masen, nervoso, empurra os óculos para cima do nariz.

“É, e você deve se lembrar que alguns dos Empíreos ficaram *do* nosso lado”, diz Garrick, ajustando a empunhadura da espada. O cara cresceu mais alguns centímetros no último ano, deixando sua estrutura normalmente robusta um pouco desengonçada. “Há dragões aqui que sabem o que existe lá fora e farão a

mesma escolha. Só precisamos encontrá-los antes que os outros nos encontrem. Isso não é o fim do mundo.”

“Parece que sim.” Cerella Wyckley encosta a bochecha morena no ombro da irmã.

“ *Todos* vocês sobreviverão”, ordeno, elevando a voz, e suas espinhas se endireitam. Excelente. Eles estão praticamente mortos se entrarem lá já derrotados. “Vocês viverão por nossos pais, por nossos irmãos, uns pelos outros. Somos os dez primeiros a entrar neste quadrante, mas ainda há noventa e sete a seguir, e mostraremos a eles que podemos não apenas sobreviver a este lugar, mas prosperar nele.” Bodhi estará aqui no ano que vem, e Liam no ano seguinte. A ideia do meu primo e irmão adotivo passando por isso me embrulha o estômago. “Temos uma missão, e a cumpriremos. Não estaremos na lista de mortos de amanhã. Eu proíbo isso. Entenderam ?” Encaro-os um a um, e lentamente, todos assentem, até mesmo Howell.

Os pares seguem em suas direções designadas.

Os gêmeos a leste.

Howell e Weylan abriram caminho entre os gêmeos e o centro.

Keanan e Bryn caminham de mãos dadas rumo ao oeste.

Soleil e Masen desaparecem entre as árvores à direita.

Garrick e eu seguimos direto para o meio da floresta, e a neve desaparece à medida que passamos por baixo da copa das árvores enormes. Meu olhar percorre a floresta da esquerda para a direita e depois volta, procurando por ameaças.

Um sorriso travesso surge no rosto de Garrick assim que os outros desaparecem de vista. "Ah, o amor jovem. Keanan e Bryn continuam firmes e fortes, mesmo depois de terem sido criados em lares diferentes. Isso me dá esperança."

“Amar alguém neste lugar é uma tremenda estupidez.” Balanço a cabeça e observo as árvores em busca de movimento. “Isso te torna vulnerável. Vulnerabilidade é fraqueza. Dragões matam coisas fracas.”

“Sempre o romântico.” Seu sorriso se alarga, reabrindo o corte em seu lábio enquanto examina o perímetro à esquerda.

“Sou realista.” Eu fico de vigia à direita, olhando por cima do ombro para garantir que nossas costas também estejam livres de perigo.

“Um dia, alguém vai aparecer e te derrubar, Xaden.” Ele ri. “E eu só espero estar vivo para ver…” Seu rosto se fecha. “Droga. Quase me esqueci.”

"Que tenho cerca de oito meses até ficar noiva de alguém que não suporto?" Um coelho chama minha atenção, mas rapidamente desvio o olhar.

“É. Droga. Me desculpe.” Ele esfrega a nuca com a mão esquerda, mantendo

a espada na direita. “Mas talvez um dia você desenvolva sentimentos pela Cat—”

“Não vai acontecer. Isso é negócio. Não é amor.” Cada encontro que já tive com esse aristocrata mimado só reforçou minha crença de que seremos infelizes. “Mas esse contrato nos dá uma chance de lutar, e isso é tudo o que importa.”

"Certo." Ele solta um longo suspiro, e a culpa me atinge em cheio.

Ele é meu melhor amigo desde que me lembro, e a última coisa que quero é que ele se sinta mal por eu cumprir o acordo que meu pai fez, então mudo de assunto para ele. "Além disso, nem todos nós nos apaixonamos pela primeira garota que vemos e depois não fazemos nada a respeito—"

“Ela *não* foi a primeira garota que eu vi”, argumenta ele, passando a espada para a mão esquerda para poder apontar o dedo na minha direção. “E você não escolhe por quem se apaixona.”

"Vamos ver como isso vai ser para você no ano que vem, quando ela chegar. Você vai ter que parar de brincar, sabia?" Um sorriso surge nos meus lábios enquanto o rosto dele cora.

"Você que o diga, considerando que se arrastou para fora do quarto de um veterano esta manhã." Ele debocha. "Além disso, aquela mulher *nunca* vai admitir que me quer, e por isso nunca vai rolar nada. Eu vou estar livre para transar com quem eu quiser pelo resto da vida, enquanto você, minha doce ursinha, não vai. Um de nós vai estar num casamento sem amor, e o outro apaixonado, mas sem esperança de casamento. Não sei de quem eu sinto mais pena."

“Formamos um belo par.” Concordo com a cabeça, notando que a neve parou.

“A desgraça gosta de companhia, e você e eu navegaremos por essas águas melancólicas como fazemos com tudo na vida — juntos.” Ele envolve meu pescoço com o cotovelo. “Teremos que tirar o melhor proveito deste ano, suponho.”

Um grito estridente irrompe à distância, e seu braço se desprende enquanto diminuímos o ritmo dos nossos passos.

“A boa notícia é que tem uma pessoa a menos por aí tentando nos matar.” Dou de ombros.

“Louvado seja Malek!” Ele hesita. “A menos que você ache que aquele era um de nós.”

Eu balanço a cabeça negativamente. "Muito longe."

O sol atravessa as nuvens enquanto seguimos pelo caminho oeste, contornando uma sequoia mais grossa que as torres de Basgiath, e Garrick leva a mão ao peito.

"Você está bem?" Minha testa se franze.

“Algo…” Ele olha para o horizonte enquanto contornamos a árvore, e eu sigo seu olhar em direção ao que parece ser uma clareira a oeste. “Algo no meu peito… dói. Como se um anzol estivesse preso entre minhas costelas e estivesse puxando—” Garrick para de andar.

"Pode ser o seu dragão." Olho para trás, para Garrick, e paro abruptamente. Meu estômago se contrai ao ver a adaga cravejada de joias encostada na garganta pálida do meu melhor amigo.

Uma das poucas pessoas no mundo que eu não posso matar impunemente está atrás de Garrick, alto o suficiente para que seus cabelos loiros e olhos verde-reais apareçam acima do ombro de Garrick.

"Você me atacaria pelas costas? Isso é baixo, até para você." Garrick arqueia o pescoço para se esquivar da lâmina, e eu imediatamente levanto minha espada. "Mas pelo menos estou acordado desta vez."

Aquele idiota atacou o Garrick enquanto ele dormia semana passada, completamente à vontade para quebrar o Códice, sabendo que ninguém diria nada porque ele é um príncipe de Navarra. Eu só acordei quando o Garrick já estava bastante espancado, e que me perdoem se ele sair impune de novo.

"Solta isso, Alic", ordeno.

Ele sorri maniacamente e inclina a cabeça.

Que se dane. Se formos só nós três, eu o estripo e ninguém vai saber de nada. O Rei Tauri tem três filhos. Ele não vai sentir falta de nenhum, e não é como se o primogênito de Alic fosse o primeiro na linha de sucessão ao trono. Aquele foi para o Quadrante da Infantaria como um bom primogênito aristocrata.

Como meu pai queria que eu fizesse.

Só que apenas dois de nós aqui temos relíquias da rebelião, o que significa que, se eu provocar uma luta, o selo de Melgren permitirá que ele veja o resultado. E aí, Garrick e eu seremos executados por matar esse idiota, o que seria prejudicial ao objetivo do que estamos fazendo em Basgiath.

“Vossa *Alteza* Real , Alic Tauri Baran. Onde estão seus modos?” Alic estala a língua. “Um movimento seu, Riorson, e Tavis vai sangrar até o chão.” Ele raspa a adaga na pele de Garrick.

Maldito seja . O gosto metálico do medo cobre minha língua, mas mantenho a lâmina nivelada e os olhos fixos na faca. A ponta da minha espada está a apenas uns sessenta centímetros de causar dano, mas ele está usando Garrick como escudo. Não *importa* o quão rápido eu me mova, ele pode cortar a garganta de Garrick antes que eu chegue lá.

“Vejam só o que temos aqui, rapazes”, grita Alic. “O filho do líder da rebelião e seu ajudante.”

Dois de seus pequenos bajuladores da Segunda Ala — Eian e Lorne — saem correndo de trás da sequoia gigante, espadas em riste. Eles são apenas alguns centímetros mais baixos do que eu, e Lorne é forte como um touro.

Estamos em desvantagem numérica, e eu ainda não resolvi completamente a questão da lâmina no pescoço de Garrick, o que Alic me lembra pressionando a adaga com força suficiente para fazer brotar uma única gota de sangue.

"Abaixe sua espada, Riorson", ordena Alic num tom arrogante que carrega apenas a autoridade com a qual nasceu.

"Não faça isso—" Garrick começa, e Alic tira outra gota de sangue.

Em vez de abaixar minha espada, eu a embainho atrás das costas. É mais útil ter as duas mãos livres. Afinal, há pelo menos uma dúzia de adagas presas ao meu corpo sob esta capa.

Eian e Lorne avançam, parando apenas quando ambos seguram as pontas de suas espadas a centímetros do meu peito. Já esmaguei a almazinha do Eian no tatame este ano, mas Lorne pode representar um desafio à altura. Aposto que ele ainda está furioso por eu ter matado seu melhor amigo na terceira rodada de desafios, depois que ele quebrou o dedo da Soleil. Ops.

“Shhh, calma aí, Tavis.” Alic levanta a lâmina, fazendo um barbear incrivelmente rente em Garrick, que me dá um nó no estômago. “Os aristocratas estão falando.” Seus olhos verdes brilham. “Ah, quase me esqueci. Você é o Duque de Nada agora, não é, Riorson? Acho que só um de nós ainda é nobre.”

Não vou cair na armadilha. Não, mantenho o monstro dentro de mim sob controle, sabendo que um movimento errado, palavras erradas, e isso levará Garrick à morte. O controle é a única coisa da qual me orgulho. Todo o resto é genética ou treinamento.

Cuidem uns dos outros . Foi isso que papai ordenou quando partiu para a Batalha de Aretia.

Procuro não me lembrar da agressividade que lhe dirigi quando ele não nos deixou ir com ele.

"Nada a dizer?" , provoca Alic. "Ótimo, então. Vamos conversar sobre todas as coisas que você costumava ter e que agora me pertencem, e ver se o Tavis aqui tem mesmo um dragão naquele campo." Ele empurra Garrick para frente, com a lâmina ainda em sua garganta, e me faz um gesto para acompanhá-lo. "Aposto que basta um olhar para a posição em que te coloquei para você ser incinerado na hora. Ande."

Viro as costas para Lorne e Eian para me afastar alguns passos de Garrick, mantendo o foco dividido entre o branco dos olhos de Garrick e o movimento das sombras de nossos atacantes na luz solar irregular enquanto caminhamos em direção à clareira.

Lorne pressiona sua espada contra minhas costas.

Acho que terei que matá-lo primeiro. Seguindo para oeste nessa trajetória, se os outros mantiverem a deles, interceptaremos vocês, espero que em breve.

"Ele tem mais alguma arma com você?" Faço um sinal com as mãos perto do meu corpo, evitando os três atrás de nós, mas chamando a atenção de Garrick. "Pisque uma vez para não. Duas vezes para sim."

Ele pisca uma vez.

Essa é a melhor notícia que ouvi o dia todo.

"Não tropece", respondo em sinal.

Ele me presenteia sutilmente com o dedo do meio.

“Vamos ver”, Alic continua falando monotonamente enquanto atravessamos o chão da floresta. “Sua cidade é minha — bem, pelo menos os restos carbonizados dela. Dragões não deixam muita coisa para trás quando incendeiam uma cidade, não é?”

“Precisamos mantê-lo confiante”, sinalizo para Garrick. Se aprendi alguma coisa sobre Alic Baran nos últimos setenta e oito dias, é que ele não matará Garrick até se divertir humilhando-o agora que pensa ter o poder. “Precisamos que ele cometa um erro.”

Ele pisca duas vezes.

Um dragão ruge ao sul, seguido por um grito de dor. A pressão nas minhas costas desaparece e continuamos caminhando.

“E tem as terras ao redor da sua cidade”, continua Alic. “Ah, e aquela fortaleza fabulosa que você chama de casa. Aquela também é minha.”

"Vou precisar da sua espada", sinalizo para Garrick.

Ele pisca uma vez.

"Vou precisar da sua espada", sinalizo novamente. Idiota teimoso.

Ele revira os olhos e depois pisca duas vezes.

“Não há muito dinheiro para impostos, já que todo o seu povo está morto.” Alic suspira. “O que, claro, explica por que nenhum outro nobre se apresentou para reivindicar seu título. Bem, o título *de seu pai* . Nunca foi realmente seu, não é?”

"Manobra Aldwin", sinalizo para Garrick, mantendo as mãos firmemente pressionadas contra o peito.

Ele pisca uma vez.

"Tudo bem. Gerwin?" Eu sinalizo outra opção. Benefícios de treinarmos juntos praticamente a vida toda? Temos o mesmo vocabulário de combate.

Ele pisca duas vezes.

“É um milagre que nunca tenhamos nos conhecido antes de Parapet, de verdade”, tagarela Alic. “Seu pai, sem dúvida, a mantinha afastada das reuniões

para manter seus planos de rebelião em segredo.”

"Meu pai me manteve longe dos aristocratas porque sabe que vocês são um bando de babacas arrogantes que governam apenas em benefício próprio", retruco, porque que se dane ele.

Entramos na clareira e o sol me presenteia com uma visão nítida das sombras de nossos atacantes. Há um espaço entre as espadas e minhas costas, o que me dá alguma margem de movimento, mas a sombra de Alic se funde com a de Garrick.

Uma onda de vapor nos envolve, e todos nós ficamos imóveis.

Meus pulmões se contraem. Perto de uma árvore solitária, no meio do campo, está um dragão gigante azul-safira com uma cicatriz no focinho e uma cauda em forma de clava balançando atrás de si.

“Olá”, diz Alic em voz baixa.

"É seu?" Faço um sinal para Garrick, com a esperança iluminando meu peito.

Ele pisca uma vez. *Não.*

Droga. Essa esperança morre rapidinho. Os Azuis são os dragões mais implacáveis do Empíreo. São máquinas de matar com escamas bonitas e sede de sangue. E se aquele não estava chamando o Garrick, ou está aqui para se ligar a um dos idiotas atrás de nós ou para nos matar. Nenhuma das duas opções é favorável à nossa sobrevivência.

Mas pelo menos não é azul-marinho—

Uma sombra se projeta sobre o campo, bloqueando o sol por um instante antes que outra borboleta azul pouse ao lado da borboleta-de-cauda-em-clava. Seus olhos dourados se estreitam sobre nós enquanto ela se ergue em toda a sua altura, e quando penso que não pode ficar maior, ela fica. Escamas azul-marinho. Agitando uma cauda em forma de adaga.

Puta *merda* .

Sgaeyl.

"Sgaeyl", sussurra Alic, maravilhado.

De todos os dragões que Kaori projetou para nós, ela é aquela que ele nos disse para não nos aproximarmos sob *nenhuma* circunstância. Ela não é apenas implacável, ela é simplesmente cruel. Ela abandonou seu primeiro cavaleiro à morte por covardia, há rumores de que matou o segundo e não se incomodou com nenhum cavaleiro desde que o último morreu, há mais de quarenta anos, antes mesmo de ele deixar o quadrante. Eu não sou descendente direto dele, mas o sobrenome dele também era Riorson.

Meu coração começa a palpitar quando ela se senta e inclina a cabeça como se estivesse pronta para um show. O beija-flor-de-cauda-clava olha em sua direção, e ela vira a cabeça bruscamente para ele, estalando os dentes a

centímetros do focinho. O beija-flor-de-cauda-clava-azul gira, dando-lhe amplo espaço antes de se acomodar a uns quatro metros de distância.

Ela volta a nos encarar com aqueles olhos dourados, e Malek, perdoe-me pela minha estupidez, mas não consigo desviar o olhar.

"Que *droga* ", murmurou Eian.

Exatamente.

Ela não é apenas majestosa, ela é aterrorizante, e eu *adoro* isso.

"Meu", sussurra Alic, me despertando bruscamente do meu devaneio.

Dele? Que nada. Uma raiva inexplicável sobe pelas minhas costelas e se instala na base da minha garganta, mas não me permito agir por impulso. Respiro fundo e acolho o ar gélido em meus pulmões, deixando-o congelar a raiva e não deixar nada além do cálculo frio e cruel que esta situação exige.

"Vamos mostrar a ela que sou páreo para ela?", diz Alic, conquistando toda a minha atenção. Sangue escorre pela garganta de Garrick do mesmo pequeno corte de antes.

Sgaeyl lança um olhar para o norte antes de voltar a nos encarar, e a esperança renasce. Alguém está vindo.

“Mostre a ela como se saúda a realeza, Tavis.” Alic raspa a adaga na lateral do pescoço de Garrick. “De joelhos, limpe a lama das minhas botas para que eu não a suje quando montar nela.”

“Vai se foder”, responde Garrick.

Um canto da minha boca se curva num sorriso enquanto observo os arbustos ao norte começarem a se mover. "Faça isso", sinalizo.

“Vai se foder você também”, diz Garrick na minha direção.

"De joelhos!" grita Alic.

A libélula-azul mostra os dentes, e minhas sobrancelhas se erguem. Há muitos ânimos exaltados neste campo para que isso termine bem para qualquer um de nós, exceto para as libélulas azuis.

"Eu preferiria morrer—" Garrick começa.

"Ajoelhe-se agora mesmo ou Riorson morre", ameaça Alic, e as sombras no chão se movem quando algo afiado pressiona minha capa. Vou ficar furioso se tiver que remendar isso quando terminarmos. "Eu sou o segundo na linha de sucessão ao trono de Navarra, e você não é ninguém!"

É evidente que alguém tem um complexo de inferioridade em relação à ordem de nascimento.

“Você é filho de um traidor morto e vai obedecer!” grita Alic. “Ajoelhe - se !”

A libélula Blue Clubtail solta mais uma baforada de vapor e, em seguida, recua para o meio das árvores altas na borda do campo, deixando apenas a

cabeça exposta.

Isso é... inesperado.

“Faça isso”, sinalizo novamente.

A faca permanece ao lado do pescoço de Garrick, e sua espada raspa o chão enquanto ele se abaixa lentamente até ficar de joelhos. Os músculos de sua mandíbula se contraem. Ele vai me matar por isso, mas pelo menos estará vivo para fazê-lo.

Masen surge do meio do mato e tropeça no campo. *Finalmente* . Agora há três marcados aqui e tudo pode acontecer.

“Vamos deixar uma coisa bem clara”, digo devagar. “Você não possui nada que seja meu.”

"Desculpe?" , Alic balbuciou na minha direção.

“Seu pai é dono das terras do meu pai. Seu pai é dono do título de propriedade do meu pai. Seu pai é dono *de você* .” Viro a cabeça lentamente para olhar Alic nos olhos.

"Eu sou um príncipe!" , ele grita, com o sangue a subir-lhe às bochechas e os olhos arregalados.

A partir daí, tudo acontece muito rápido.

Estendo a mão esquerda para baixo, com a palma aberta. Garrick empurra o pomo da espada contra minha mão e, em seguida, a afasta com um movimento rápido. No instante em que o aço toca minha pele, eu a seguro firmemente e giro para a esquerda. Empunho a espada com um movimento de costas, cortando o antebraço de Alic e derrubando a adaga de sua mão.

Alic grita de dor, mas não me dou ao trabalho de verificar o estrago que causei.

Lorne e Eian avançaram, brandindo suas espadas em direção ao meu peito, fazendo com que eu caísse no chão coberto de neve, e as duas espadas se chocaram em algum lugar acima de mim. Assim que Garrick se moveu, eu também me movi.

Eian geme quando me levanto de um salto e encontro uma lâmina cravada perto de seu coração, com a mão de Garrick cobrindo o cabo cravejado de joias da adaga de Alic.

Eu jogo a espada de Garrick para ele, para que ele possa lidar com Lorne, e volto minha atenção para Alic.

O príncipe cambaleia para trás, e sangue escorre pelos dedos com que segura o antebraço.

O som de tiros de aço atrás de mim é ensurdecedor, mas não preciso olhar. Garrick sabe se virar. Os duques Lindell e Lewellen garantiram que ambos soubéssemos.

"Você não pode sair impune dessa!", grita Alic, mas seu lábio inferior treme.

“Saque sua espada.” Desabotoo o botão da minha gola e minha capa cai no chão enquanto avanço. A expectativa pulsa em minhas veias.

“Não.” Ele começa a arrastar os pés enquanto se afasta de mim. “Você não vai matar um cadete desarmado.”

"Eu vou", asseguro-lhe enquanto Lorne grunhe e grita de dor atrás de mim. "Você merece morrer por tudo o que fez Garrick passar desde Parapet, e não vou deixar que ele carregue mais nenhuma marca sua, incluindo o peso da responsabilidade pela sua morte. Isso acaba agora. Pegue. Sua . Espada."

"Você não quer fazer isso!" Seus olhos estão arregalados como punhos enquanto ele acelera o passo para trás.

“Sim.” Meus braços balançam livremente ao lado do corpo enquanto o caço como a presa que ele nos tratou. Tenho plena consciência de um par de olhos dourados observando cada movimento meu, e mesmo assim, continuo. Se ela está aqui por minha causa, então já sabe do que sou capaz, e se está aqui para me matar, pelo menos livrarei o mundo de Alic antes de morrer. “Saque sua arma. Não lhe darei outro aviso.”

“Eu sou o príncipe deste reino!” Ele desembainha a espada e para de recuar.

“Não confunda título com poder.” Balanço a cabeça negativamente e reduzo a distância entre nós.

O medo dilata suas pupilas enquanto ele avança sem a sutileza que costumo ver em seu tatame. Esse medo será sua ruína.

Estendo as mãos atrás da cabeça, seguro os punhos das minhas espadas e desembainho-as, esquivando-me do seu ataque com a mesma fluidez. Ele se recupera com elegância, devo admitir, girando para encarar meu novo ângulo.

Mas eu sou mais rápido.

Minhas lâminas convergem em seu pescoço, dando-lhe um segundo para encontrar meu olhar, para perceber o que está prestes a acontecer. Recuo meus braços e corto seu pescoço com um golpe limpo. Ele larga a espada e cai de joelhos, agarrando a garganta enquanto o sangue escorre por suas mãos, tingindo a neve sob seus pés de escarlate.

Observo em silêncio enquanto a vida se esvai de seus olhos.

Ele cai para o lado sem cerimônia, o olhar vago enquanto o sangue se acumula na neve abaixo dele.

“Droga”, diz Masen, com o peito arfando por ter corrido pelo campo. “Então ele está definitivamente morto.”

“Sim.” Eu aceno com a cabeça.

"Sem palavras finais?" , pergunta Garrick, embainhando suas espadas enquanto se aproxima de mim. "Pareceu um pouco anticlimático sem um

discurso de herói."

“Não me restava nada a dizer a ele.” Limpo minhas lâminas na capa de Alic e as guardo nas bainhas que carrego nas costas.

"Você realmente não podia deixá-lo por minha causa?" Garrick cruza os braços enquanto Masen verifica os outros corpos que jazem a poucos metros de distância.

“Não.” Uma pontada de preocupação me invade o estômago. “Se alguém descobrir o que aconteceu aqui, haverá execuções, e eu não posso deixar que venham atrás de você.”

“Você preferiria que fosse seu.” Garrick zombou e balançou a cabeça, lançando-me um olhar que intimidaria qualquer um. “Claro. Pelo amor de Deus.” Ele respirou fundo, com calma, e olhou para o corpo. “Se alguém o vir assim, saberá que era um cadete. Uma investigação será iniciada.”

Puta merda. Não pensei direito nessa parte.

“Temos que nos livrar dos corpos”, concorda Masen de algum lugar atrás de mim.

Um rosnado baixo e ameaçador vindo da direita me lembra que alguém já viu.

Viro-me lentamente em direção à Cauda de Adaga Azul e, desta vez, lembro-me de manter o olhar baixo. Ela esteve se aproximando silenciosamente o tempo todo e, quando levanto os olhos, percebo que está a menos de quatro metros de distância. Rapidamente, concentro-me nas garras brilhantes.

Se Alic era o cavaleiro com quem ela pretendia criar um vínculo, então ela tem toda a razão para ficar furiosa.

"Mova-se." Uma voz feminina e aguda ressoa dentro de mim.

"O quê?" Levanto a cabeça bruscamente. Ela acabou de falar comigo *?* Não acredito.

Sua cauda se move para a frente e, um segundo depois, estou voando para trás. Meu traseiro bate na neve e uma dor aguda explode no lado esquerdo do meu rosto, mais intensa que qualquer fogo de solda.

“Não gosto de me repetir.”

"Xaden!" Garrick grita e corre na minha direção, virando as costas para o azul sem pensar duas vezes, mas Masen recua, mantendo a cabeça baixa.

“Ela quer que a gente se mexa.” Eu me levanto e metade da minha visão fica vermelha.

"Você acha?" Garrick coloca as mãos no meu rosto e começa a virar minha cabeça. "Caramba, ela te pegou. Você está com um corte profundo, da sobrancelha até o topo da bochecha. Estou surpreso que você ainda tenha um olho."

Rajadas de calor vêm da nossa esquerda, derretendo a neve sob nossas botas, e todos nós nos viramos.

Chamas irrompem da boca de Sgaeyl enquanto ela gira a cabeça num movimento serpentino sobre os corpos de Eian, Lorne e Alic. O cheiro de enxofre e cinzas queima meus pulmões, e meu rosto começa a latejar. Os corpos desaparecem na corrente de lava, e quando ela cessa, não restam nada além de marcas de queimadura. Até mesmo suas lâminas deixam de existir.

Nós três olhamos, em diferentes graus de choque, para as manchas de chão carbonizadas.

"Acho que não precisamos nos preocupar com ninguém encontrando os corpos", murmura Garrick.

Sgaeyl vira a cabeça bruscamente em nossa direção, e nós três damos um passo gigante para trás.

Meu coração dispara na garganta enquanto seus olhos dourados se estreitam em desafio. Eu deveria recuar novamente; é o que Kaori diria para eu fazer.

Em vez disso, dou um passo à frente e levanto a cabeça, apesar do sangue que escorre constantemente pela minha mandíbula. Não vou me acovardar.

Os olhos dela brilham no que eu realmente espero que seja aprovação. *"Esta não é uma atividade em grupo. Diga aos seus conhecidos para irem embora."*

Meu coração dispara.

“Vocês precisam ir embora.” Deixo meus braços soltos ao lado do corpo e acolho a brisa fresca contra o calor pulsante que consome metade do meu rosto.

“Xaden—” Garrick começa.

“Vá.” Mantenho os olhos fixos em Sgaeyl. Falar comigo é um ótimo sinal — significa que ela está me considerando —, mas, dado o seu histórico de matar o próprio cavaleiro, não vou abusar da sua boa vontade. “Eu vou ficar bem.” Ou morta. De qualquer forma, Garrick não deveria ter que assistir.

“Oh… *oh* .” Os passos de Garrick soam atrás de mim, seguidos pelos de Masen. “Tem certeza disso?”

“Sim.” Sustento seu olhar sem desviar. “Te vejo na pista de pouso.”

"Não morra", ele sussurra, e seus passos desaparecem à esquerda.

O vento uiva entre as árvores e a neve começa a cair novamente enquanto Sgaeyl e eu nos encaramos no meio do campo vazio.

“Você sabe quem eu sou.” Não é uma pergunta.

“Todos sabem quem você é, Sgaeyl. Ser o mais implacável da sua espécie lhe garante uma reputação.”

“Temos isso em comum, neto de Maxim Riorson.” Ela abaixa a cabeça, assumindo uma posição de combate.

Minha testa se franze e a dor volta a aumentar quando meu olho esquerdo

começa a inchar e a se fechar. "Sou neto de Corbin Riorson. Maxim era meu tio-avô."

Ela pisca. *"Se sua avó disse isso, suponho que sim."*

Que porra é essa? Minha mente está a mil. Isso significa que… Não. Papai é o gêmeo mais velho e—

“Não pense demais nisso.” Ela me avalia. *“Por que você matou o membro da realeza?”*

“Se você está falando comigo, já viu o que se passa na minha cabeça. Já sabe a resposta.” Meu olho esquerdo se fecha completamente. Adeus, percepção de profundidade.

“Não só exijo honestidade inabalável de você, como também que você seja honesto consigo mesmo, Xaden Riorson.” O olhar dela se intensifica, mas mantenho minha posição. *“E se eu tiver que limpar a sua bagunça, você deve ao menos admitir o que a causou.”*

“Ele intimidava meu melhor—” Me interrompo antes de terminar a frase. “Sou responsável pelas cento e sete almas que marcam minhas costas.”

“Você é responsável pela lealdade deles a Navarra, não por suas vidas.”

“Não é assim que eu vejo.” Cerro os punhos enquanto busco as palavras certas — as palavras honestas. “Matei Alic porque pude. Porque vi uma oportunidade de livrar o mundo dele e a aproveitei.”

Ela escuta em silêncio, seus olhos uma fonte constante de julgamento, e há grandes chances de que ela me considere falho, especialmente se já viu todas as memórias que possuo. Mas se ela já viu, não há mal nenhum em expressar meu raciocínio. "Eu estava impotente no dia em que mataram meu pai. Fiquei parado e assisti enquanto ele era transformado em cinzas. Todos nós ficamos. E jurei que nunca mais me sentiria tão impotente. Nunca ficarei de braços cruzados enquanto meus entes queridos são massacrados." Engulo o nó que se forma na minha garganta. "Não posso salvar todos os cento e sete. Eu sei disso. E não tenho complexo de herói. Não sou esse tipo de pessoa. O que eu tenho é uma missão, e preciso que todos os marcados sobrevivam a este lugar para que possamos cumpri-la. Sou responsável pela lealdade deles, sim. Mas, ao lhes dar a minha, garanto a deles."

"Você acha que eu vou desaprovar sua missão?" Ela resmunga, mas o som não chega a ser um rosnado. *"Ou te matar por quebrar as regras do seu quadrante."*

É quase impossível não estremecer. “Você é um dragão do Empíreo, companheiro de Tairn, o segundo maior dragão do Continente. É sabido que ele perdeu seu último cavaleiro por causa da rebelião do meu pai, então não sei como ele se sentiria a respeito de… mim.”

“Não é ele quem está tomando a decisão, é?” O vapor atinge meu rosto com tanta força que quase espero que minha pele forme bolhas, e puta *merda,* como dói. *“Ele vai conviver com a minha decisão, e suspeito que um dia terei que conviver com a dele.”*

Não questione as escolhas dela. Anotado.

"Eu te darei minha honestidade se você me der a sua." Respiro fundo para me fortalecer.

Os olhos de Sgaeyl se estreitam, formando fendas.

“Você sabe o que está acontecendo lá fora?” Gesticulo para trás de mim. “Você sabe por que meu pai tentou se separar de Navarra?”

Ela demora tanto que começo a me perguntar se ela vai responder algum dia. *"Sim, eu respondo."*

Eu concordo com a cabeça. "E sabe o que farei com qualquer poder que você me transmitir?"

“Você *é Xaden Riorson?”* Ela se aproxima tanto que eu poderia estender a mão e tocar seu focinho, se ousasse. *“Não precisa me questionar. Eu vi sua alma. Cada memória assombrada, cada pensamento vil, cada desejo malévolo de vingança. Estou ciente de suas falhas, e ainda assim vejo o potencial de tudo que você pode se tornar. Eu vejo* tudo *.”*

Meu peito aperta. Ela está mesmo me escolhendo. Nem mesmo Garrick conhece a verdadeira extensão do que sou capaz, as partes que mantenho escondidas de todos. Minha mãe foi embora. Meu pai morreu. Não há uma única pessoa no Continente que realmente me conheça.

Até agora.

“Diga.” Seus olhos quase brilham com a intensidade. *“Diga-me o que você fará com todo esse poder* depois de *cumprir sua missão?”*

Vou ser sincero com ela, sem rodeios.

"Se eu sobreviver?" Deixei o monstro escapar da coleira por uma fração de centímetro. "Eu adoraria queimar este lugar até o chão." Para um dragão, não há nada tão sagrado quanto o Vale, seu berço, que Basgiath foi colocado aqui para proteger. Acabei de fazer o equivalente a expor minha garganta para um dragão.

Sgaeyl levanta a cabeça. *"E assim, começamos."*

631 UA
Chradh—Cauda de Escorpião Marrom
(Masculino) Descendente da linhagem Aldayrmar
Idade estimada: 27 anos
Pilotos Registrados: 0

—O Compêndio da Espécie Dracônica,
Última atualização por Coronel Valin Kaori

Garrick

Tenho quase certeza de que acabei de deixar meu melhor amigo morrer naquele campo lá atrás com aquele pesadelo de Cauda de Adaga Azul, e não há absolutamente nada que eu possa fazer a respeito. Criar laços não é exatamente um esporte para espectadores, e não há pontos para trabalho em equipe.

Não que Xaden me deixasse ajudá-lo, mesmo que eu pudesse.

Seu teimoso filho da puta.

"Você está bem?" , pergunta Masen enquanto caminhamos para o sul, em direção a um denso grupo de pinheiros altos.

“É.” Não. Na verdade, não. A pressão no meu peito vai rachar minhas costelas. Mas não vou dizer isso para outro alvo marcado. O trabalho do Xaden é liderar. O meu é ajudá-lo, protegê-lo, mantê-lo seguro — até mesmo dele mesmo. Estar *bem* não tem absolutamente nada a ver com isso.

Você é meu orgulho, Garrick, meu coração. Mas ele pertence a Tyrrendor. Ele precisa viver. Tyrrendor só sobreviverá se ele viver. Essas foram as últimas palavras do meu pai antes de partir ao lado de Fen Riorson, sempre o ajudante dedicado. Ele olhou nos meus olhos, apontou para Xaden ao dar a ordem, beijou o topo da minha cabeça como se eu ainda fosse uma criança aos seus olhos, e então partiu para a Batalha de Aretia.

Ele ficaria furioso se soubesse que eu simplesmente abandonei a esperança de Tyrrendor para enfrentar um dragão sozinho, mas ficar poderia ter diminuído suas chances de sobreviver.

Zihnal, deixe-o sobreviver.

“Sua missão está cumprida, Garrick Tavis.” Uma voz rouca e mais velha, com um leve sotaque, invade minha mente pela terceira vez hoje, me pegando de surpresa. *“Agora, venha até aqui.”*

Tropeço numa raiz de árvore e tenho que esticar os braços para me equilibrar. Que droga esse estirão de crescimento e o que ele fez com a minha coordenação, que normalmente é incomparável. Assim que eu terminar esse dia, vou morar na academia até conseguir dar uma surra no Xaden no tatame de novo.

Primeiro preciso garantir que Masen esteja seguro . Penso nisso com plena consciência e espero que o dragão que me chama desde que chegamos à floresta ouça, que ele compreenda.

O suspiro impaciente que ecoa na minha mente indica que talvez eu tenha alcançado o primeiro objetivo, mas talvez não o segundo. Eu não tinha me dado conta de como eu queria um dragão mais velho, um que tivesse vivenciado a história que estamos enfrentando, até ouvir a voz dele, mas mesmo tendo memorizado as cartas, não consigo me lembrar imediatamente de quais daqueles dispostos a formar laços estão se inclinando para a meia-idade.

"Não consigo acreditar que tudo isso acabou de acontecer", murmura Masen enquanto atravessamos o bosque, em direção a uma parte da floresta onde os pinheiros crescem mais largos que um dragão e tão altos que rasgam o céu.

A neve infiltra-se entre os galhos, acumulando-se nos amplos espaços entre as árvores.

"Nem eu." Passo a mão pelos cabelos e, com uma série de respirações profundas, tento dissipar a sensação opressiva no peito. Acabei de ver Xaden

matar o Príncipe Alic. Não que o idiota não merecesse — ele merecia. De alguma forma, conseguimos impedir que aquele pé no saco da realeza cortasse minha garganta, e num dia como hoje, em que regras são sugestões e a ética é hipotética, parece que acabei de ganhar uma terceira chance na vida.

Usei o segundo recurso há muito tempo para tirar minha mãe de Aretia antes que os navarrianos viessem nos buscar. Antes que nos arrastassem para as execuções. Antes que ela acabasse como Sloane e o pai de Liam, secretamente assassinada no pátio de sua casa.

Meu Deus, espero que Sloane esteja bem. Ela não foi acolhida por simpatizantes secretos como alguns de nós.

“O Riorson vai sobreviver, né?” pergunta Masen, olhando por cima do ombro. “Estamos todos ferrados se alguma coisa acontecer com ele. Não que eu duvide da capacidade do Bodhi de liderar, mas nós dois sabemos que ele não quer—”

“Riorson vai viver”, respondo com muito mais certeza do que sinto. “E ele vai se unir ao dragão mais formidável do Continente.” Vamos ver quem se atreve a mexer com ele quando *isso* acontecer. Com um dragão como Sgaeyl, ele poderia manifestar um selo que mudaria o rumo desta guerra. Mas um dragão como aquele… bem, ela teria nos queimado vivos se não o quisesse, não é?

“Ele vai sobreviver”, repete Masen, endireitando um pouco a postura.

É melhor eu estar certo.

"O que aconteceu com Soleil?" Soprei nas minhas mãos para aquecê-las e me preparar para a resposta. A neve começou a cair novamente, naquela que deve ser a nevasca mais precoce já registrada na história de Basgiath, mas deixei o capuz da minha capa abaixado. Ser pega de surpresa por Alic foi um erro atípico que poderia ter me custado a vida — ou pior, a de Xaden — e não vou abafar nenhum dos meus sentidos agora.

"Voei num Brown Clubtail", responde ele, limpando os óculos pela terceira vez desde que Sgaeyl nos atingiu com vapor.

“Ótimo.” Um sorriso surge em meu rosto. Com um dragão me chamando, outro criando laços com Soleil e Sgaeyl considerando Xaden, isso significa que estávamos certos. Há dragões aqui que estão do nosso lado e este não é um dia de sentença de morte. Há esperança, e não apenas para nós dez, mas para os noventa e sete que ainda virão.

Há esperança para *ela* no próximo ano, e isso é o que importa.

Eu tenho Amei-a desde a primeira vez que ela me deu um soco na cara, aos nove anos, por eu ter sugerido que ela selasse um cavalo confiável em vez daquele que ela mal havia sido domado e que ela mesma tinha escolhido, e eu nunca conseguiria viver comigo mesmo se pensasse que ela viria para cá apenas

para morrer.

Me pego olhando para o sul, em direção a casa — na direção oposta à do dragão que me puxa. A saudade é tão profunda, tão forte, que levo a mão ao peito, tentando abafar a dor constante. Levei semanas para chegar aqui a cavalo, e daria *tudo* para cruzar centenas de quilômetros e montanhas só para ver o rosto dela por um instante. Ela precisa saber que temos uma chance de lutar, que todo o nosso treinamento não foi em vão. Ela já perdeu mais do que a maioria de nós, e merece provar a esperança.

O som das asas preenche o ar, e minha cabeça se ergue bruscamente quando o Blue Daggertail passa voando por cima, inclinado num ângulo que revela Xaden segura em seu assento.

Um alívio tão profundo que quase me derruba, tão intenso que me impede de falar ou sequer sorrir. Tudo o que consigo fazer é acenar com a cabeça enquanto minha amiga de longa data voa para longe. Sgaeyl, a companheira de Xaden. Se ele conseguir mantê-la presa à área de voo, Tyrrendor ainda terá sua esperança, e Aretia — embora ferida — ainda terá seu herdeiro. Pelo menos até que algum nobre de Navarr decida reivindicar as terras devastadas por puro despeito. Estamos um passo mais perto não só de sobreviver ao teste que deveria nos matar, mas também de sair do cadinho mais poderosos do que a General Sorrengail poderia ter imaginado quando fez aquele acordo com Xaden.

"Sim!" grita Masen, erguendo o punho no ar.

Obrigada, Dunne. A deusa da guerra certamente favorece Xaden de uma maneira que nunca abençoou seu pai.

O som de passos pesados chama nossa atenção para o leste.

Uma caloura da Segunda Ala corre em nossa direção a cerca de cinquenta metros de distância, sua trança loira balançando enquanto ela grita: "Socorro!"

"Corra." Meu estômago se revira, e me preparo para o movimento, mas Masen agarra meu antebraço com força .

“Não”, ele sussurra enquanto um beija-flor-de-cauda-laranja desliza em volta de uma árvore, suas garras deixando sulcos profundos no chão da floresta enquanto se vira para nos encarar. “Nós ficamos.”

Droga. Ele tem razão. Devemos ajudar. Não sei bem como, mas... vamos dar um jeito.

"Eu não!" grita a cadete por cima do ombro, gesticulando com os braços enquanto corre em nossa direção. Eu a reconheço vagamente como uma das colegas de esquadrão que gostam de provocar Bryn. "Matem-nos! São os cães separatistas!"

Qualquer instinto de ajudar evapora instantaneamente.

“Não é o insulto que você pensa que é”, responde Masen. “Os cães são

bastante leais.”

Mas que diabos é isso? Meu corpo inteiro está pronto para correr enquanto olho para Masen, minhas sobrancelhas se arqueando. "Temos que correr." Me preparo para empurrá-lo se for preciso. Que se dane, eu o pegaria e o jogaria por cima do meu ombro. Laranjas são imprevisíveis pra caramba, e eu não vou deixar que nos tornemos o próximo alvo delas.

“Não”, insiste ele, firmando os pés no chão.

O que *está* acontecendo com os amigos teimosos de Tyrrish hoje em dia?

O Rabo-de-Clave Laranja dá três passos largos, abre suas mandíbulas enormes e enrola a língua. Inspiro profundamente e prendo a respiração enquanto o fogo jorra de sua boca, incinerando o cadete. O calor da explosão nos atinge, chamuscando minha pele e levantando nossas capas.

Só respiro o ar com cheiro de enxofre depois que a laranja fecha a sua boca.

“Quer correr *agora* ?” pergunto a Masen.

Ele balança a cabeça, solta meu braço e começa a caminhar *em direção* à laranja enquanto o vapor se dissipa de seus óculos. "Ela é minha."

Ah, agora sim, isso eu entendo.

"Te vejo na pista de pouso!" , ele grita por cima do ombro com um largo sorriso.

“Você está testando minha paciência.” A sensação de puxão retorna com o dobro da intensidade de antes, me arrastando novamente para o oeste.

Baixo o olhar quando o beija-flor-de-cauda-laranja me encara, e então obedeço ao instinto que me puxa para a direita. Pela segunda vez hoje, deixo um amigo encarando a morte de frente.

Mas o possível é incomensuravelmente melhor do que o certo.

Estou chegando . Pelo menos, acho que estou. Tinha certeza de que encontraria a origem da voz na clareira, mas tudo o que encontrei foram dois pássaros azuis furiosos, e um olhar rápido me disse que nenhum deles era ele. Envio outra oração a Dunne, desta vez em nome de Masen, e continuo para oeste em direção a um conjunto de enormes rochas.

"Você sempre colocará os outros acima dos seus próprios interesses?", ele pergunta enquanto a neve começa a cair com mais intensidade.

Nem sempre coloco os outros em primeiro lugar. Quero muitas coisas para mim. Olho para o norte, depois para o sul, procurando a melhor rota possível ao redor da formação rochosa, porque tenho certeza absoluta de que não vou escalá-la.

“Querer algo — alguém — para si mesmo não é a mesma coisa. O que importa é a ação *, e você tem um histórico de agir em benefício dos outros.”*

Ou talvez os interesses dos outros coincidam com os meus. Faço uma careta

enquanto a neve me atinge no rosto. Será que nada aqui pode ser macio? Mudo um pouco de rota, optando pelo caminho mais ao sul, contornando as pedras. É a trilha com mais neve, mas o norte parece errado. E pelo menos poderei ver as pegadas de outros cadetes na neve.

“Eu sei tudo sobre seus interesses, Garrick Tavis.” O tom de voz dele se destaca nos *“R ”*s do meu nome. *“Eu sei o poder que você precisará para persegui-los.”*

Então você sabe que farei o que for preciso. Cubro meus olhos com a mão e sigo em frente com dificuldade enquanto a visibilidade fica péssima.

“É por isso que busco sua linhagem.”

Esse comentário me deixa intrigado, mas continuo avançando, contornando a maior das rochas.

“Por que eu te procuro *.”*

A Terra se move para a minha direita, e eu salto para o lado, com o coração disparado enquanto a rocha se desdobra, sacudindo a neve de suas escamas marrom-escuras para revelar um grande dragão com uma cauda de escorpião.

Encaro-o, estupefata. Sempre me orgulhei da minha capacidade de observação, e agora, pela segunda vez hoje, fiquei completamente impressionada.

Ele abre as asas, sacudindo a neve das pontas e revelando inúmeras cicatrizes na membrana translúcida antes de as recolher novamente. *"Eu também me vejo perplexo com a sua falta de consciência."*

"Vou me sair melhor", prometo a ele, estudando o padrão de seus chifres e o identificando de acordo com as cartas que Kaori insistiu que memorizássemos.

“Eu sei. Mais um motivo pelo qual finalmente decidi me envolver com a sua gente novamente.” Ele me encara com seus olhos dourados, sem piscar.

“Você é o Chradh”, digo devagar, só para ter certeza de que não estou enganada, porque o *“ de novo”* e a voz dele definitivamente me confundiram.

“Agora que as apresentações foram feitas…” Ele se ergue em toda a sua altura. *“Vamos partir? Embora a neve não me incomode, não quero perdê-la para o congelamento depois de finalmente tê-la escolhido.”*

Finalmente, lá está isso de novo. "Segundo Kaori, vocês nunca tiveram um vínculo antes. Você tem apenas vinte e sete anos." Não faz sentido.

"Afinal, o que é um ano?" Ele inclina a cabeça. *"Agora, o clima está muito difícil para você?"* pergunta, em tom de desafio sarcástico.

“Talvez você se surpreenda ao descobrir que *nada* é difícil demais para mim.” Flexiono os dedos para despertá-los e corro em direção à sua pata dianteira. A neve faz minha bota direita escorregar em suas escamas no meio do caminho, mas a esquerda se agarra. Subo com força, agradecida por todas as

aulas de escalada que Lewellen me obrigou a ter, e consigo passar por cima do seu ombro.

“Muito pelo contrário. Estou contando com isso.”

Eu retiro a neve das escamas do seu pomo, me acomodo no assento e decolamos para o céu.

Meu coração se enche de alegria quando pousamos na pista de pouso meia hora depois.

Posso ser a última a chegar, mas nós dez criamos um vínculo. Todos os dez somos motociclistas.

Vai se foder, Navarre.

632 UA
Cath—Rabo de Espada Vermelho
(Masculino) Descendente da linhagem Berradhdyr
Idade estimada: 89
Cavaleiros Registrados: 2

—O Compêndio da Espécie Dracônica,
Última atualização por Coronel Valin Kaori

Dain

“As únicas outras palavras que tenho a oferecer são 'boa sorte'.” Kaori nos observa demoradamente, e tenho a sensação de que ele está tentando memorizar nossos rostos para projetá-los mais tarde, se necessário. Então, ele acena para si mesmo e caminha para a direita, desaparecendo entre as árvores que sobem a colina a partir do vale em forma de tigela que irá sepultar alguns de nós.

Ser o último professor a nos ver vivos — o professor responsável por nos

preparar para um dia tão mortal — deve ser um fardo muito pesado de suportar.

Os grupos ao meu redor se dispersam, alguns seguindo diretamente para a floresta, enquanto outros ficam para trás para se despedir dos amigos.

"Quer entrar comigo?" , pergunta Cianna, prendendo seus cachos loiros atrás da cabeça enquanto se vira para mim. De todos no nosso grupo, ela é com quem eu me dou melhor.

“Supostamente, devemos entrar sozinhos.” Ignoro o impulso de ceder ao medo que me paralisa. Seria bom, até reconfortante, ter um amigo lá fora, mas os dragões preferem ver se o cavaleiro consegue se virar sozinho.

“Ouvi dizer que alguns esquadrões da Quarta Ala estão planejando uma abordagem em equipe.” Ela olha para a direita, onde a Quarta Ala parece estar formando grupos menores.

“Só quem gosta de desafiar as regras.” Aura me lança um olhar de soslaio. “Aposto que você está feliz por não ter caído no esquadrão do Xaden Riorson. Corre o boato de que aquele cara está te perseguindo.”

“Só porque o pai de Dain é ajudante do General Sorrengail”, diz Cianna, como se isso de alguma forma tornasse tudo melhor. “E… você sabe. Ele a ajudou a caçar Fen Riorson para executá-lo.”

"Aposto que ele adoraria te desafiar." Aura inclina a cabeça para o lado e me observa.

“É, bem, o pai dele matou o irmão mais velho do meu melhor amigo durante aquela rebelião sem sentido, então acredite, o sentimento é recíproco.” Tenho vasculhado os cantos escuros em busca de Xaden Riorson desde o momento em que cruzei o parapeito. Primeiro, porque aquele idiota arrogante manipula *sombras*, de todas as coisas, e segundo, porque o desejo dele pela minha morte não é exatamente um segredo, embora ele não tenha vindo atrás de mim. Graças a Deus Violet vai para o Quadrante dos Escribas no ano que vem, porque Riorson provavelmente quebraria todas as regras do Códice para matá-la.

Só preciso torcer para que Riorson não use Threshing como desculpa para *me* matar .

“Cadete Aetos!” A voz do meu pai ecoa atrás de nós, e eu cerro os dentes para não demonstrar uma careta visível.

Eu amo meu pai. Ele é o exemplo perfeito do que um piloto deve ser: leal, firme e disciplinado. Ele é tudo o que eu quero ser daqui a alguns anos, e deixá-lo orgulhoso é meu principal objetivo neste quadrante. Mas como diabos eu vou conseguir me virar sozinha se ele não para de me vigiar?

“Papai está chamando.” Aura sorri de lado e meu rosto esquenta. “Talvez o dragão dele possa te ligar também, e aí vocês ficariam sempre juntos!” Sua risada estridente me irrita profundamente enquanto ela se afasta em direção às

árvores.

“Boa sorte.” Cianna me dá um tapinha no ombro e sorri de forma tranquilizadora. “Te vejo na pista de pouso.”

"Você também." Respiro fundo, me preparo para a lista de como, sem dúvida, o decepcionei recentemente, e então me viro para encarar meu destino.

Papai espera de braços cruzados a uns cinco metros de distância, na base da colina, o que significa que há uma boa chance de ele ter ouvido tudo o que acabamos de dizer. Ele tem uma capacidade incrível de ouvir tudo o que eu não quero que ele ouça e nada do que eu preciso que ele ouça. Por outro lado, ele não me ouviu desde que mamãe foi embora enquanto estávamos estacionados em Luceras. Considerando que papai jura que foi porque mamãe insinuou que ele não era capaz de protegê-la com a rebelião dos Tyrs, eu lhe dou um pouco de crédito por me sufocar.

Mas ele precisa parar. Os outros cadetes estão percebendo, e isso não só me deixa extremamente constrangido, como também pode prejudicar minhas chances de entrar para a liderança.

"Pai." Levanto a mão em cumprimento e sigo em sua direção.

"Pai?" Ele arqueia uma sobrancelha.

“Senhor”, corrigi rapidamente.

Já o estou decepcionando e a conversa nem começou ainda.

"Eu imaginaria que você ficaria mais feliz em me ver, Dain", ele repreende assim que reduzo a distância entre nós.

“Eu te vi semana passada. Quando você participou da reunião do Battle Brief. Exatamente cinco cadeiras à minha frente.” Cruzo os braços, mais do que consciente da nossa semelhança. Temos os mesmos olhos castanhos, a mesma compleição física, o mesmo cabelo castanho e até os mesmos trejeitos. Talvez seja por isso que minha mãe me abandonou, porque sou uma lembrança dele. Mas isso não explica por que ela parou de me escrever no ano passado. Tenho a impressão de que tem a ver com a minha decisão de me voluntariar para o Riders Quadrant, mas talvez eu nunca saiba o que realmente aconteceu, e isso me mata.

“Eu estava avaliando os métodos de ensino de Devera.” Ele gesticula com a mão como se pudesse se livrar de todas as intromissões que fez nos últimos meses.

“Certo.” Coço a barba por fazer que está crescendo no meu queixo e levanto as sobrancelhas para ele. “E você precisava ver a Kaori logo depois da minha aula na semana anterior, e você tinha que fazer uma pergunta para o Emetterio durante um dos meus desafios—”

“A maioria dos cadetes fica completamente isolada da família. Eu esperava que você ficasse grato por eu ter encontrado maneiras de estar presente na sua

vida durante o seu primeiro ano.” Ele se arrepia e o rubor sobe pela gola da camisa, um sinal claro de que toquei em um ponto sensível. “Tudo dentro das regras, é claro.”

"Claro." Droga. A culpa me invade como chumbo, e imediatamente me arrependo de ter dito qualquer coisa. Naturalmente, ele é superprotetor. Somos a única família que temos um para o outro. Eu não conseguiria imaginar mandar meu único filho para aquele quadrante, sabendo que a chance de nunca mais vê-lo é enorme.

“Eu só…” Seus olhos suavizam. “Eu só queria te ver.”

Meus ombros caem. "Que bom te ver—"

“Segunda Ala”, ele interrompe com um tom nostálgico, observando o distintivo no meu ombro. “Você será um ótimo líder de ala para a Segunda Ala, assim como eu fui na minha época.”

Sem pressão nem nada. "Vou dar o meu melhor—"

“O que está acontecendo lá?” Ele franze a testa, olhando para além de mim, e eu dou uma olhada por cima do ombro para ver o que o está irritando. O primo de Xaden Riorson — outro calouro — está conversando com alguns cadetes que carregam relíquias da rebelião na beira da floresta. A maioria deles é da Quarta Ala, mas Imogen Cardulo é uma das nossas.

“Ah. Bodhi Durran provavelmente está dando uma palestra motivacional para alguns dos escolhidos.” Volto-me para meu pai.

Seus olhos se estreitam. "São quatro."

“Sim. Acho que há quinze marcados este ano, divididos de forma bastante uniforme entre as alas.” A presença deles foi um grande ponto de discórdia nos primeiros meses, considerando o que seus pais fizeram nosso reino passar, mas a maioria das questões pessoais foi resolvida com a tradição de um tatame por quadrante. “Temos três na Segunda Ala, incluindo Cardulo, e todos estão divididos entre seções e esquadrões, então não é como se estivessem violando o Adendo—”

“Por *enquanto* .” O rosto cora até o topo de seu pescoço enquanto ele os encara com raiva. “Eles sabem que o Código de Conduta mudou este ano e que não podem se reunir em grupos de três, muito menos de quatro.”

“Eles não estão reunidos, pai.” Inclino a cabeça e me aproximo para que ele possa me ver. “Não mais do que se a formação tivesse acabado de se desfazer ou se eles tivessem se esbarrado na ala acadêmica.”

“Ele faz isso com frequência?” Ele abaixa as mãos ao lado do corpo e cerra os punhos. “Dar *discursos motivacionais* ?”

“Às vezes, acho que sim.” Outras vezes, vi os alunos do segundo ano orientando-os. “Não sei ao certo, considerando que eles não são da minha ala.

Mas entendo por que eles se apoiam quando podem. Alguns cadetes acham que não deveriam estar aqui, e ouvi dizer que muitos estão com medo de que os dragões os matem—”

"Eles não deveriam ter sobrevivido no ano passado", ele sibila em um sussurro.

Meu queixo quase se desloca. "Você não está falando sério."

“E agora dois deles já são *líderes de equipe* . No segundo ano. É… inacreditável.” Seu rosto está completamente vermelho agora, e ele está praticamente tremendo.

“Os dragões garantiram por eles. Suas intenções. Sua lealdade”, digo baixinho. “Nunca questionamos os dragões, certo?” Isso vai contra tudo o que ele me ensinou.

Ele agarra meus ombros e me encara com uma intensidade que o faz parecer um estranho. "Você não sabe as coisas que eu sei, filho. Podem parecer crianças inocentes sendo punidas pelas transgressões dos pais, mas não são."

"Você está falando sério?" Eu o encaro, mas ele não tem motivos para mentir para mim.

As pontas dos dedos dele cravam dolorosamente nos meus ombros. "Não posso te contar porque é informação confidencial, mas você não pode confiar neles. Em nenhum deles, mas principalmente não em Riorson."

“Pai, se eles estão cometendo crimes, então processe-os—”

“Eu não tenho provas suficientes. Ainda. É por isso que preciso de você.” O aperto dele afrouxa. “Eu nem deveria estar te dizendo isso, mas eu te amo e preciso que você fique em guarda. Preciso que você…”

"Para quê?" Franzi a testa. Como ele pode esperar que eu faça algo se nem sequer tem todos os fatos?

“Me avise se eles quebrarem o Códice.” Ele passa as mãos pelos meus ombros e me dá um tapinha como se eu fosse uma criança. “Você pode fazer isso por mim, não é?”

Eu balanço a cabeça negativamente. "Se eles violarem o Códice, serão punidos pela cadeia de comando, conforme ditam o Códice e o Código de Conduta", argumento. "Essas são as regras, e você sempre me ensinou que a maneira de te orgulhar — a maneira de sobreviver neste lugar — é seguir o Códice à risca, porque os dragões estabeleceram as regras e a palavra deles é lei."

“Sim, claro.” Ele acena com a cabeça. “Você confia em mim, não é, Dain?”

Que golpe duro!

“Claro que sim, pai.” Eu faço uma careta. “Senhor.”

“Então confie em mim agora.” Ele desvia o olhar. Quando seu olhar retorna

ao meu, está mais suave, e ele parece meu pai novamente. “Também estou preocupado que Riorson te desafie.” Seu rosto se fecha.

Minhas costas enrijecem. "Venci todos os desafios, menos um—"

“E ele nunca perdeu no tatame. Nem uma vez.” Papai engole em seco e aperta delicadamente a parte superior dos meus braços. “Você se lembra do que eu te contei sobre como ele fez aquelas cicatrizes nas costas?”

"Sim, eu aceito." Uma onda de náusea percorre meu estômago enquanto o som de asas batendo ao longe se aproxima.

“Agora imagine que ele tenha a oportunidade de se vingar da Violet.” O rosto do pai se contorce. “Eu a amo como uma filha, mas nós dois sabemos que ela nunca conseguiria se defender. Ela é boa com uma adaga, mas seu corpinho frágil… Eles a despedaçariam em mil pedaços.”

Cada músculo do meu corpo se tensiona. "Ela está segura no campus principal. Ela estará segura com os escribas no ano que vem." Tudo o que ela sempre quis foi viver entre estantes de livros e, por Deus, se alguém merece realizar seu sonho, é Violet, especialmente depois de perder Brennan e seu pai.

"Contanto que os marcados não quebrem o Códice e a encontrem", diz ele em voz baixa.

"Eles não fariam isso." O medo percorre minha espinha, deixando um arrepio na espinha.

"Só..." Papai suspira. "Fique de olho nela, pelo bem dela. Eu sei que você não gostaria que ela corresse perigo. Vocês dois sempre foram muito próximos, e eu sei que ela sente sua falta."

Assinto com a cabeça. "Ela é minha melhor amiga." Quando eu sair daqui e ela se formar no Quadrante dos Escribas, talvez... algo mais. O que sinto por Violet é incrivelmente complexo, e não me permito pensar em nada além de sobreviver a cada dia. Todo o resto terá que esperar. Por outro lado, considerando a velocidade com que este lugar muda as pessoas, há grandes chances de ela não me reconhecer no ano que vem, quando tivermos o privilégio de visitar outros quadrantes.

“Olha só isso”, diz o pai, olhando para cima.

O céu se enche de cores enquanto os dragões dispostos voam sobre nossas cabeças, e nós dois olhamos para cima para observar o espetáculo. Segundo Kaori, há cento e trinta e sete dispostos a formar laços este ano, bem menos que no ano passado. Somos muito mais numerosos que eles. O grupo se dispersa pela enorme floresta, desaparecendo entre as árvores.

Sinto um nó na garganta. Aquela floresta guarda meu futuro ou minha ruína.

Papai dá um tapinha no meu braço de novo e depois solta as mãos. "Eu realmente não queria te sobrecarregar com tudo isso. Não num dia tão

importante." Ele sorri. "Agora, vai lá e conquista o seu lugar."

Pisquei, surpresa com a mudança repentina de assunto. "Estou pensando em um vermelho."

Ele empalidece. "Oh, não. Um vermelho seria muito temperamental para você. Escute bem, filho. Falo por experiência própria. Você deveria se aproximar de um verde. Eles respeitarão sua natureza honrada e sua dedicação a Navarra. E pedi a Foirn que falasse com os outros em seu covil em seu nome." Um sorriso tímido surge em seus lábios.

Oh, céus. "Tenho certeza de que os dragões *adoraram* isso. Eles são muito adeptos do nepotismo, sabe?"

“Sim, sou o pior pai do mundo, tentando garantir a sobrevivência do meu único filho”, ele brinca, e então aperta meus braços pela última vez. “Falaremos dos marcados depois. Conquiste seu uniforme de piloto.”

“Pai.” Luto para engolir o nó na garganta. “Os outros cadetes não podem pensar que estou recebendo tratamento especial. Se eu criar laços hoje, se eu sair deste vale como um piloto, quero que você pare de ficar me vigiando.”

“Sobreviva hoje e eu não precisarei mais.” Ele acena com a cabeça. “Me faça sentir orgulho.”

“Sim, senhor.” Espero até que ele vá embora, depois volto a olhar para a floresta, sentindo-me consideravelmente mais estressada e tão assustada quanto antes de sua chegada.

Eu faria qualquer coisa por ele, mas às vezes é um fardo insuportável ser filho dele.

Ele me ama. Ele tem boas intenções. Ele e Violet são as únicas pessoas na minha vida que nunca me decepcionaram. Nunca mentiram para mim. Nunca foram embora quando conversar se tornou difícil demais. Não tenho motivos para não confiar nele, não quando ele é quem ficou. Então, tudo bem, vou ficar de olho para ver se as crianças com relíquias da rebelião estão infringindo o Códice. É o mínimo que posso fazer pelo homem que me deu tudo, e se isso mantiver Violet segura, melhor ainda.

A floresta está silenciosa enquanto caminho sob a copa das árvores, oficialmente o último cadete a entrar na mata.

As folhas secas estalam sob minhas botas enquanto sigo para o sul, escolhendo um caminho central para otimizar minhas chances de encontrar o dragão certo. Mas também preciso me afastar do caminho de qualquer dragão *indesejado* para sobreviver. É curioso como uma infância escalando árvores com Violet, e não meses de treinamento no quadrante, será útil.

Vinte minutos depois, encontro a árvore perfeita. É alta o suficiente para dragões passarem por baixo, mas tem galhos secos e quebrados o bastante para

eu escalar com segurança. Escolho meus pontos de apoio com cuidado, testo sua resistência e começo a subir.

Em alguns trechos, preciso contornar a árvore e, quando finalmente alcanço o primeiro galho sólido em que confio para suportar meu peso, já estou suando, mas é perfeito para o que preciso. Seis metros de altura devem ser suficientes. Estendendo a mão, agarro o próximo galho para manter o equilíbrio, me acomodo e espero.

O único Blue Clubtail que está pensando em formar um casal este ano passa por baixo primeiro — nem pensar — seguido por um par de laranjas cujas caudas balançam em sincronia. Fico me perguntando se eles são um casal e estão procurando outro par de gêmeos para formar um casal como os Wyckleys. Nenhum dos três me parece ser meu, então fico quieto e desejo boa sorte a Sawyer Henrick quando ele passa por perto.

"Merda!" Alguém grita acima de mim, e minha cabeça se ergue bruscamente quando uma forma cai descontroladamente entre os galhos, batendo um no outro na descida. Não era uma forma. Era um cadete.

Eu me posiciono a cerca de um metro e vinte do tronco, com as pernas de cada lado do galho, e então travo os tornozelos embaixo dele enquanto uma ruiva vem correndo em minha direção.

Estendo a mão e o couro roça em minhas mãos, mas consigo agarrar a parte inferior das costas da blusa do uniforme dela, e o cinto bate com força nas minhas mãos. Então, me agarro com todas as minhas forças.

O mundo gira enquanto o ímpeto dela diminui, e o cinto aperta minhas mãos com tanta força que me surpreende não me cortar ao meio, mas não solto. Quando paramos, estou pendurado de cabeça para baixo, e o sangue sobe à minha cabeça enquanto ela para de se debater.

“Aetos!” Joelle Tadita, uma aluna do segundo ano, olha por cima do ombro para mim, com os olhos arregalados de medo.

"Aguenta firme", digo entre dentes cerrados, e a puxo para cima, movida apenas pela adrenalina. "Alcança!"

Ela agarra o galho. "Consegui!"

Eu a soltei, e ela ficou pendurada por um segundo antes de cair no galho alguns metros abaixo. Só quando vi que ela havia recuperado o equilíbrio, me impulsiono para cima usando os músculos abdominais, agarro meu próprio galho e deixo minhas pernas caírem. Então, me abaixo até o mesmo galho em que ela está, com o peito subindo e descendo enquanto recupera o fôlego.

“O que você está fazendo em uma árvore?” , pergunto, me firmando ao espalhar os dedos sobre o tronco.

“Observando como uma boa aluna do segundo ano.” Ela leva uma das mãos

ao coração. “Obrigada por me segurar. Te devo uma.”

“Sem problema.” Estendo a mão. Há uma marca vermelha no centro dela, e no instante em que a percebo, minhas duas palmas começam a latejar.

“Você se sai bem em árvores.” Ela pega minha mão e nos viramos desajeitadamente no galho para que ela fique mais perto do tronco.

“Eu tive uma boa professora.” Um sorriso surge em meus lábios enquanto ela começa a descer. “Tente não cair de outro hoje. Talvez eu não esteja lá para te ajudar.”

“Sim, sim.” Ela sopra uma mecha vermelha do rosto e pula para o chão. “Boa sorte lá em cima—” Sua cabeça vira para o oeste e ela sorri. “Tem uma verde vindo aí!” Ela sai correndo para o norte e eu volto para o meu lugar de antes.

Um verde. Exatamente o que meu pai esperava. Combinado. Tanto faz.

Meu coração começa a acelerar à medida que os passos pesados se aproximam. Ele terá orgulho de mim. Ele confiará em mim da mesma forma que eu confio nele, e ele vai parar de ficar me vigiando o tempo todo.

As árvores se movem para o leste, e minha atenção se volta para esse ponto.

Um espadarte vermelho, com escamas da cor de um tomate escuro, caminha entre as árvores, sua cauda batendo nas folhas dos galhos enquanto se aproxima furtivamente em minha direção, rosnando para o verde que se aproxima. Sua cabeça está baixa, em posição de tiro, seus olhos dourados se movendo, avaliando o potencial campo de batalha de uma maneira que me lembra de como eu procurava a árvore perfeita.

O carro verde manobra para a direita da árvore, enquanto o vermelho se prepara para ultrapassar pela esquerda. Eles estarão embaixo de mim em questão de segundos, e todo instinto grita para ir para o vermelho.

"Qual será sua escolha, Dain Aetos?" Uma voz masculina e ameaçadora invade minha mente, enfatizando o *"* s". *"Escolha errado e eu descobrirei quanto tempo leva para reduzi-lo a cinzas."*

Meu peito aperta, como se minhas costelas estivessem tentando me sufocar. Um dos dragões está falando comigo, o que significa que ele é *meu* . Mas qual deles?

Eu devo ir para a direita — para o gramado. Ele tem que ser quem está falando. É o que a lógica manda. É o que o papai quer.

Mas este será o relacionamento mais importante da minha vida, e o que eu quero, como me sinto, também importa.

Que Dunne esteja comigo. Eu salto para a esquerda.

Minhas botas bateram com força entre os ombros do cachorro, logo à frente do assento, e meus joelhos dobraram para absorver o impacto.

A cabeça do vermelho gira num ângulo impossível, e eu estendo os braços para me equilibrar enquanto ele desarticula a mandíbula e ruge . Calor e enxofre me atingem em cheio no rosto, e a força pura do som sacode cada escama sob meus pés. Reconheço seu rosto das cartas — Cath.

Ah, droga. É melhor eu ter certeza *absoluta* de que é ele mesmo, ou vou passar o resto do dia me reaproximando do pai da Violet e do Brennan.

"Quanta certeza você tem?", pergunta a voz, e tudo muda. Meus músculos ondulam enquanto o raio vermelho avança.

O impulso me arremessa para trás e meus pés escapam do meu chão. Tento agarrar os pomos, mas acabo batendo o queixo na crista dura da escama. Uma dor lancinante explode no meu rosto, mas não há tempo para processá-la. Não com Cath decolando para o céu.

"Tenho certeza!" grito, escorregando para trás enquanto ele sobe com batidas amplas de suas asas. Agarro as escamas do pomo com minhas mãos doloridas. Então puxo com toda a minha força, erguendo meu corpo contra o assento. Meus dedos encontram as ranhuras entre suas escamas, e eu me aconchego contra suas costas enquanto ele nos puxa para uma subida vertical de arrepiar os cabelos.

Você se oporia ao seu pai? Ao seu superior hierárquico?

Cath atinge o ápice e nosso ímpeto estagna por um breve instante. O mundo silencia e, naquele momento, sinto algo inexplicavelmente parecido com… paz.

Estamos a centenas de metros acima do solo, e aqui em cima, nada mais importa. Nem meu pai. Nem o próximo desafio. Nem o quadrante. Minha vida está por um fio, dependendo das ações do dragão abaixo de mim, e isso torna tudo o mais insignificante, sem sentido.

A gravidade chama, e Cath recolhe as asas enquanto mergulhamos.

“Não existe laço mais vital do que o de um dragão e seu cavaleiro”, grito, contraindo os músculos para me manter no lugar. “Nenhuma ordem pode ultrapassar sua importância, ou será considerada ilegal. Artigo um, seção três—”

“Você jura lealdade ao Codex enquanto cavalga à beira da porta de Malek?”

Aperto as coxas com ainda mais força quando Cath vira para a direita, jogando meu peso na direção oposta para me manter firme enquanto ele começa a girar em espiral. O horizonte gira sem parar enquanto o vento açoita meu rosto. Ele tem razão. O Codex não vai me salvar aqui em cima. "Não."

“Então, a que realmente você deve lealdade?” Ele se endireita, e o mundo se equilibra.

"Você." Meu coração se acalma. Mais do que nunca, tenho certeza de que a voz é da Cath, de que fiz a escolha certa.

Ele vira a cabeça o suficiente para olhar por cima do ombro para mim.

"Nunca se esqueça disso. É a única condição da minha *lealdade."*

“Nunca”, prometo. Nada — ninguém — poderia ser mais importante, mais essencial do que o vínculo que sinto se formando. Isso faz até mesmo a intromissão do meu pai parecer insignificante. Pela primeira vez na vida, estou conectada a alguém que não posso decepcionar, porque ele já sabe tudo sobre mim.

Cath vira a cabeça de volta para o horizonte, e voamos como um só.

632 UA
Cuir—Espada Verde
(Masculino) Descendente da linhagem Uaineloidsig
Idade estimada: 59
Cavaleiros Registrados: 1

—O Compêndio da Espécie Dracônica,
Última atualização por Coronel Valin Kaori

Bodhi

“Alguma última pergunta?” pergunto, encarando cada um dos três marcados. Meu coração dispara enquanto estamos na beira da floresta, mas mantenho minha expressão neutra. Dizer que também estou apavorada não vai ajudar em nada, e embora dragões apreciem deferência, eles tendem a transformar cadetes muito assustados em torrão.

E se há uma coisa em que me tornei bom, é em guardar meus sentimentos

para mim mesmo.

“Cuidado com os cadetes mesquinhos que guardam rancor. Encontrem seus dragões. Não morram. Acho que isso resume tudo.” Imogen Cardulo sopra uma mecha de cabelo curto e rosa para longe dos olhos antes de me encarar com um olhar que diz que meu discurso motivacional pré-Threshing não foi lá muito inspirador.

Não a culpo. Eu não sou exatamente uma líder, nem nunca quis ser. Meu primo, Xaden, herdou todos os genes inspiradores e magnéticos da família, e eu fiquei com o que sobrou. Normalmente, não me importo com a distribuição dos nossos talentos. Ele nasceu para liderar o ducado de Aretia, e esse tipo de magnetismo não desaparece só porque Navarra tirou o título do meu tio antes de executá-lo, junto com meus pais, da mesma forma que fizeram com a nossa cidade. Sou habilidosa em manter tudo funcionando nos bastidores para que Xaden possa fazer as coisas que ele faz de melhor. Também sou muito boa em impedir que Xaden seja... Xaden demais. É um equilíbrio delicado entre apoiar meu primo e garantir que ele não acabe executado também.

Na maioria dos dias, estou satisfeito com esse papel. Mas hoje, adoraria ter um pouco da confiança que o levou a conquistar Sgaeyl, tornando-o um dos cavaleiros mais poderosos do quadrante em seu segundo ano. Hoje, adoraria ter o poder que ele tem para inspirar os outros e dissipar o medo dos meus amigos. Mas, acima de tudo, só por hoje, quero entrar nesta floresta sendo eu mesmo, ser visto como mais do que o primo do Xaden Riorson.

Às vezes, sinto que sou uma das projeções de Xaden feitas por Kaori; me pareço com ele o suficiente para merecer tanto ódio quanto respeito, dependendo de quem observa, mas não tenho o poder de causar o mesmo impacto que ele.

Mas eu disse a Xaden que lideraria os outros quando pudesse, e os Durrans não voltam atrás na palavra. Prometi ao meu pai que nunca faria isso, e eu estava falando sério.

“Acho que conseguimos”, concorda Ciaran, com a tez um pouco mais avermelhada do que o normal hoje.

“Ótimo—” Dou uma olhada rápida por cima do ombro dele para onde o Coronel Aetos está conversando com o filho, e meu coração dispara quando percebo que o coronel está nos observando. “Precisamos acabar com isso. Agora.” Estamos em um evento oficial do quadrante, mas nós quatro sozinhos nos coloca em uma área cinzenta no que diz respeito ao Código de Conduta.

Os outros olham para trás e todos ficam tensos, até mesmo Imogen.

“Mantenham-se a oeste”, lembro-lhes. “Encontraremos-nos esta noite.”

Acenamos um para o outro com a cabeça e nos separamos, adentrando a floresta sombreada. Eu sigo pela trilha mais a oeste, conforme as instruções, e os

outros desaparecem atrás das inúmeras variedades de árvores.

“Você se saiu bem no discurso.”

"Pelo amor de Deus!" Minha mão voa para o centro do meu peito quando Xaden aparece ao meu lado como se estivesse ali o tempo todo. Balanço a cabeça. "Você precisa parar com isso." Ele se tornou uma ameaça com essas sombras, mas sou grata pela cobertura que elas proporcionam quando precisamos de segredo. O que é praticamente sempre necessário por aqui.

"Será mesmo?" Seu sorriso irônico desaparece rapidamente. "Estou falando sério. Você se saiu bem com os outros. Ciaran saiu de lá com mais convicção do que quando chegou."

"Eu poderia ter feito melhor, mas eu não sou você." Soa um pouco mais petulante do que eu gostaria.

“Ninguém te pediu para ser assim.” Ele me lança um olhar, depois segura meus ombros e me vira, parando-nos no meio da floresta. Seus olhos me encaram enquanto ele se inclina levemente, fazendo com que nossos olhares se encontrem. “Bodhi, ninguém pede, espera ou quer que você seja eu.”

"Sim." Forço um sorriso rápido e fácil. "Claro. Só se você morrer, né?"

Naturalmente, ele percebe isso imediatamente.

“Eu não vou morrer, e mesmo se morresse, não estamos mais presos à *linha de sucessão e* aos cargos de reserva.” Ele levanta a sobrancelha que Sgaeyl deixou cicatrizada no ano passado. “Não temos mais nenhum título a defender, lembra?”

“Verdade.” Suspiro. “Mas o conselho—”

“Que se dane a câmara municipal. Estou fazendo mais do que o suficiente para mantê-los satisfeitos.” Ele aperta a minha nuca. “Você é excepcional e vale por mil de mim. Você é calma quando eu sou irracional e firme quando sou volátil. Você herdou todas as qualidades admiráveis da sua mãe, enquanto eu pareço ter herdado todas as desonrosas do meu pai.” Ele me solta e bagunça os cachos cerrados no topo da minha cabeça como se fôssemos crianças de novo. “Ser muito parecida comigo só diminuiria a sua excelência.”

“Obrigada.” Meu sorriso, quase imperceptível, é genuíno desta vez, e recomeçamos a caminhar, adentrando ainda mais a floresta. Essa é outra habilidade que ele desenvolveu no último ano e que me falta: o dom de dizer exatamente o que alguém precisa ouvir, no momento exato em que precisa ouvir. “Você não deveria estar aqui, sabia?”

"Estou observando." Ele dá de ombros, ergue e abaixa as espadas que mantém presas às costas.

Prefiro a minha junto ao quadril. "Não atrapalha?"

"Como se eu fosse quebrar o Códice quando ninguém estivesse olhando", ele

ironiza sarcasticamente.

“Então você está só *me* observando ?” Minhas costas enrijecem. “Por quê? Porque você acha que eu não vou conseguir sozinha?”

“Não”, ele responde. “Só estou aqui para passar um lixo—” Ele estende a mão na minha frente, interrompendo nossos passos, e vira a cabeça para a esquerda.

Um segundo depois, ouço vozes se aproximando do sudeste.

Puta merda, até a audição do Xaden é melhor que a minha.

"Eu simplesmente não acho justo que eles tenham as mesmas oportunidades que nós", reclama um cara enquanto caminha com outros três cadetes da Primeira Ala. Eu conheço essa voz. É o cadete que quebrou o nariz do Norwood durante o café da manhã alguns dias atrás. Ele e seus amigos tornaram a vida dos marcados na Primeira Ala *um inferno* .

Sombras rodopiam ao redor de Xaden e de mim enquanto nos movemos silenciosamente em direção ao abrigo da árvore mais próxima.

“Os pais deles quase destruíram este reino”, concorda uma menina.

Ótimo. Estão falando de nós. Meu maxilar se contrai. Se eles tivessem a mínima ideia do que realmente acontece além das nossas fronteiras, talvez entendessem as escolhas que nossos pais fizeram.

"Certo?" , responde o primeiro. "E agora eles têm dois líderes de esquadrão. Você consegue imaginar se formar e ser colocado sob o comando do filho de um maldito separatista?"

Um leve sorriso surge nos lábios de Xaden, e eu me esforço para não sorrir também.

O fato de ele e Garrick serem líderes de esquadrão na nossa ala pode irritar profundamente os navarrianos, mas é motivo de orgulho para nós, que usamos relíquias da rebelião. Apenas cadetes excepcionais são escolhidos para serem líderes de esquadrão, e saber que Xaden e Garrick ascenderam à liderança nos dá esperança de que não seremos julgados apenas pelas ações de nossos pais, mas que poderemos nos destacar por nossos próprios méritos.

Não escolhemos estar aqui, mas agora que estamos, podemos tomar nossas próprias decisões.

"Já é ruim o suficiente ter um Riorson no comando, mas o sósia dele está subindo pela Quarta Ala bem embaixo dele", reclama outra garota, com a voz ficando cada vez mais alta à medida que se aproximam.

Meu sorriso desaparece. Xaden e eu nos parecemos? Claro, é genética. Mas temos olhos, tons de pele, cabelos e biotipos diferentes. Ele é cinco centímetros mais alto e pelo menos nove quilos mais pesado do que eu.

Xaden me olha, levanta a mão e aponta para o sul, onde lampejos de

vermelho espreitam por entre as árvores densas. Um Rabo de Escorpião Vermelho está se aproximando. Encaro as escamas rubi brilhantes e me concentro, tentando localizar o que Kaori insiste que sentiremos quando soubermos que um dragão em particular é nosso.

“E você sabe que eles estão se ajudando”, murmura o primeiro cara. “Durran luta exatamente como Riorson. É por isso que ele ainda não perdeu um único desafio.”

Xaden e eu sorrimos. Ótimo. É verdade. Mal posso esperar para ver a cara deles quando o Liam chegar no ano que vem e acabar com todos eles no tatame. O Xaden passou anos treinando ele. Meus dedos roçam o patch da Gauntlet recém-costurado no meu peito. Aposto que o Liam vai usar um igualzinho no ano que vem também. Ele é o melhor de nós.

O vermelho surge por completo, preenchendo o amplo espaço entre duas árvores, e meu coração dispara ao vê-lo rosnar para os cadetes. As projeções de Kaori são ótimas, mas não chegam nem perto de capturar o quão ameaçadores, o quão petrificantes eles são de perto. Ou quantos dentes eles têm.

"Relaxa", sussurra Xaden. "Não vai te queimar."

Como se isso fosse me consolar?

"Como diabos você saberia?" , respondi no mesmo tom de voz.

Os cadetes se viram em grupo para encarar o vermelho, e o primeiro bobo da corte desembainha a espada.

“Deveríamos abordar a situação pela direita!” insiste a garota, virando-se rapidamente para a direita.

Não, não. Os vermelhos preferem a esquerda.

O dragão acompanha o movimento, depois levanta uma única garra e esmaga o cadete contra o chão com uma série nauseante de estalos.

Ah, *que merda* .

"Idiota", sussurra Xaden, mas não se mexe.

Devemos alertá-los sobre os perigos de estar em grupo. Mesmo que nos odeiem por existirmos, é a coisa certa a fazer. Eu abro a boca—

“Desi!” grita o cara com a espada.

O dragão enrola a língua e fogo irrompe de sua boca, jorrando num fluxo que me lembra lava. Os cadetes nem têm tempo de gritar antes de serem cremados. Fumaça se espalha da região onde eles estavam enquanto o dragão bufa uma vez e vira para oeste.

Assim, de repente, quatro cadetes estão *mortos* .

“E é por isso que vocês não devem abordar as pessoas em grupo”, diz Xaden. “Norwood vai dormir mais tranquilo esta noite.”

Dou um único passo para além da árvore e observo a cauda de escorpião

partir.

"Vamos."

"E se for meu?" Continuo observando o pássaro vermelho balançar o rabo.

“Não é”, diz ele com tanta certeza que me viro para encará-lo, arqueando as sobrancelhas.

“Segundo quem?”

“Sgaeyl.” Ele se impulsiona da árvore e passa por mim a passos largos. “Vamos, Cuir está esperando por você.”

“Cuir?” Repito como um pássaro, perseguindo meu primo. Minha mente percorre a lista de dragões dispostos. “Rabo de Espada Verde?”

“Sim”, diz ele quando o alcanço. “Sgaeyl disse que Cuir está esperando por você em um campo ao sul.”

São tantas emoções que meu corpo se enche de sentimentos que é impossível catalogá-las todas, mas percebo a explosão de alegria por ter sido escolhida e uma pontada inexplicável de… algo… que me estão dizendo. “O quê, tipo, Sgaeyl escolheu meu dragão para mim?”

Xaden debocha. "Ela não é do tipo que gosta de fazer casamentos arranjados. Ela só está transmitindo a informação."

“Isso não é normal.” Fecho as mãos em punho ao lado do corpo.

“Isto”—Xaden gesticula para a relíquia da rebelião em seu braço esquerdo —“torna tudo aqui fora anormal quando se trata de nós. Não consigo explicar.”

"Eu acho que você consegue." Eu continuo acompanhando-o, só porque sei que ele vai me deixar para trás se eu tentar provar algo parando e esperando por uma resposta que ele obviamente não quer dar. Não existe ninguém no mundo que se compare à sua teimosia, exceto talvez Sgaeyl. "Você é a única família que me resta. Você é mais como um irmão do que um primo. Então me diga logo."

Ele lança um olhar de relance na minha direção enquanto nos aproximamos do campo, e então acena com a cabeça. "Há uma chance de que os dragões dispostos a lutar nesta guerra conosco estejam procurando por cavaleiros com relíquias da rebelião."

“É claro que eles estão dispostos a lutar contra Poromiel, senão não criariam um laço—” Minhas palavras morrem. “Ah. Você quer dizer…”

"Sim."

Meu peito aperta. "Você está dizendo que as escolhas já foram feitas por nós?" Meu Deus, será que tudo na minha vida é decidido por outras pessoas?

“É só uma teoria”, diz ele rapidamente, seu olhar se voltando para o meu. “Sgaeyl me contou sobre Cuir porque sabe que eu me preocupo—” Ele faz uma careta. “Não é verdade. Às vezes acho que ela gosta de me ver preocupado. Ela sabe que não vou sair da floresta até você se conectar, e Garrick e eu temos um

compromisso.” Ele levanta um dedo. “Contarei sobre *isso* depois que vocês se conectarem.”

“Um dia, sua incapacidade de ser completamente sincero com alguém vai acabar se voltando contra você.”

“Duvido. Minha capacidade de guardar segredos mantém as pessoas vivas.” As folhas farfalham ao vento com cheiro de enxofre. “Mas vou te dizer que precisarei da sua ajuda.”

Meu peito se enche de um sentimento de propósito, e eu aceno com a cabeça. "Farei o que for preciso."

“Eu sei.” Trocamos um olhar e continuamos em direção ao campo onde meu futuro me aguarda.

Quase nunca consigo vê-lo sozinho, especialmente com esse adendo, então aproveito a situação. "Você vai ver a Cat? É lá que você precisa estar?"

"Nem pensar." Ele faz uma careta. "Passo o mínimo de tempo possível com ela. Não vale a pena a viagem quando tudo o que fazemos é nos irritar mutuamente. Não sei por quanto tempo mais..." Ele passa a mão pelos cabelos. "Não importa."

"Você merece ser feliz", digo baixinho, e de alguma forma parece a coisa mais alta que eu poderia ter dito em uma floresta cheia de dragões.

“Que felicidade ilusória é essa de que você fala?” Ele examina a floresta ao nosso redor, sempre em alerta.

"Acho que é amor." Concordo comigo mesma. "Como o que meus pais tinham. Amor, família e um futuro além de toda a miséria — ou pelo menos alguém que faça a miséria valer a pena."

“Gosto disso para você.”

“Eu também gostaria disso para *você* .” Cerrei os punhos novamente. “Odeio que você esteja prometida a alguém com quem não terá isso. Odeio que você não tenha tido voz nessa decisão. Na maioria dos dias, acordo desejando que tudo isso… acabasse.”

“O noivado?” Ele franze a testa.

“As guerras. As lutas. A impotência, incluindo o seu noivado.”

“Você não precisa se preocupar comigo, Bodhi.” Ele passa o braço pelo meu ombro. “Eu sou o responsável por você, lembra?”

"Só me preocupo com você", deixo escapar. "Acha que não vejo no que este lugar está te transformando? Mal te reconheci quando cheguei em julho. Você quase nunca sorri. Quase *nunca* ri. Já te vi massacrar no tatame quando um nocaute bastaria, e você não avisou os calouros que o vermelho ia torrá-los só porque estavam em grupo. Você devia romper o noivado. Que se dane o acordo que o tio Fen fez. Eu te apoio com o conselho. Você sabe que eu vou fazer isso.

Vou cumprir minha palavra."

Os Durrans sempre cumprem a palavra. A voz do meu pai ecoa na minha memória.

“Eu sei que você vai. Não é o noivado que vai me mudar.” Xaden me aperta uma vez num meio abraço, depois solta o braço. “E realmente importa o que eu me torne se isso significar que você está segura? Garrick? Liam? Imogen? Sloane? Soleil—”

“Você não precisa listar todas as que estão marcadas”, respondo enquanto nos aproximamos da fileira de árvores que circunda o campo. “Eu entendi.”

“Você não vai.” Ele faz uma pausa e então me imobiliza com um olhar que instila medo em quase todo o quadrante. “Mas você vai. Porque você também não avisou aqueles cadetes. Não que eu me importe, mas estou impedido pelo Codex de interferir, então qual é a sua desculpa?”

Minha boca se fecha de repente. Um aperto no estômago se forma porque ele tem razão, mesmo que eu não queira admitir. Eu poderia ter saído e dito algo àqueles cadetes.

Ele olha para o céu, respira fundo e depois olha para mim novamente. "Este lugar muda *a todos* , inclusive você."

"Podemos escolher não deixar que isso aconteça", sussurro.

“Se não mudarmos, morreremos.” Sua expressão se suaviza, assumindo algo próximo à pena.

"O que nossos pais pensariam?" Meu coração dispara enquanto me afasto do meu primo e caminho em direção ao campo.

“Nossos pais pensariam que esses cadetes já haviam sido avisados por Kaori, e que foi escolha deles não seguir as orientações. Não podemos salvar a todos, Bodhi”, Xaden grita atrás de mim.

Um enorme Blue Clubtail, que não está na lista de Kaori, espera no centro do campo, erguendo-se em toda a sua altura. Suas garras se flexionam no chão e, acima de uma cicatriz que divide seu focinho, seus olhos dourados se estreitam sobre mim.

“Bodhi—” As palavras de Xaden morrem na beira do campo atrás de mim. “Ah, droga. Não esse.”

Não é o verde que me *disseram* que eu ia associar.

Dane-se. Cansei de deixar que façam minhas escolhas por mim. Posso não ser uma Riorson de nome, mas sou de sangue, e sei lidar com um azul. Disparo em disparada, meus braços se movendo com força enquanto meus pés devoram a distância pelo campo.

“Bodhi!” grita Xaden. “Não!”

Três coisas parecem acontecer ao mesmo tempo.

A criatura azul abaixa a cabeça e abre sua enorme mandíbula, a língua se enrolando, uma chama ardendo em sua garganta. Sombras correm pelo chão à minha frente. E percebo que talvez eu tenha acabado de cometer o maior erro da minha vida e estou prestes a pagar por ele.

Estendo os braços à minha frente como se tivessem alguma chance de me salvar do incêndio iminente, e o rosto da minha mãe me vem à mente.

Isso é maior do que qualquer um *de nós, Bodhi.* Ela me abraçou tão forte, como se pudesse comprimir em mim uma vida inteira de amor se se esforçasse o suficiente. *Se ficarmos de braços cruzados enquanto o mal consome os mais inocentes entre nós, mereceremos o que acontecerá quando ele chegar às nossas próprias portas. Fique perto de Xaden. Ele a protegerá e você o manterá em equilíbrio. Vocês precisam um do outro.*

Fecho os olhos enquanto o fogo ruge em minha direção, lembrando-me do aroma das lilases, do perfume dela, do último beijo que ela depositou em minha testa antes de partir para a batalha com meu pai. Talvez eu encontre Malek, mas também verei meus pais. O calor acaricia meu rosto.

Me perdoe, Xaden. Ele arriscou tudo, deu tudo de si, e eu joguei tudo fora.

Uma morsa aperta minhas costelas, e sou arrancado do chão enquanto a morte vem me buscar. O vento sopra e o calor sobe rapidamente sob mim.

Meus olhos se abrem de repente e o ar dos meus pulmões jorra para fora. O chão se afasta, e a bola de fogo se dissipa enquanto sou puxado cada vez mais alto para o céu, preso entre duas garras verdes imóveis.

Couro.

“Eu sei o que significa autonomia para você, o que lhe foi tirado.” Uma voz masculina leve e suave me interrompe, e uma sensação de aconchego me invade. *“Eu sempre lhe darei uma escolha.”*

Caramba, eu não morri. Jogo meus braços sobre a garra que está curvada em volta do meu torso e me agarro com força.

“Mas nem sempre respeitarei ou aceitarei essa escolha”, ele avisa enquanto voamos. *“Então escolha agora, Bodhi Durran. Você pode subir e aceitar esse laço, ou pode cair para um reencontro rápido com os pais de quem sente tanta falta.”*

Que diabos eu estava pensando, atacando um dragão que não havia iniciado um vínculo?

“Não te culparei pelo teu erro, mas não tolerarei uma rejeição, então decide. Agora.” O seu tom está em total desacordo com as suas palavras.

"Eu subo!" Eu me apoio em sua garra, e ele a afrouxa o suficiente para que eu consiga me içar até o topo. Ele a deixa nivelada, me dando uma plataforma para firmar os pés enquanto agarro o topo da primeira escama.

“Você tem até que alcancemos os outros.”

Nada como um prazo para me fazer agir mais rápido. Isto é completamente diferente do Desafio, não foi algo para o qual nos prepararam, mas sou excelente em me adaptar quando as coisas não saem como planejado. Escama por escama, subo pela perna de Cuir, lutando contra o vento e a gravidade enquanto ele nos leva em direção ao campo de voo.

"Por que eu?" grito contra o vento enquanto me aproximo da protuberância de seu ombro, lutando contra todos os instintos de olhar para suas asas com admiração.

“Porque você busca o poder para acabar com o mal, em vez dos meios para a vitória.” Ele recolhe as patas dianteiras e eu fico pendurado a centenas de metros do chão. *“E essa é uma qualidade única entre os cavaleiros.”*

Cravando os dedos na borda posterior de suas escamas, me ergui com uma lentidão excruciante. Os músculos dos meus ombros, braços e peito protestavam veementemente, mas eu conseguia. Meus dedos dos pés encontraram apoio na parte inferior de seu ombro e eu me arrasto até o topo, ofegante.

Ele vira para a esquerda, e o peso do meu corpo me arrasta pela base do seu pescoço.

"Você podia facilitar as coisas!" , grito, me jogando contra suas costas para não cair do outro lado.

“Você poderia simplesmente não ter tentado criar laços com outro dragão.”

Faz sentido. Eu me movo em direção ao assento, usando um movimento que é muito mais rastejante do que propriamente um engatinhar. Meus remendos se prendem em suas escamas enquanto me puxo para frente, e então deslizo sobre o caroço duro da escama do pomo.

“Suas habilidades de escalada são superiores às suas habilidades de raciocínio”, diz Cuir. Ele se ajeita e eu dobro os joelhos para me virar no assento.

"Eu sei." Me posiciono e noto as manchas escuras nas escamas do pomo. Travando as coxas, levanto as mãos e uma dor aguda percorre meus braços ao perceber que fiz cortes sangrentos nas pontas dos dedos por causa da escalada.

"Imagino que não será a última vez que você sangrará pelas minhas costas se continuar tão imprudente quanto demonstrou hoje. E pensar que esperei até este ano para nos unirmos novamente por sua causa."

Pelo jeito que estamos nos aproximando, consegui meu lugar bem a tempo do prazo final. Voltaremos ao campo de voo nos próximos minutos. Já consigo ver os dragões enfileirados na beira da colina, observando, e os outros voando em várias altitudes ao nosso redor.

“Eu não sou desprezível—” Me interrompo antes que eu minta. “Vou

trabalhar nisso.”

“Certifique-se de que sim. Minhas escolhas agora estão ligadas às suas.” Ele inicia a descida para a pista de pouso, e a ficha cai de vez pela primeira vez.

Ele realmente me escolheu.

De todos os pilotos do vale, eu sou a escolha dele.

Ele poderia ter criado laços no ano passado. Ele poderia ter escolhido Xaden, como todo mundo faz.

"Eu te escolherei todos os dias até a sua morte ou o seu falecimento", diz Cuir.

Não são a mesma coisa? Engoli o nó de emoção que se formava na minha garganta. "Eu te escolherei acima de todos." É uma promessa que levo muito a sério. "Os Durrans não quebram a palavra." Sorri, pensando no meu pai. Então, inclinei a cabeça para trás, em direção ao sol, enquanto Cuir e eu cortamos o céu. Posso cumprir as duas promessas que fiz aos meus pais. Agora sou uma cavaleira. Nunca mais serei impotente.

“Lembre-se daquela promessa.” Ele inclina para a direita e, desta vez, eu transfiro meu peso e nos movemos juntos, sem esforço. *“Vou cobrar que você a cumpra.”*

Pelo resto da minha vida.

632 UA
Glane—Cauda de Adaga Laranja
(Feminino) Descendente da Linhagem Fhaicorain
Idade estimada: 19 anos
Pilotos Registrados: 0

—O Compêndio da Espécie Dracônica,
Última atualização por Coronel Valin Kaori

Imogen

Folhas secas estalam sob minhas botas enquanto caminho pela floresta, depois de ter sido dispensado após o discurso motivacional pouco inspirador de Bodhi, que em nada melhorou meu mau humor constante. Espero sinceramente que algum idiota de Navarr tente se vingar de mim por aqui, porque estou com vontade de matar alguém.

Que se dane este dia.

Que se dane este reino.

Que se danem todos que nos colocaram nesta câmara de tortura maldita disfarçada de academia militar.

Eu me assustei. Não posso dizer o mesmo de Riorson. Ele fez a única escolha possível para salvar nossas vidas depois que Navarre tirou a vida de nossos pais. Ele é o único motivo pelo qual ainda respiramos, e devo a ele minha lealdade inabalável até que um de nós encontre Malek.

Que se dane o General Sorrengail por ter feito o acordo.

Sim. Assim está melhor.

Caminho entre as árvores sem qualquer receio, mais do que pronta para enfrentar meu destino como minha mãe e minha irmã enfrentaram, ou pelo menos o que eu pensava que seria meu destino até Kaori projetar uma certa Borboleta Cauda de Adaga Laranja no meio da nossa sala de aula algumas semanas atrás.

Um peixe-agulha laranja que deveria estar morto.

"Onde diabos você está?" , sussurro, sabendo muito bem que ela pode me ouvir. Ela paira tão perto da minha mente desde a Apresentação que eu poderia até usar uma via mental para me comunicar com ela, se não achasse que mereço algumas respostas primeiro. E mereço.

Principalmente porque fui dormir depois da Apresentação com uma nova relíquia brilhante de um Dragão Cauda de Adaga Laranja enrolada no meu quadril esquerdo, um fato que prefiro manter em segredo. É uma marca de reivindicação, o lugar por onde a magia entra em nosso corpo depois de canalizada do nosso dragão, mas certamente há uma maneira de rejeitá-la se ela se revelar a grande dor de cabeça que eu acho que pode ser. Como não a notei na fila de dragões? Como ela a colocou ali sem causar tanta dor? A única outra relíquia que me deram doeu demais.

"Você sempre foi tão desagradável assim?", ela pergunta, invadindo minha mente com uma voz tão doce que beira o açúcar. Se o açúcar fosse venenoso.

Como se você não fosse? Ela pode ser a dragão mais mal-humorada e impetuosa do continente.

“Eu ouvi isso.”

Pare de ouvir a menos que esteja pronto para se mostrar.

Ela ri com desdém, o som fazendo cócegas no meu cérebro, mas ela não está em lugar nenhum sob o dossel de cores brilhantes de outono.

"Katrina, por favor, cuide de Quinn", sussurro no vazio para minha irmã falecida.

Preciso me apressar. Bodhi atrapalhou o plano que eu tinha feito com Quinn para enfrentarmos esse dia juntas, e eu nunca vou me perdoar se algo acontecer

com a loira irritantemente animada antes de eu chegar ao ponto de encontro que combinamos às pressas.

“Acabe com sua amizade com o navarro e talvez eu deixe você sair voando deste vale.”

Ela não é como as outras. E você não decide quem são meus amigos. Meu estômago se revira.

“Veremos.”

Um grito agudo vem de algum lugar a leste, e eu me encolho.

Por Dunne, se eu tiver que morrer, não vou gritar como um porco quando Malek vier me buscar.

Algo desce voando na minha frente, e eu estendo a mão rapidamente para pegar uma folha magenta escura com cinco pontas. "Olha só. É a sua cor favorita, mãe." Eu a estendo para que ela possa vê-la de onde estiver olhando.

Minha mãe e minha irmã podem ter sido executadas em Calldyr, mas nunca me sinto longe delas.

Nossa, como senti falta de outonos assim. As árvores em Tyrrendor são predominantemente coníferas; pelo menos eram onde eu cresci perto de Lewellen. Mas em casa, na Província de Deaconshire, temos árvores como algumas destas que perdem as folhas quando o outono chega. Não importa quantos anos tenham se passado ou o quanto eu amava Aretia, sempre me lembrarei de Hardincourt como meu lar.

“Isso te lembra as árvores de Hardincourt?”

Minha cabeça se ergue bruscamente quando Garrick Tavis, com duas espadas presas às costas, sai de trás de uma árvore e planta seus pés gigantescos no meio da trilha. Estreito os olhos e lembro ao meu coração para se acalmar. Ele pode até parecer apetitoso o suficiente para ser devorado com uma mordida, mas eu não vou por esse caminho. Nem agora. Nem nunca.

Há muitos outros homens em Basgiath com quem você pode ter alguns casos.

Todo mundo que se aproxima de mim acaba morto. Meu pai. Minha mãe. Minha irmã, Katrina. Elyse — a única amiga que fiz naquele primeiro ano em que estive em um lar adotivo em Ivyndelle. Não importa o quanto eu esteja brava com ele, que se dane se o Garrick entrar nessa lista.

Com seu porte enorme, rosto de uma beleza estonteante, queixo quadrado e habilidades imbatíveis no tatame, não é como se ele tivesse qualquer dificuldade em encontrar mulheres para aquecer sua cama. Infelizmente — mas felizmente para Garrick — não sou o único que se excita incrivelmente com demonstrações de proeza letal por aqui. Definitivamente, há algo de errado com todos que cruzam a cerca.

Credo. Só de lembrar da Sharla Gunter rastejando em cima dele no corredor do dormitório ontem à noite, me dá vontade de vomitar.

"O que você está fazendo aqui?" , respondo secamente, descartando minha linda folha magenta.

Droga. Jurei para mim mesma que não diria uma única palavra para ele durante os dois anos em que teríamos que conviver neste lugar, e acabei de quebrar setenta e oito dias de autocontrole.

“Observando como um bom líder de equipe.”

Ele sorri e, *puta merda* , aquela covinha aparece na bochecha esquerda dele. Os navarrianos podem ser a minha ruína, mas essa covinha vai me matar.

“Então você *sabe* como falar comigo. Eu estava começando a me perguntar.”

Ignorei completamente o comentário dele. "Você não é *meu* líder de esquadrão, então vá se foder e vá para qualquer outro lugar onde você possa ficar de olho em um calouro que talvez aprecie sua presença." Lancei-lhe um olhar fulminante. "Estou muito bem sozinha."

“Ser mais gentil com a pessoa que você deseja pode lhe trazer um resultado melhor.”

Ou some daqui ou apareça. Eu intensifico meu olhar fulminante e puxo uma mecha de cabelo rosa para longe dos meus olhos quando ela começa a me atrapalhar.

“Você aprecia minha presença”, diz ele, completamente impassível como sempre. Então, pega a folha magenta e a gira pelo caule enquanto caminha ao meu lado. Difícil acreditar que o homem maneja espadas gigantes com as mesmas mãos, que ele poderia me manejar—

Não. Esse é um pensamento que não vou considerar.

Eu nunca deixei Garrick Tavis encostar em mim, e não vou começar agora.

“E isso te lembra de casa. Admita.” Ele olha na minha direção, e eu evito cuidadosamente seu olhar. Ele me conhece com uma profundidade assustadora, e eu não tenho energia para ele hoje.

Dou uma olhada de soslaio na folha e depois encolho um ombro. "Talvez." É mais fácil admitir uma das afirmações dele do que a outra.

“Não tem problema perder isso.”

“Obrigado pela sua permissão.” Acelero o passo e ele me acompanha facilmente com aquelas pernas compridas.

Ele ri. "Juro pelos deuses que você tem a paciência de um santo para com todos os marcados, menos comigo. Por que será, Imogen?"

O som do meu nome em seus lábios ameaça me dar ânsia de vômito, então eu corto essa possibilidade imediatamente. "Porque eu não gosto de você."

“Ora, ora. Não há motivo para mentir.” Ele sorri, e aquela covinha aparece

novamente.

"É tão difícil acreditar que uma mulher seja imune aos seus encantos?" Mantenho o olhar fixo à frente, procurando na floresta ao nosso redor os dragões cuspidores de fogo que supostamente estão vagando por ali.

"Você acha que eu sou charmoso?" O sorriso dele se alarga, e eu reviro os olhos. Ele tem uma tolerância masoquista para o meu nível absurdo de besteira desde o dia em que eu lhe dei um soco na cara quando tinha oito anos, algo que ainda não consegui entender.

Katrina fez de tudo para me obrigar a pedir desculpas.

Eu nunca fiz isso — porque dane-se ele, tentando me dizer qual dos meus próprios cavalos eu deveria montar quando ele era hóspede na *minha* casa. Mal sabíamos que a amizade dos nossos pais levaria minha família a uma rebelião sete anos depois.

“Eu não disse isso.” Avisto o enorme carvalho que mamãe descreveu a uns cem metros de distância e peço a Dunne que Quinn o tenha encontrado. É o único na floresta que foi partido ao meio por um raio há muito tempo, na época em que tínhamos um verdadeiro mestre dos raios em nossas fileiras.

“Você não me disse *nada* desde que cruzou o parapeito.” Seu sorriso se desfaz enquanto ele guarda a folha no bolso do uniforme.

“Sim, por que você não falou com ele? Um rapaz tão simpático de Tyrrish.”

Mentalmente, empurro os fios alaranjados de um vínculo que se forma na periferia da minha mente, na esperança de que os filamentos diáfanos se dispersem. *Você não conseguirá se conectar comigo até que me explique algumas coisas* .

“Farei o que bem entender”, ela dispara. *“Sou uma assassina comprovada, com* milhares de vítimas no meu currículo *.”*

Blá, blá, blá. Tento forçar a conexão novamente, tentando imaginar uma barreira mental se erguendo. Meu Deus, mamãe e Katrina dedicaram tanto tempo tentando me ensinar, me preparar, e eu só ouvi uma fração do que elas disseram, certa de que não me voluntariaria para o quadrante.

“Imogen.” Garrick sabe que é melhor não me tocar, então ele se vira, ficando bem na minha frente e me obrigando a parar. “Por que você não está falando comigo?”

“Como se chama isto?” Gesticulo entre nós e dou um passo para a esquerda.

Ele imita o movimento. "Eu chamo isso de implorar para Riorson—"

Dou um passo para a direita e ele já está lá.

—para me designar a você, assim terei uma desculpa para falar com você.

Ele está envolvido com o Riorson? Que ótimo. Isso não é nada constrangedor. Eu vou para a esquerda de novo, e ele faz o mesmo.

“Olha, se você quiser dançar comigo, é só pedir.” Ele sorri, e eu cometo o erro de olhar nos olhos dele. Preciso arquear o pescoço de tanto que ele cresceu, mas no segundo em que faço isso, estou completamente *perdida.*

Garrick tem tantas qualidades excepcionais que seria impossível enumerá-las, mas os seus olhos? Esses são de uma categoria à parte. A profundidade cor de avelã me encara, me prendendo sem sequer tocar na minha pele. O preto do seu uniforme e do seu cabelo, de alguma forma, acentua o cobre que circunda suas pupilas, mas o resto de suas íris varia entre verde e azul num padrão que nunca consegui decifrar. E pior, sei por experiência própria que mudam conforme ele veste algo, constantemente atraindo minha atenção para ver como estarão em um determinado dia.

Se as coisas continuassem iguais, eu teria uma chance de vencer o vício.

"Você gostaria que eu sobrevoasse sua área e eliminasse essa tensão sexual para você?"

Argh. Fecho os olhos de repente. *Sai da minha cabeça.*

“Não. Você é minha. Acostume-se com isso.”

"Terei o maior prazer em atender ao seu pedido", diz Garrick com um sorriso malicioso.

Eu pisquei. Sobre o que estávamos conversando mesmo?

“Dançar”, ela me lembra, e o laço se fortalece.

“Não, obrigada.” Ergo as sobrancelhas para que ele saiba que estou falando sério. “Pelo que vi nos últimos meses, você já tem parceiros de dança suficientes.”

“É por isso que você não fala comigo?” Seus olhos brilham e seu sorriso se alarga. “Porque você está com ciúmes?”

Com inveja? Que besteira!

Espera aí. Será que aquilo é mesmo... *esperança* brilhando nos olhos dele?

"Dificilmente." Cruzo os braços sobre o peito. "Não me interessa onde você enfia seu pau. Não sou eu que estou montando nele."

Ele se inclina para perto de mim e seu olhar desce até minha boca. "Diga a palavra, Imogen."

Meu Deus, aquela sensação pegajosa invade meu estômago de novo, e me pego encarando as curvas perfeitamente esculpidas que ele chama de lábios.

"Não faço a mínima ideia do que você está falando." A mentira sai da minha boca com facilidade. Dou um passo para trás e me amaldiçoo por ter revelado como me fazer recuar. Passei a maior parte da minha vida provando a ele que não tenho fraquezas, e se ele soubesse que é o único culpado por essa falha, eu estaria perdida.

E de alguma forma, ele acabaria morto.

Não sei bem o que fiz para irritar o Malek, mas não tenho dúvidas de que ele também aceitaria o Garrick.

“Basta dizer uma palavra e eu não olharei nem para outra mulher.” Seu olhar encontra o meu, e estou presa novamente. “Nunca mais.”

Ele está perto demais. Cheira bem demais. E eu preferiria vê-lo na cama com mil mulheres do que ser responsável por enterrá-lo.

“Não jure celibato por minha causa.” Inclino a cabeça e faço beicinho. “Seria uma vida muito solitária.” Deixo transparecer o sarcasmo sutil em minha voz.

Ele debocha. "Meu Deus, você está mesmo com raiva de mim."

“Estou começando a achar que isso se qualifica como interferência e não como observação.” Coloquei as mãos na cintura.

Seu suspiro poderia levar metade das folhas desta floresta. "Você está procurando por Glane. Cauda de Adaga Laranja."

Eu pisquei. "Não estou."

“Você é.” Ele dá de ombros. “Chradh me contou. Sgaeyl contou para Riorson. Eu os consideraria fontes bastante confiáveis, visto que raramente concordam em alguma coisa.”

“Estou ficando entediado. Vamos agilizar as coisas.”

Uma onda de energia percorre minha espinha, e eu giro os ombros para me livrar dessa sensação estranha.

Que merda foi essa? Minha frustração chega ao limite com *tudo* neste dia, e dou mais um passo para trás. Ele não se mexeu, e ainda assim continua consumindo todo o oxigênio respirável ao meu redor. Quando foi que ele ficou tão gigantesco? Da última vez que o vi, ele era quase desengonçado. "Você começou a comer vacas inteiras quando cruzou o parapeito ou algo assim? Você nunca foi tão grande, e agora você está..." Aponto com a mão para o seu torso. " Em todo lugar. Você está tão alto quanto o Riorson agora?"

“Então você percebeu. Interessante.” Um canto da boca dele se ergue. “Eu sou um pouco mais alto que ele, mas não toque no assunto. É um tema delicado.”

“Os meninos são tão estranhos.” Eu me movo para a esquerda, e desta vez ele me deixa passar.

“Você pode fugir de mim o quanto quiser. Estou acostumado com você negando isso. Mas Glane é a dragão que vem atrás de você. Duvido que ela deixe você escapar”, diz ele, caminhando atrás de mim enquanto me dirijo ao carvalho morto.

“Ele tem razão.”

Cale-se. Eu resolvo isso com você em um minuto.

"Eu fugir de você?" Me viro bruscamente e levanto um dedo, impedindo o

cara mais forte do quadrante de dar mais um passo. "Você que não se deu ao trabalho de dizer adeus."

Puta merda, eu não devia ter dito isso.

Os olhos dele se arregalam. "É por *isso* que você está me ignorando?"

"Como é possível que tudo isso esteja em silêncio?" Respiro fundo e tento controlar meu temperamento, para que a raiva interminável que vive dentro de mim diminua um pouco.

“Não consegui chegar a Ivyndelle naqueles últimos meses antes de Parapet.” Seus ombros caem.

“É uma *hora de* viagem de Lewellen.” O calor sobe pelas minhas costas e se espalha pelos meus membros como se minha raiva fosse algo vivo, determinado a tomar conta do meu sistema nervoso.

“Você acha que eu não queria?” Suas mãos se contraem à sua frente como se ele estivesse se esforçando para não me tocar. “Sua família adotiva era lealista e começou a acusar discretamente o Duque de Lewellen de deslealdade a Navarra, sendo que ele é quem representa Tyrrendor no Senado. Eles não permitiram que ele me levasse para uma consulta trimestral de bem-estar. Disseram que os marcados não deveriam se reunir.”

"Você acha que eu não sei disso?" , grito enquanto o calor dentro de mim começa a queimar. "Você sabe quantos de nós fomos criados sozinhos?"

“Três”, ele responde baixinho.

“Três.” Concordo com a cabeça enquanto a queimação começa a me consumir. “Eu. Sloane. Julianne. O resto de vocês estava em pares. Liam e Xaden. Bodhi e Merielle. Você e—”

“Tyce”, Garrick completa por mim. “Eu sei.”

“É claro, ele é sete anos mais novo que você, mas pelo menos você tinha alguém. Talvez não fôssemos amigos, mas você foi a única pessoa marcada que eu vi por três anos, e você simplesmente… foi embora.” Por que diabos estou dizendo tudo isso? Minha boca se fecha com um estalo, e eu daria *tudo* para poder voltar atrás, para poder entrar na cabeça dele e apagar os últimos trinta segundos — aliás, os últimos dez minutos — da mente dele.

Ele não pode saber que alguém tem o poder de me machucar, muito menos ele.

“Imogen, me desculpe.” Ele estende a mão para mim, e eu me afasto rapidamente. “Não foi por escolha própria. Eu jamais faria algo conscientemente para te magoar.”

Ele nem precisa se esforçar. O resultado é o mesmo.

“Chega disso. Você está disposto a me fiar?”

Com certeza, se isso me tirar dessa situação.

“Excelente escolha.” Sua voz revela uma alegria ameaçadora.

A primeira onda de energia fervente me atinge e caio de joelhos, ofegante. Então, ela me domina novamente, em ondas tão próximas que não consigo sentir meu próprio coração batendo em meio à dor. O calor me queima vivo de dentro para fora, sem dar trégua, e o fogo não tem fim. Vai me matar. Não há como sobreviver à pressão que tenta abrir minha cabeça ou às chamas que me devoram osso por osso.

“Imogen?” Garrick se agacha ao meu lado.

“Não me toque!” Ele pegará fogo tão certo quanto eu. Uma força indescritível preenche minhas costelas, expandindo-se e reorganizando tudo dentro de mim enquanto consome as fibras do meu ser. Poder incandescente incinera tudo o que eu costumava ser e forja algo completamente novo. Cada respiração parece mais quente que a anterior, como se eu estivesse inalando energia pura e irrestrita.

Glane.

"Ela está canalizando", consigo dizer entre respirações curtas e ofegantes, minhas unhas cravando nas palmas das mãos.

“Impossível.” Garrick balança a cabeça, colocando o rosto bem na minha frente. Pelo menos ele será a última coisa que verei. “Você ainda não voou.”

"Ela é!" Eu grito, tornando-me apenas mais uma voz estrondosa em uma floresta repleta de morte.

"Respire", ele ordena com uma voz estrondosa que eu só o ouvi usar com seu esquadrão. "Vai passar, eu prometo, mas você precisa respirar."

Eu me concentro em seus olhos e respiro fundo, uma respiração ofegante após a outra, tentando me lembrar do que mamãe e Katrina me disseram sobre isso.

Chão.

“Preciso me conectar com a terra.” Fecho os olhos e me concentro no hall de entrada da casa da minha infância em Hardincourt. Os quadros na parede. As jaquetas de voo penduradas perto da porta. O piso de madeira desbotado pelo sol. Visualizo tudo com tanta nitidez que quase consigo sentir o cheiro de pão assando na cozinha. Então me viro para a porta da frente, por onde uma fumaça alaranjada e fumegante invade meu santuário, e mentalmente a fecho com um chute.

A corrente elétrica passa pelas janelas, preenchendo os vidros, mas não os atravessa.

Respiro fundo pela primeira vez sem dor e abro os olhos, encontrando Garrick me observando, com os olhos arregalados e a boca aberta. A raiva ferve novamente. "Vou matá-la."

“Como diabos você sabia como se conectar à terra?” Suas mãos pairam perto do meu rosto, mas ele não o toca.

Lentamente, levanto-me, verificando se não perdi nenhum membro naquele ritualzinho excruciante. Meu corpo não sofreu nenhum dano, se eu não levar em conta o pequeno corte sangrento na palma da mão, feito pela minha própria unha. "Porque, ao contrário da grande maioria dos marcados, sou um motociclista de terceira geração."

“Foi sua mãe quem te ensinou.” Ele acena com a cabeça solenemente e se levanta.

“E Katrina.” Viro-me de costas para ele e caminho em direção ao enorme carvalho morto e ao campo logo além. O poder pulsa em minhas veias, percorre minha pele, simultaneamente desconcertante e, ainda assim, a coisa mais natural do mundo. “Você entregou sua mensagem. Agora vá.”

Sou exatamente como sempre deveria ter sido.

“Não vou embora depois de você ter passado por isso”, argumenta Garrick, seguindo-me.

“Você é meu.” Ela parece extremamente satisfeita consigo mesma.

“Estou irritado.” Eu uso o caminho mental que nos conecta.

Você vai superar isso.

Quando me aproximo uns três metros, avisto Quinn pendurada no galho mais baixo, seus cachos loiros com mechas azuis balançando na brisa, e meus ombros imediatamente relaxam de alívio. Eu nunca quis me importar com minha colega de turma tão animada, mas ela tem um jeito de conquistar até a pessoa mais mal-humorada. Ou seja, eu.

Além disso, ela declarou que seríamos amigas imediatamente após ver minha relíquia da rebelião e nunca questionou sua decisão. Agora, só preciso garantir que a tendência de morrer quando alguém próximo a mim nunca a alcance.

“Gen! Você conseguiu!” Quinn salta do galho, com seu machado labrys preso às costas. Seu rosto se fecha quando me aproximo. “Você está bem?”

"Tudo bem." Eu aceno com a cabeça.

Ela me olhou com os olhos semicerrados por cima do ombro. "O que você fez?"

"Eu?" Garrick levanta as mãos. "Eu não a toquei."

"Ah, eu percebi." Quinn o encara com raiva. "Ainda bem que gosto de garotas. Vocês homens são pura drama."

"Inacreditável." Garrick olha para ela boquiaberto e se encosta na árvore.

Um movimento no campo chama minha atenção, e meu foco se fixa na víbora-de-cauda-de-adaga laranja-abóbora que se aproxima. Aqueles chifres, aquele olhar de desprezo, o padrão das escamas em seu peito... é definitivamente

ela.

"Vamos ter uma conversa séria!" , grito para ela, levantando o dedo.

"Ai, Gen, você não pode simplesmente gritar com um dragão", murmura Quinn, baixando os olhos como Kaori nos ensinou. "Muito menos com um laranja."

"Navarriano!" ela berra, e esse é o único aviso antes que ela separe os lábios dos dentes e cuspa um estreito jato de fogo entre suas presas, mirando diretamente em Quinn.

Sinto um nó no estômago.

"Não!" Eu me atiro em direção a Quinn e nos arremesso para trás do enorme tronco da árvore. Uma onda de energia me invade como um turbilhão de calor, e fecho minha mente novamente. A última coisa que precisamos é que eu me consuma enquanto sou queimada viva.

As chamas passam enquanto nós três nos aconchegamos atrás do carvalho.

Termina tão repentinamente quanto começou, mas minha raiva está apenas começando.

“Ainda bem que esta árvore estava petrificada”, diz Garrick, batendo no tronco.

"É melhor você saber disso!" grito para *Glane* , deixando Garrick e Quinn para trás do carvalho enquanto avanço para o campo.

“Você morreu? Não. Pare de reclamar.”

“Ela é minha melhor amiga. Minha única amiga!”

“A espécie dela matou sua mãe. Sua irmã.” Ela abaixa a cabeça em posição de batalha, movendo-a como uma serpente.

“Ela não teve nada a ver com isso! Assim como eu não tive nada a ver com a rebelião!” Eu avanço direto até o nariz dela, apontando o dedo. *“E por Deus, Dunne, se você encostar em um fio de cabelo dela, eu conto para todo mundo quem você realmente é.”*

Ela levanta a cabeça alaranjada e estreita os olhos. *"Eu sou Glane."*

Eu bufei. *"Você acha que eu não me lembro de você? É difícil esquecer o primeiro dragão que sua avó te apresentou, mesmo que você tivesse cinco anos."*

“Eu tenho apenas vinte anos.” Vapor sai de suas narinas. *“Talvez você esteja se lembrando errado.”*

“Talvez você esteja falando besteira.” Cruzo os braços. *“Você me ligou, mesmo sabendo que é proibido. Kaori vai descobrir.”*

“Para todos, meu nome é Glane.” Ela inclina a cabeça para baixo, me fazendo sentir como se eu tivesse cinco anos de novo. *“Inclusive para você.”*

Como diabos ela conseguiu fazer isso? A antecessora da Kaori devia ter registros péssimos.

"Você quer que eu te chame de Glane?" Tamborilo os dedos no meu braço.

“Você precisa.” Ela solta vapor sobre mim, mas eu nem sequer me mexo. *“Você tem sorte de ser minha. Minha contagem de mortes—”*

“É zero, Glane *.”* Eu arqueio uma sobrancelha para ela.

Ela solta um rosnado baixo na garganta.

Mostro-lhe os dentes.

"Madura." Ela bufa.

“Você é quem tem o direito de falar.” Dou uma olhada por cima do ombro para ter certeza de que Quinn não pegou fogo espontaneamente ou algo do tipo.

Ela me dá um aceno encorajador e um sorriso enorme.

“Suponho que você seja a mais velha”, diz Glane, flexionando as garras.

Eu ri sarcasticamente. *"Deixe-a em paz e eu guardo seu segredo."*

“Vou fazer melhor.” Sua cabeça gira para o sul, e um Rabo de Escorpião Verde sai da floresta.

"Cruth!" Quinn grita, e então sai correndo pelo campo de braços abertos como uma heroína fictícia prestes a reencontrar um amor perdido há muito tempo.

Meus lábios se curvam em um sorriso enquanto balanço a cabeça negativamente. Claro, para ela é muito fácil assim. Que bom que é.

"Vamos."

“Imogen”, chama Garrick. “Conversaremos no campo de voo. Nossa conversa ainda não acabou.”

Eu me encolho. "Ah, mas é sim!" Saio correndo, montando com facilidade. Os movimentos são instintivos, fruto de treinamento desde a infância. Suas escamas brilham à luz do sol enquanto encontro o assento e me acomodo. *"Devo avisá-la, tenho toda a intenção de morrer em combate."*

“Eu também.” Glane dá três passos e nos lança para o céu com grandes batidas de suas asas translúcidas. *“Nisso, somos iguais.”*

O vento açoita meus cabelos enquanto olho para o campo, deixando Garrick para trás. *"Aposto que vou matar mais inimigos do que você."*

“Desafio aceito.”

Abro os braços e deixo a cabeça cair para trás, abraçando o sol enquanto subimos em direção ao campo de voo. "Consegui!", digo para Katrina e para a mamãe. "Exatamente como vocês disseram que eu conseguiria." Um sorriso se forma em meus lábios. "Digam para a vovó que eu peguei o dragão dela." Ou melhor, o dragão dela *me pegou.*

Meu corpo se curva sobre a coluna de Glane, e seguimos em direção ao campo de voo, compartilhando um segredo que destruiria a fé de Kaori no Empíreo.

Mas isso *me* faz bem .

Observe:

O restante das histórias desta coleção contém spoilers de *Fourth Wing* .

633 UA
Feirge—Cauda de Adaga Verde
(Feminino) Descendente da linhagem Uaineloidsig
Idade estimada: 87
Cavaleiros Registrados: 3

—O Compêndio da Espécie Dracônica,
Última atualização por Coronel Valin Kaori

Rhiannon

"Venha me encontrar."

Os calouros se dispersam pela floresta ao meu redor, desaparecendo atrás das árvores até que eu esteja caminhando sozinha para o sul. É difícil acreditar que a Cerimônia de Debulha finalmente chegou, mas estou mais do que preparada. Estou radiante, incapaz de conter o sorriso no rosto ou a empolgação que me faz vibrar de expectativa. Gostaria de poder dizer o mesmo dos meus amigos.

A maioria deles está uma bagunça.

Tanto Tara quanto Trina pareciam bem, mas Ridoc vomitou o café da manhã antes de nos separarmos, Violet estava ainda mais pálida que o normal, e Sawyer estava tão perdido em seus pensamentos que estou preocupada que ele possa ser preterido novamente. Eu gostaria que os dragões escolhessem seus cavaleiros em grupo, em vez de individualmente, para que pudéssemos ter ficado juntos. Se Kaori foi consistente em alguma mensagem, é que estamos por nossa conta aqui.

Meu coração bate na velocidade das asas de um beija-flor enquanto caminho levemente para a floresta, desejando que meu pulso desacelere para que eu possa pensar com clareza. Não adianta ficar animada se eu tropeçar em um ruivo rabugento e acabar virando uma fogueira. Não atravessei o parapeito na chuva com a bota emprestada de Violet só para virar uma marca de queimado.

"Venham me encontrar." A voz é feminina e cristalina, embora não chegue a ser doce. Kaori nos disse para prestarmos atenção ao chamado caso o ouvíssemos, e embora eu não tivesse contado a nenhum dos meus amigos, soube imediatamente do que ele estava falando.

Acordei esta manhã com um lampejo de lembrança da foca-de-cauda-de-adaga verde-jade que vi na Apresentação, aquele único comando na minha cabeça, e uma dor profunda irradiando do centro do meu peito, como se alguém tivesse arrancado um pedaço dos meus pulmões enquanto eu dormia. Mesmo agora, arde levemente a cada respiração, como naquelas manhãs de inverno em que eu me aventurava para fora de casa em busca de lenha para que meu irmão gêmeo pudesse dormir um pouco mais.

Meu coração se aperta. Raegan deveria ter seu primeiro bebê por volta do solstício de inverno, e eu nem sequer posso receber uma carta para saber como ela está até completar meu primeiro ano. Deuses, eu daria tudo para trazê-la aqui, mesmo que por alguns minutos, para que ela pudesse compartilhar essa euforia que está me deixando em alerta máximo. Ela ia adorar! Eu a tiraria daqui antes que um dragão chegasse perto dela, é claro. Prefiro morrer a arriscar qualquer mal à minha irmã.

“Venha me encontrar.”

"Estou tentando", sussurro para a brisa.

Alguém grita à minha esquerda e meu estômago revira. Não consigo enxergar muita coisa através das folhas brilhantes de outono que cobrem as árvores enormes, mas aquela coluna de fumaça que aparece entre os galhos não pode ser um bom sinal.

Não é ninguém que você conheça. Mantenha o foco.

Ou melhor ainda, talvez seja Jack Barlowe. Aquele idiota merece ser incinerado à primeira vista pela forma como intimida todos ao seu redor,

especialmente Violet. Mas os dragões parecem achar esse tipo de crueldade atraente, então ele provavelmente está cercado por um bando de focinhos curiosos. Que os deuses nos ajudem se ele se tornar o mais poderoso do nosso ano.

Algo puxa meu peito, me arrastando para o norte, e eu sigo, virando as costas para a fumaça e entrando no bosque mais denso. A sombra me envolve, trazendo um arrepio. É ilógico pensar que um dragão possa caber entre essas árvores, mas ouvir Kaori me trouxe até aqui, então sigo a sensação e espero que seja o dragão-de-cauda-de-adaga verde-jade me puxando para mais perto.

Um dragão verde seria *excepcional* . Eles têm uma conexão mais estável com a magia, e eu aprecio o quão racionais eles são conhecidos por serem. Dado o mau humor de todos ao meu redor, eu definitivamente poderia usar alguém na minha vida que fosse emocionalmente estável. Mas eu não quero *qualquer* dragão verde. Eu quero aquele que escolheu não transformar Violet em um monte de cinzas durante a Apresentação porque reconheceu as escamas na armadura que ela usa como pertencentes ao dragão de sua irmã.

Passarei o resto da minha vida agradecendo àquele dragão por não ter incinerado meu melhor amigo.

O ar tem cheiro de enxofre, e meus passos diminuem à medida que me aproximo de um pequeno riacho, a apreensão tomando conta do meu coração pela primeira vez hoje. Reprimo rapidamente a inquietação, rejeitando completamente a possibilidade de que este não seja o melhor dia da minha vida.

Estou aqui para encontrá-la.

O sol acaricia meu rosto enquanto saio do meio da mata, mas qualquer sensação de conforto desaparece com o grito abafado vindo do centro da clareira, onde dois cavaleiros estão agachados. Melhor dizendo, um deles está deitado enquanto o outro está de pé.

“Ai, droga.” Meus pés vacilam na beira da área aberta que não é grande o suficiente para ser chamada de prado. Não há nenhuma marca de queimado visível, mas as árvores do lado esquerdo estão em chamas. Não é à toa que senti cheiro de enxofre.

A cavaleira agachada vira bruscamente na minha direção ao se levantar de um salto, brandindo um machado e com uma expressão mais ameaçadora do que qualquer dragão que eu já tenha encontrado — com exceção daquele Blue Daggertail ao qual Riorson tem um vínculo.

Sgaeyl é a personificação dos pesadelos.

"Eu não represento uma ameaça." Jogo as mãos para trás, na altura do peito, expondo as palmas, mas mantendo as armas ao alcance.

A morena com duas estrelas prateadas na clavícula levanta uma sobrancelha

com piercing. "Eu não diria isso muito alto por aqui, Matthias. O Cauda de Adaga Laranja que acabou de derreter o rosto do seu colega de ano pode voltar."

Derretido?

Meu coração tenta saltar pela garganta, e eu avanço sem me importar com o machado e a relíquia da rebelião que se enrola no braço esquerdo do aluno do segundo ano. Dunne, que não seja nenhum dos meus companheiros de esquadrão —

A cena que encontro parte meu coração da mesma forma.

Uma garota do esquadrão de Tara jaz no chão, com os olhos cerrados enquanto se contorce de dor, e por mais que eu deteste a palavra "derretida" quando se trata do rosto de alguém, neste caso, ela se justifica. Todo o lado direito do rosto dela está vermelho e cheio de bolhas, e uma faixa de pele que vai da gola do uniforme até o couro cabeludo está exatamente isso... derretida.

“Visia?” Caio de joelhos ao lado dela e seguro sua mão.

Ela aperta com tanta força que suas unhas chegam a sangrar.

Soltei um chiado de dor, e Visia caiu para trás, completamente mole.

“Provavelmente é melhor ela ficar inconsciente por um tempo”, diz a aluna do segundo ano, voltando a se agachar enquanto guarda o machado no coldre preso ao cinto. Seus distintivos me trazem uma lembrança. Seu nome é Eya e ela está no primeiro esquadrão da minha seção. “Isso deve doer pra caramba.”

"O que eu faço?" , pergunto, segurando a mão de Visia mesmo sabendo que ela está inconsciente.

“Você continua com a debulha.” Eya olha para Visia com um suspiro.

"Que se dane. Não posso simplesmente deixá-la aqui." Minha cabeça se inclina para trás. Só de pensar nisso, já me dá náuseas.

“Mantenha essa atitude.” Um sorriso irônico se forma nos lábios de Eya. “Isso fará de você uma das favoritas para a liderança no ano que vem.”

“Estou preocupado com a sobrevivência de Visia *este* ano.”

“Isso não depende de você.”

“Toda esta floresta pode pegar fogo.” Olho para os galhos fumegantes.

Eya estende a mão e olha em direção às árvores. Seu braço se ergue e a água jorra do riacho, encharcando as árvores com um som sibilante.

"Isso é impressionante", admito, enquanto o riacho volta ao seu lugar com um movimento rápido da mão de Eya.

“Seu argumento é nulo e sem efeito. Agora vá—”

Um rosnado baixo vem da direita, e meu estômago dá um nó.

"Ai, droga", sussurro enquanto a laranja rosnando enfia a cabeça por entre as árvores, mostrando os dentes. Meu coração começa a disparar, mas consigo manter a lucidez o suficiente para baixar os olhos imediatamente. "Acho que é

essa que derreteu o rosto da Visia?"

“Sim”, responde Eya, completamente despreocupada.

Levanto-me lentamente, limpando a palma da mão ensanguentada na calça e mantendo o olhar fixo na grama em frente ao focinho abaixado da laranja. Droga, a coisa está em posição de tiro e há *uns* seis metros entre nós.

"Que merda você está fazendo?" Eya se levanta atrás de mim.

“Ela está vulnerável.” Minha respiração fica entrecortada e a sensação de aperto no meu peito tenta me puxar para a esquerda, mas me mantenho firme. Nunca me perdoarei se aquele dragão matar Visia porque tenho medo de defendê-la.

“Estou bem ao lado dela, sua caloura ingênua”, Eya me repreende por trás.

“E daí? Alunos do segundo e terceiro ano só podem observar, não interferir”, argumento enquanto a laranja joga para trás minhas tranças com um bafo de vapor fétido.

"Eca," Eya engasga, claramente sentindo o cheiro do que eu fiz. "Observar de perto já é um impedimento suficiente por enquanto. Estou ligada a ele. Se aquele laranja mexer comigo, terá que lidar com *meu* dragão. O que Kaori te disse sobre dragões poderosos?"

“Quanto mais poderoso o dragão, mais poderoso o símbolo do cavaleiro”, respondo enquanto o dragão laranja avança um passo, erguendo levemente a cabeça. “Não tenho certeza se agora é o momento certo para uma lição.”

A grama em frente à laranjeira murcha com a próxima respiração.

“ Por aqui, *sempre* é um bom momento para uma lição”, ela rebate. “Não é só o selo. Quanto mais poderoso o dragão, menos outros dragões se atrevem a se meter com seu cavaleiro depois que o vínculo se fortalece”, conclui. “Eu estou perfeitamente segura. Você, no entanto, *não* está .”

Meus lábios se separam. Nunca tinha pensado nisso dessa forma, mas faz todo o sentido.

A cabeça da laranjeira avança no mesmo instante em que as árvores à nossa esquerda se movem. Antes que eu possa sequer piscar, as doze pontas afiadas como navalhas de uma borboleta-dama repousam contra a garganta exposta da laranjeira.

Uma cauda de adaga *verde*- jade .

Meu olhar percorre a espinha dorsal do dragão-de-cauda-de-adaga enquanto ele manobra para trás, adentrando a pequena clareira, mantendo a cauda erguida enquanto preenche agilmente o espaço entre a laranja e nós. Ele rosna na direção da laranja antes de virar a cabeça em nossa direção.

Com um único olhar para seus olhos dourados, esqueço de desviar o olhar.

Meu coração palpita em um ritmo irregular.

Ela é o chamado no meu peito, a voz na minha cabeça. Tenho tanta certeza disso quanto do meu próprio nome.

“Bem, droga”, murmura Eya baixinho enquanto a laranja se retira para o meio das árvores. “Abaixe os olhos e lembre-se de não—”

“Recue”, completo para ela, dando um passo em direção ao green. “Eu sei. Estudei. Não se preocupe. Ela é minha.”

“É melhor você ter certeza disso”, responde Eya. “Um verde com certeza saberá.”

“Você é minha *”*, corrige-me o verde.

“Não foi isso que eu disse?” Dou mais um passo, ficando a um braço do focinho da planta.

“Não é a mesma coisa.” Suas narinas se dilatam com a próxima inspiração, e então ela inclina a cabeça ligeiramente para trás, olhando para mim. *“Você coagula rápido, Rhiannon. Que excelente sinal. Eu sou Feirge.”*

“Feirge”, sussurro, e aquela parte que faltava nos meus pulmões volta a encaixar no lugar.

"Você saberia disso se tivesse consultado o guia de referência ao acordar." É uma advertência flagrante.

Minha boca se abre e se fecha. Ela me confrontou daquele jeito que só a Raegan sabe fazer — sem rodeios e sem pedir desculpas. "Eu pretendia, mas precisava garantir que meus colegas de esquadrão comessem, já que nosso líder de esquadrão está correndo por aí."

“Sério? Eu não fazia ideia. Nunca vi nenhuma *das suas memórias.”* Ela inclina a cabeça.

Bem, isso não pode estar certo. Os dragões têm acesso a todas as nossas memórias no instante em que se ligam a nós.

“Estou chamando por você desde que o observador de dragões trouxe seus aspirantes para a floresta. Seu senso de direção me deixa impressionada.” Suas garras golpeiam a grama uma de cada vez como uma professora tamborila com as pontas dos dedos para disfarçar a exasperação.

Um sorriso surge em meus lábios. "Obrigada."

Ela pisca.

“Ah.” Levanto as sobrancelhas e meu sorriso desaparece tão rápido quanto surgiu. Eu estava certo — ela está exasperada. “Você está sendo sarcástico.” É claro que ela viu minhas lembranças e sabe o que eu estava fazendo esta manhã. E ela definitivamente não está impressionada com o tempo que levei para encontrá-la.

“Como você aprende rápido.”

"Eu não sabia que dragões podiam ser sarcásticos", murmurei, olhando para

ela enquanto levantava a cabeça, abrindo caminho até sua pata dianteira caso eu decidisse montá-la.

“Espero que você consiga perceber a diferença quando ela *não estiver mais lá* ”, comenta Eya atrás de mim. “É melhor você ir logo antes que ela mude de ideia.”

Feirge volta a bater as garras.

“Certo.” Dou um passo, hesito e olho por cima do ombro. “E quanto a Visia?”

Eya me olha como se eu tivesse criado outra cabeça. "E quanto a ela? Se ela acordar antes do anoitecer, depende dela se quer continuar, e se não quiser, ela será transferida para o ano que vem, na esperança de que um líder de esquadrão esteja disposto a aceitá-la."

"Dispostos a aceitá-la?" Meus olhos se arregalam. "Quer dizer que Aetos teve que concordar em aceitar Sawyer?" Eya acena com a cabeça, e minha mente repassa rapidamente meus companheiros de esquadrão. Tynan é um idiota, mas o resto de nós é gente boa. Prefiro arriscar. "Quando Visia acordar, diga a ela que o segundo esquadrão entende a garra necessária para repetir o feito, e ela será recebida por quem for designado como nosso líder de esquadrão."

Um sorriso suaviza lentamente o rosto de Eya. "Tenho a sensação de que será você."

Meu coração dispara quando desvio o olhar de Eya e me viro para Feirge. Uma faísca de esperança se acende em meu peito, rapidamente se transformando em chamas de determinação enquanto a encaro. Líder de esquadrão. É uma meta ambiciosa, e eu preciso ser digna...

“Você se aproximou sem hesitar, em vez de se acovardar quando seu amigo com as escamas de Teine estava em perigo durante sua Apresentação. Se você não fosse digno, já teria virado carvão.” Feirge solta um suspiro profundo que parece um suspiro gigante de dragão. *“Se você duvida disso, não tem lugar nas minhas costas.”* Não há nenhum sarcasmo em seu tom, e suas garras permanecem imóveis.

Isto é extremamente sério.

“Confio no seu julgamento.” Analiso a distância até a pata dianteira dela e deixo a crescente expectativa que sinto desde que decidi me voluntariar para o Quadrante dos Cavaleiros tomar conta da melhor maneira possível, entregando-me completamente à emoção do momento.

“Antes ou depois de eu morrer de tanto esperar por você?”

Não consigo conter a risada que escapa dos meus lábios.

“Ah, você também é dramática. Entendi. Vamos nessa.” Não perco mais um segundo, impulsionando-me do chão e disparando em direção à sua pata

dianteira. Minhas botas devoram a distância rapidamente, e uso a curvatura da ponta da garra dela como se fosse a rampa do Desafio.

Ao contrário da Manopla, que fica na metade da perna dela, percebo que não tenho a menor chance de chegar ao topo. A perna dela é *enorme* .

Sinto como se o tempo desacelerasse à medida que meu ímpeto atinge o ápice e, de alguma forma, sei que se eu falhar nesta tentativa, Feirge não me dará um segundo. Em vez de observar Violet se debatendo no topo da Manopla, de repente sou eu quem está prestes a sofrer.

Violet. Preciso aprender com ela.

Meu peso começa a mudar, e em vez de cravar uma adaga na rampa de madeira como Violet fez, enfio minha mão na pequena abertura entre as escamas de Feirge e uso a alavanca para me içar. É mais difícil do que eu esperava, e adoro cada segundo.

Não me dou ao trabalho de parar para saborear a alegria quando alcanço seu ombro. Dirijo-me diretamente à suave depressão de escamas que compõe seu assento e ocupo meu lugar. Minhas mãos agarram as saliências substanciais de seu pomo, e encaixo as pontas das minhas botas nas fendas entre suas escamas. Há uma sensação de *estalo* atrás das minhas costelas, como a peça final de um quebra-cabeça encontrando seu lugar, e eu saboreio a sensação. Meu sorriso ameaça rasgar meu rosto por completo.

Quem não gostaria de montar um dragão *?* Foi o que eu disse para Violet antes de subirmos no parapeito, e ainda acredito em cada palavra. Este é o ápice da minha vida. Agora, só preciso me segurar firme.

“Não se preocupem. O voo é a parte fácil.” Ela salta para o céu, decolando com uma facilidade surpreendente para um espaço tão pequeno e nos impulsionando para cima com batidas fortes de suas asas.

No primeiro mergulho vertical, compreendo plenamente a profundidade do seu sarcasmo enquanto procuro meu estômago.

Eu só vomito uma vez antes de pousarmos na pista de pouso.

Vale muito a pena.

633 UA
Sliseag—Rabo de Espada Vermelho
(Masculino) Descendente da linhagem Berradhdyr
Idade estimada: 73
Cavaleiros Registrados: 2

—O Compêndio da Espécie Dracônica,
Última atualização por Coronel Valin Kaori

Serrador

Preferiria morrer nesta floresta a repetir mais um ano em Basgiath. Macabro, mas verdade. Nem mesmo o amor que sinto pelos meus pais é suficiente para me manter acorrentado a este lugar por mais um ano maldito, se eu sair desta floresta sem nenhum vínculo novamente.

Ao final deste dia, serei um motociclista ou um cadáver. Ponto final.

Só espero que as pessoas por quem passei a ter carinho tenham mais sorte do

que eu espero deste lugar. Zihnal definitivamente demonstra seu favoritismo por aqui, e embora ele nunca tenha gostado de mim, rezo para que ele cuide de Rhi, Violet, Ridoc e Trina. Espero que Tynan encontre a ponta afiada de uma espada, no entanto. Talvez isso me faça parecer um idiota, mas a última coisa que nosso reino precisa é de mais um valentão com a habilidade de empunhar uma espada.

Estatisticamente falando, nem todos voltaremos para casa hoje, e essa constatação me dilacera como uma espada em frangalhos. Uma das minhas lâminas está afiada pela fúria de estar me expondo à humilhação da rejeição mais uma vez, mas a outra está lascada e serrilhada pelo medo de não conseguir salvar meus companheiros de esquadrão do mesmo destino. A tensão de conter essas duas emoções simultaneamente é insuportável.

Sinto minhas costelas se comprimirem contra meus pulmões enquanto observo meus companheiros de esquadrão desaparecerem na floresta à minha frente, cada um carregando seus próprios fardos. Bem, todos exceto Rhi. Aquela mulher praticamente salta em direção ao seu destino com um sorriso debochado. Não tenho dúvidas de que ela será a primeira de nós a criar laços. Uma confiança como a dela é magnética para todos ao seu redor, mas especialmente para dragões.

Perco Ridoc de vista, trocamos um último olhar e um aceno de cabeça enquanto seguimos em direções opostas entre as árvores. O tom dourado habitual de sua pele ainda está um pouco esverdeado, o que detesto nele, mas pelo menos ele está levando isso a sério. O fato de ele ter sobrevivido à Apresentação enquanto falava pelos cotovelos como sempre é tudo o que me mantém otimista quanto às suas chances. Uma pena, porque eu gosto muito dele. Aliás, ele pode ser o meu favorito da turma. Sua capacidade de fazer piada de tudo compensa minha incapacidade de achar quase nada engraçado. Eu me esforcei para não gostar de *ninguém* . Dói demais quando morrem... ou seguem em frente sem mim.

Não há um único ciclista com quem eu ainda fale da minha equipe do ano passado. Talvez seja por isso que nos colocam em novas equipes quando repetimos a temporada, para que não fiquemos remoendo a frustração de olhar todos os dias para o que poderia ter sido o nosso futuro.

Inclino a cabeça para trás para observar a revoada de dragões voando sobre minha cabeça, e os pedaços de céu azul que existiam um instante antes são devorados por faixas de escamas vermelhas, laranjas, marrons e verdes. O chão vibra sutilmente quando os dragões pousam na floresta, e o céu azul retorna, assim como no ano passado. Mas não estou fazendo *nada* parecido com o que fiz no ano passado.

Tento afastar o peso da sensação de pressentimento que se instala no meu

estômago enquanto sigo para leste, mantendo-me na periferia da floresta. Algumas horas depois, o sol brilha forte no céu quando chego ao que deve ser a extremidade sul. Não vi um único dragão.

Acho que essa tática não vai funcionar.

Viro-me para a floresta, soltando um suspiro de frustração e lutando para controlar minhas emoções, e caminho por um enorme emaranhado de arbustos espinhosos. Dragões apreciam força e estabilidade, qualidades que não me parecem possuir no momento. Agora, se algum membro do Empíreo estiver procurando por um calouro repetente, agitado e maduro demais, com um complexo de inferioridade crescente, eu sou o cara certo.

Juro por Dunne, preciso de um ferreiro emocional para transformar todos esses sentimentos de volta na arma inquebrável que o quadrante espera que sejam. Definitivamente não devo pedir isso a Dunne, pois ela provavelmente me descartaria na hora por não ter a minha vida em ordem.

Uma mão surge do meio da vegetação e agarra meu braço.

Meu coração dispara.

"Mas que é isso—" Tiro a mão do meu braço com um pulo e salto para trás antes de desembainhar minha espada.

“Oh, graças a Zihnal, Sawyer!” Trina sai de trás dos arbustos, com galhos presos em seus cabelos ruivos.

Ela só pode estar brincando, né? Preciso de algumas respirações para o meu coração parar de sumir da minha garganta.

“Essa é uma ótima maneira de ser atravessada por uma companheira de esquadrão, Trina.” Embainho minha espada.

“Hoje não há colegas de equipe, lembra?” Seus olhos castanhos estão arregalados enquanto ela observa o ambiente ao nosso redor. “É cada um por si.”

“Comigo você está seguro.” Não posso dizer o mesmo dos outros cadetes que querem acertar contas enquanto nossos professores não estão olhando. Os dragões não são os únicos com intenções assassinas.

“Eu sei. Foi por isso que saí quando te vi.” Ela me dá um sorriso hesitante.

“Há quanto tempo você está escondida nos arbustos?” Ergo as sobrancelhas e tiro um dos galhos do cabelo dela. Como colega de equipe, respeito a Trina. Ela é quieta, reservada e evita o drama interminável que surge ao enfiar um bando de jovens de vinte e poucos anos no quadrante com supervisão mínima.

"Talvez uma hora?" Ela torce o nariz. "Um marrom passou por perto, e eu sabia que não era meu, então me escondi."

"Você sabe que não vai criar laços se passar o dia escondida no mato, né?" Arranco o último galho do cabelo dela e o deixo cair no chão da floresta.

“ *Você* sabe que não vai criar laços se nem sequer entrar na floresta, não é?”,

ela rebate, cruzando os braços.

Ela me pegou nessa. O calor queima meu pescoço. Eu *odeio* que minha pele fique vermelha ao primeiro sinal de estresse emocional. "Estou tentando fazer exatamente o oposto do que fiz no ano passado, já que me jogar no meio da floresta não deu muito certo para mim."

“Como está sendo para você este ano?” Ela ergue as sobrancelhas.

"Não é... claro." Dou de ombros. "Obviamente." Espero que os outros estejam tendo mais sorte, mas se Trina e eu servirmos de parâmetro para o nosso grupo, vai ser um dia péssimo.

“Bem, ainda temos pelo menos seis horas até o anoitecer para reverter essa situação”, diz ela com um otimismo que invejo, seus olhos brilhando. “Acho que devemos ir juntos para a floresta.”

"Não podemos ir em grupo." Passo a mão pelos cabelos, a irritação com tudo relacionado a hoje tomando conta de mim.

“Você foi sozinha no ano passado?” , ela pergunta.

O tom dela é inofensivo, mas as palavras me atingiram como um soco no estômago, como se eu não tivesse feito absolutamente tudo o que se esperava de mim no ano passado.

“Sim.” Minha voz se eleva apesar dos meus melhores esforços para manter a calma. “Fiz tudo conforme as regras, se é isso que você está perguntando.” Abro os braços ao lado do corpo. “Tente descobrir onde errei na última Debulha, mas espero que esteja preparado para a decepção, porque venho tentando há doze meses seguidos e não consegui nada!”

Quando termino de reclamar, as sobrancelhas dela já estão na altura da raiz do cabelo.

"Droga." Deixo minhas mãos caírem ao lado do corpo. "Desculpe."

"Está se sentindo melhor?" Ela inclina a cabeça, e um canto de sua boca se curva para cima.

Eu pisco os olhos e faço uma rápida autoavaliação. "Estranhamente, sim. Um pouco."

“Ótimo.” Ela dá um tapinha no meu ombro. “Olha, eu não estava perguntando o que aconteceu com você no ano passado. Você deixou bem claro desde Parapet que esse assunto está fora de questão. Eu estava simplesmente sugerindo que tentássemos a coisa do grupo, já que você não fez isso no ano passado, considerando que você disse que estava tomando atitudes contrárias.”

"Certo." Abaixo a cabeça e respiro fundo antes de erguer o olhar para o dela. "Desculpe. Faz todo o sentido."

Ela gesticula em direção ao centro da floresta. "Vamos?"

Eu pisquei. "Você ainda quer formar uma equipe mesmo depois de eu ter

perdido a paciência e mostrado o quão indesejável eu sou para os dragões cuspidores de fogo que estão lá dentro?"

"Sim." Ela não se abala. "Não é como se você não tivesse me encontrado escondida num arbusto."

“Excelente observação.” Nenhum de nós está no seu melhor hoje. “Vamos lá.”

Nos viramos e caminhamos lado a lado para o interior da floresta, mantendo-nos em silêncio na maior parte do tempo. Paramos ao ouvir galhos estalarem e, em seguida, nos viramos ao ouvirmos vozes gritando à distância.

"Era assim no ano passado?" Sua voz treme enquanto passamos pela metade inferior do corpo decepada de um cadete.

Deus, espero que não seja ninguém que conhecemos.

“Havia mais dragões dispostos a formar laços no ano passado, mas praticamente nenhum.” Estendo o braço à sua frente quando um par de garras verdes pousa a poucos metros de nós, as garras se flexionando no solo. Tão perto.

Tanto eu quanto Trina paramos abruptamente quando ele abaixa a cabeça em nossa direção, lançando-nos um olhar fulminante. Ele mostra seus dentes enormes e um rosnado profundo emana de sua garganta.

"Abaixe os olhos", digo a Trina, mas mantenho os meus fixos no verde.

Me prenda ou me mate. A escolha é sua.

Os olhos da criatura verde brilham, mas ela levanta a cabeça em vez de me incendiar.

Meus ouvidos se esforçam, tentando captar qualquer som que Kaori acha que devemos detectar quando nossos dragões aparecerem, mas tudo o que ouço são folhas estalando sob as garras enormes enquanto o dragão verde caminha diretamente sobre nós, balançando sua cauda afiada em forma de estrela-da-manhã acima de nossas cabeças ao passar.

"Sentiu alguma coisa?" , pergunto a Trina.

"Não", ela sussurra. "Você?" Ela estica o pescoço para ver o objeto partir.

"Não." Aquela frustração volta com força total. Não que eu esperasse que o primeiro dragão que encontrasse fosse meu, mas teria sido legal.

O dragão desaparece entre as árvores, e Trina se vira para mim com a testa franzida.

“Você não desviou o olhar”, ela acusa.

"Eu não fiz isso." Começo a andar, e ela corre para me alcançar.

"Sua insolência poderia ter lhe custado a vida."

“Mas não aconteceu.” Dou de ombros e reduzo o passo para facilitar para ela.

“Isso é bastante autodestrutivo.” Uma expressão de preocupação surge em sua testa.

“Não mais do que Parapet ou Gauntlet. Como eu disse, estou fazendo o oposto do que fiz no ano passado, e com certeza não vou ficar esperando quando reunirem todos os cadetes que terão que recomeçar no ano que vem. Não posso fazer isso de novo. Não vou.” A luz do sol invade uma clareira à frente, e meu coração começa a acelerar por um motivo que não consigo identificar.

"Você sinceramente preferiria encontrar Malek daquele jeito, como aquele cadete mutilado lá atrás, do que tentar de novo no ano que vem?"

"Acho que a incineração instantânea provavelmente é a melhor opção." Levo a mão ao peito e me concentro em respirações profundas e regulares, mas meu coração só acelera.

“Isso não tem graça.” Ela balança a cabeça enquanto desviamos de uma área queimada no chão.

“Nunca disse que era.”

“Não me admira que você seja amiga da Gamlyn.” Seu olhar se volta para o ombro, e ela retira outro espinho do tecido do uniforme. “Droga”, murmura, encarando a gota de sangue no polegar.

Você está bem?

"Tudo bem. Espinhos estúpidos. Eu não sou quem quer morrer."

“Eu não tenho desejo de morrer.” Meus lábios se contraem ao pensar nisso. “Pelo menos não nada além do normal para o quadrante. Todos nós aceitamos a morte como uma possibilidade quando escalamos aquela torre no Dia da Convocação. Todos nós arriscamos nossa mortalidade pela chance de sermos cavaleiros.” Meu Deus, agora meu peito também *dói* . Esfrego meu esterno. Como explico isso para ela? “Isso me parece um segundo Parapeito. Ou eu consigo atravessar ou eu—”

As palavras se perdem quando entramos na clareira, e eu deixo minha mão cair ao lado do corpo.

Dois dragões estão no campo, um de tamanho médio e cor laranja, o outro maior e vermelho. Ambos olham diretamente para nós, como se estivessem à espera.

O laranja rosna.

Droga! Abaixo o olhar para o chão.

Dada a natureza imprevisível das laranjas e o temperamento das vermelhas, talvez tenhamos acabado de entrar na clareira mais perigosa do Vale das Debulhas. De repente, esperar até o ano que vem não parece uma ideia tão ruim.

"Minha", sussurra Trina, e meus olhos se voltam para ela. Ela está olhando com os olhos arregalados, maravilhada, para a laranja à esquerda. "Acho que ela

é... minha. O que eu faço?"

"Não sei", respondo no mesmo tom baixo, e a súbita pontada de inveja no meu peito não faz absolutamente nada para acalmar meu coração acelerado. "Nunca me senti assim."

“O que eu faço? O que eu faço?”, ela repete, claramente falando sozinha. “Vou falar com ela.”

E ela acha que *eu* tenho um desejo de morte?

"Tem certeza de que essa é a melhor opção?" Olho para as garras brilhantes da laranjeira e a dor no meu peito se intensifica.

“Não”, admite Trina. “Mas—” Sua cabeça inclina e seus olhos se arregalam. “Não estou com medo”, ela grita do outro lado do campo. “Estou cautelosa e cuidadosa—” Seus dentes estalam quando sua boca se fecha bruscamente. “ *Não* foi isso que eu disse.”

Caramba! Ela está *falando* com a laranja, o que significa que foi escolhida. Um sorriso surge em meus lábios enquanto Trina atravessa o campo, com os punhos cerrados e a cabeça erguida, aproximando-se da Libélula Laranja.

Que bom para ela. Ela é uma colega de equipe a menos com quem eu terei que me preocupar hoje.

"Por que você não tem a mesma consideração por si mesmo?" , pergunta uma voz masculina rouca diretamente em minha mente.

Mas em nome de Malek?

Levanto a cabeça bruscamente e me deparo com o olhar furioso do vermelho.

Eu deveria desviar o olhar, mas em vez disso, congelo no lugar, meus olhos fixos no vermelho. Que criatura aterradora e inspiradora. A dor no meu peito desaparece e, em vez de acelerar por causa do pânico que paralisou meus músculos, meu ritmo cardíaco inexplicavelmente diminui.

Estranho. Instantaneamente, identifiquei o padrão único dos chifres, o tamanho e a cicatriz distinta que atravessava a metade inferior da pata dianteira direita, e reconheci o vermelho dos cartões que Kaori nos deu. Sliseag. Espada-vermelha. Idade aproximada de setenta e três anos. Dois cavaleiros registrados, o mais recente dos quais faleceu há dois anos. *Perspicaz e combativo* . Foi assim que Kaori o descreveu durante sua palestra.

Não há a mínima chance de um dragão conhecido por *sua perspicácia* se vincular a um repetidor como eu, o que significa que a morte é iminente. Fecho os olhos e aceito meu triste destino.

Meu peito aperta. Eu estraguei tudo completamente, e agora é tarde demais. Eu nunca deveria ter tentado Malek com meu mantra de "ligar ou morrer".

“Não quero me repetir.”

“Você está…” Abro um olho lentamente, depois olho para a esquerda e para a direita, como se pudesse haver outro cadete por perto. “Você está falando comigo?”

Os olhos dourados de Sliseag se estreitam ainda mais, e vapor sai de suas narinas.

Droga. Agora eu o irritei. Pelo menos ele não baixou o...

Sua cabeça se inclina em posição de ataque, aproximando seus dentes a menos de cinco metros de mim.

Que pena, essa ideia não se sustenta.

“O ano extra que você passou no quadrante afetou seu juízo?”, ele pergunta, um rosnado profundo e vibrante emanando de sua garganta. *“Ou você está tão perdido em seu próprio desprezo por si mesmo que não consegue aplicar seus pensamentos anteriores sobre a mulher e Bregh a si mesmo?”*

“Não estou mergulhado em autodesprezo.” Minha cabeça recua diante do insulto antes que eu consiga processar completamente o que ele acabou de dizer. Olho para Trina enquanto ela encara a laranja — Bregh — e então pisco antes de voltar meu olhar para Sliseag.

Meus pulmões falham. Se ele está falando comigo, é porque me escolheu. É o primeiro sinal de um vínculo. Isso deve ser um engano. Sinto o rosto queimar e me encolho, sabendo que Sliseag consegue ver o constrangimento deixar minha pele vermelha.

“Não preciso ver o sangue subir ao seu rosto para sentir sua humilhação.” A alta grama outonal entre nós se curva com a força de seu escárnio. *“Conheço cada aspecto seu, Sawyer Henrick. Até mesmo aqueles que você deseja esconder em nome do decoro.”*

A indignação supera o constrangimento, e minha coluna se endireita. "Acho que *humilhação* talvez seja um exagero—"

“Não é.” Sua cauda de espada corta a grama num gesto de raiva, arqueando-se em minha direção antes de retornar à posição anterior. *“Nem há nenhum* erro. *Você me insulta ao insinuar que eu sou algo além de infalível.”*

Puta merda. Insultos são iguais a fogo. Fecho a boca com um estalo, prendendo a língua entre os dentes da frente. O gosto de metal acompanha a rápida pontada de dor. Toco a ponta da língua com o indicador e ela fica vermelha. Ótimo, agora ele vai pensar que eu nem consigo falar sem estourar um vaso sanguíneo. "Eu não disse *erro* ."

“Você pensou isso, e é a mesma coisa. Só a honestidade é aceitável entre nós.” Seu lábio superior se curva, revelando uma fileira de dentes escorrendo. *“Minta para mim de novo, e você vai ter aquela apresentação ao seu deus da morte, do qual você tanto reclama.”*

“Eu não sou—” Interrompo a frase antes que Sliseag faça o mesmo comigo, e então encho meus pulmões com uma respiração estabilizadora. Este seria um ótimo momento para aquele ferreiro emocional aparecer. Minhas mãos se contraem ao lado do corpo enquanto procuro as palavras certas, as palavras *honestas* . “Sim, eu pensei na palavra 'erro'. Eu sei quem você é. Sei que sua última cavaleira foi uma das melhores do ano, o que eu *não* sou . Sou uma maldita reincidente. Você não quer arriscar seu vínculo comigo. Só faria sentido você procurar Liam Mairi ou Rhiannon Matthias—”

“Eu te procuro”, ele rosna. *“Essa é a segunda vez que você insinua que estou errado, e você não viverá se repetir essa ofensa.”*

"Para alguém tão empenhado em me criar um vínculo, você vive me ameaçando de morte", retruco. Tenho quase certeza de que o deus da sabedoria me virou as costas por essa atitude, não que Hedeon já tenha me abençoado antes.

Os olhos de Sliseag brilham, as cristas escamosas que parecem sobrancelhas se erguem e ele recolhe os dentes. *"É exatamente por causa desse fogo que eu escolhi você. A raiva que você esconde daqueles ao seu redor é igual à minha."*

A fala me falta. Minha dificuldade em controlar minhas emoções é o que o atrai?

“Sim, embora eu não goste da comparação com um gato doméstico.” A cabeça de Sliseag desliza sobre a grama enquanto seu pescoço se move num padrão reptiliano que deveria me assustar pra caramba, mas não assusta. *“Eu vejo* todos *vocês. Sua vergonha, sua raiva, sua obstinação, sua determinação em perseverar apesar de tudo. Vocês sabem quem eu sou, mas eu conheço* vocês.”

A própria raiva de que ele fala borbulha na minha superfície, não que seja preciso muito para trazê-la à tona. Está sempre lá, a um passo de ser exposta. Minhas mãos se fecham em punhos.

“Aceite-se como eu o aceito”, exige ele. *“Naturalmente, você pode se apresentar ao resto do mundo da maneira que desejar.”*

" *Posso* ?" Minha espinha se enrijece como aço. "Obrigado por—"

“Mas eu só tolerarei—”

— A permissão. — Levanto a voz enquanto ele me atropela verbalmente. — Mas você não tem —

—Transparência dentro do vínculo. — Ele me interrompe novamente.

— uma palavra a dizer sobre como escolho preservar minha dignidade. Meu tom de voz se eleva e dou um passo em sua direção.

“Sem isso, você é de fato o risco que proclama—”

Suficiente.

"Será que você me deixa falar alguma coisa?", grito.

Ele pisca, e sua voz silencia na minha cabeça, mas seu rabo se agita na extremidade oposta do campo.

"Vocês querem transparência?" , eu desafio.

“Eu preciso disso.”

“Tudo bem.” Que se dane. Se ele quer honestidade, eu vou dar a ele. Depois veremos se ele está tão certo da sua escolha. “Sim, estou com raiva. Tive uma das melhores experiências no Desafio no meu primeiro ano. Caminhei na frente do meu esquadrão na Apresentação, e não significou nada. Ouvi cada conselho que a Kaori me deu na última Debulha. Decorei cada carta, estudei cada raça e até tive a audácia de ficar na frente de um verde rosnando, só para ser repelido com sua cauda de escorpião nada gentil quando me recusei a recuar.” Dou mais um passo. “Vi outros serem selecionados, cadetes que quebraram todas as regras e não se deram ao trabalho de esconder o ódio em seus corações, enquanto eu fiz tudo certo. E tudo o que consegui foi uma estadia de duas semanas na enfermaria e a ordem de fazer tudo de novo!”

O olhar intenso dele é o único indício de que ele está me ouvindo enquanto grito.

“Duvido muito que alguém tão *infalível* quanto você possa entender a humilhação de ser rotulado como um não-vinculado no quadrante. É insuportável andar pelos corredores, sabendo que você não é suficiente, considerado indigno por aqueles para quem você passou a vida se preparando para conhecer, para agradar.” A dor excruciante me corta como uma lâmina enferrujada dilacerando a infecção incurável na ferida em pleno corte.

Seus olhos se estreitam, mas ele permanece em silêncio.

“Mas, por Deus, você não pode demonstrar nada disso.” Balanço a cabeça violentamente. “Apenas força é permitida neste quadrante, permitida para *você* . Temos que ser duros como aço, mais afiados que uma lâmina afiada. A perfeição não é a exceção, é o padrão, e aqueles que não a atingem acabam sangrando até a morte no tapete de desafio para preservar a eficácia da asa. Não podemos ter nenhum piloto fraco por aí sentindo as coisas, podemos?”

Uma rajada de ar me atinge em cheio, interrompendo meu discurso, e minha cabeça vira bruscamente para a esquerda quando Bregh e Trina decolam. Elas alçam voo com batidas de asas poderosas que enviam rajadas sucessivas em nossa direção. Consigo apenas vislumbrar Trina enquanto elas sobem verticalmente, e minha testa se franze.

Os joelhos dela não estão dobrados, mas se essa é a posição do assento que funciona para ela, então... tudo bem.

“Já terminou de dizer essas suas malditas palavras?”, pergunta Sliseag, e meu olhar se volta para o dele.

Um nó aperta cada órgão do meu abdômen. Acabei de perder a cabeça com a raça mais temperamental conhecida entre os dragões. Minha garganta ameaça se fechar, mas não murmuro o pedido de desculpas que está na ponta da minha língua ferida. Ele pediu honestidade. Eu a entreguei. "Sim."

“Eu me deleito com sua raiva.” Um brilho de excitação ilumina seus olhos. *“Senti sua vergonha através de suas memórias e, embora aceite a responsabilidade pelas desgraças do ano passado, não me arrependo da minha escolha—”*

"Responsabilidade?" , pergunto, arqueando as sobrancelhas.

Sliseag avança e estala os dentes a centímetros do meu rosto.

Minha alma quase abandona meu corpo.

“Silêncio”, ordena ele, retirando a cabeça lentamente. *“É a minha vez de falar.”*

Assenti com a cabeça e, no canto do meu campo de visão, Bregh e Trina começaram uma série de mergulhos acima de mim.

“Sinta o que quiser, mas sua vergonha é irritantemente injustificada.” Uma lufada de vapor me envolve. *“Sim, você tem muitos motivos para se envergonhar. Sua habilidade com o arco é péssima, seu entendimento de física é constrangedor, o único chamado que você atende é o da dor, e eu sei de pelo menos duas ocasiões em que suas tentativas de se aproximar de uma possível parceira foram tão desajeitadas que eu me senti envergonhado* por *você.”*

Minha boca se abre em espanto enquanto ele enumera meus defeitos.

“Mas você não era indigno no ano passado.” Sliseag levanta a cabeça, expondo a garganta. *“Eu simplesmente não estava disponível para você. Quando metade de um par não consegue se abrir para um vínculo, a outra metade precisa esperar, como você fez.”* Sua cauda se mexe novamente enquanto eu processo o que ele está me dizendo. *“Infelizmente, essa espera criou uma insegurança que eu não tolerarei, e você* a superará *.”*

"E se eu não fizer?" , pergunto baixinho.

“Estou disposto a arriscar minha infalibilidade pela sua perseverança. Você tem um excelente histórico nisso.” Ele se endireita, assumindo toda a sua altura intimidadora, e meu pescoço se tensiona enquanto acompanho o movimento com os olhos. *“Sente-se e vamos nos juntar aos seus companheiros de esquadrão.”*

Um grito agudo rasga o ar, e avisto uma forma caindo rapidamente à esquerda da cabeça de Sliseag, distinguindo detalhes apenas à medida que se aproxima.

Calças de couro pretas. Cachos ruivos.

Trina .

Seus membros se debatem no ar enquanto ela despenca em direção ao chão

contra um fundo laranja, e o ar me falta.

Malek, *não*. Ela caiu do Bregh. E não há absolutamente nada que eu possa fazer a respeito.

Observo horrorizada, completamente impotente, enquanto ela desaparece entre as árvores além da clareira. Um baque nauseante se segue logo em seguida.

“Trina!” Meu corpo dá um solavanco quando dou um passo em direção às árvores.

“Infelizmente.” Sliseag inclina a cabeça como se estivesse ouvindo algo. *“Não há nada a fazer. A vida dela se extinguiu. Ela é… irrecuperável.”*

"Não." Eu me curvo, apoiando as mãos nos joelhos enquanto luto para respirar contra a náusea instantânea que acompanha sua declaração. Já vi muitos companheiros de esquadrão morrerem, mas nenhum prestes a conquistar tudo pelo que lutamos. Ela estava tão perto. A injustiça disso aperta meu coração com um punho de ferro.

Como faço para me juntar aos meus companheiros de esquadrão *agora* ?

“Sente-se”, ordena Sliseag.

Eu me obrigo a ficar de pé e encaro as árvores como se Trina pudesse magicamente atravessá-las.

“Escolha”, ele sibila.

"Escolher o quê?" Desvio o olhar da floresta para encará-lo nos olhos enquanto ele me observa com evidente expectativa. Seu punho se fecha com mais força.

“Não vou me apegar a outro ciclista que não consegue se adaptar à perda, então escolha. Suba ou se afunde. Persevere ou pereça. Como você disse antes, una-se ou morra *.”* Vapor sai de suas narinas enquanto ele as dilata. *“Não sou o único com poder de decisão aqui, mas estou chegando ao limite da minha paciência.”*

A ameaça de perdê-lo, de perder o futuro que paira na ponta dos meus dedos, me abala como nada mais poderia. Expulso o punho que aprisiona meu coração, desprendendo-o mentalmente, dedo por dedo.

Eu não sou indigna. Nunca fui indigna. Sliseag simplesmente ainda não estava pronta.

Sim, Trina se foi. Mas Rhiannon, Violet e Ridoc estarão me esperando. Essa é a única possibilidade que me ocorre.

Sliseag está disposto a correr o risco de estar errado a meu respeito.

Não vou permitir que ele descubra o que é estar errado. Pelo menos não por minha causa.

“Eu escolho você”, digo a Sliseag antes de montar e correr. É tão natural quanto respirar, e em poucos minutos, me encontro no assento, exatamente onde

sempre pertenci. De repente, é inconcebível que este dia tivesse terminado de outra forma, incompreensível que eu perdesse algo tão magnífico por causa de um mísero ano. “Eu teria repetido mais um ano se soubesse que você estaria me esperando no final.”

“Pare com esse papo poético antes que você nos envergonhe a ambos, e espere aí.”

Minhas mãos se agarram às escamas do pomo da espada, e eu sorrio enquanto ele nos impulsiona para o céu.

633 UA
Aotrom—Cauda de Espada Marrom
(Masculino) Descendente da linhagem Aldayrmar
Idade estimada: 21
Pilotos Registrados: 0

—O Compêndio da Espécie Dracônica,
Última atualização por Coronel Valin Kaori

Ridoc

Minha boca está com um gosto horrível enquanto atravesso o Vale da Debulha.

Esquece. Minha boca tem gosto de como se eu tivesse desenterrado um dragão morto, de alguma forma o trazido de volta à vida e deixado que ele defecasse o conteúdo de seus intestinos na minha boca. Tipo merda velha, ainda em decomposição. E claro que eu não trouxe um cantil.

Será que *podemos* levar água? Ou será que a miséria geral da nossa

desidratação, misturada com a adrenalina da possibilidade de morte, faz parte do charme do Threshing? Eu estava ocupado demais vomitando meu café da manhã na frente dos meus colegas de equipe para perguntar, mas de qualquer forma, a água teria sido desperdiçada entre o segundo e o terceiro episódio de vômito. Pelo menos eu estava sozinho nesses dois brilhantes exemplos da minha excelência sob pressão.

Meu Deus, o que eu não daria para tirar o gosto do meu próprio vômito da minha boca! Tenho quase certeza de que o cheiro está no mesmo nível do medo quando se trata de afastar um dragão em potencial.

Porque é isso que eu quero, né? Um dragão, caramba. Foi por isso que saí de casa depois das brigas constantes dos meus pais, vesti um uniforme preto e agora acordo toda manhã me perguntando se será a última vez que verei minha cama — ou quem quer que esteja nela comigo. Tudo por um dragão.

Um dragão que talvez esteja tão interessado em me carbonizar quanto em me aprisionar. Excelente plano.

Que merda eu estava pensando? Eu não quero morrer hoje.

A náusea aperta meu estômago e minha boca saliva novamente enquanto passo por uma conífera cujo nome, tenho certeza, só Sorrengail conhece, e me embrenho ainda mais na floresta. O que mais poderia haver no meu estômago a essa altura?

Concentre-se. Eu sou melhor do que isso.

Esquece. Os dragões desta floresta teriam *sorte* de me ter como cavaleiro. Sou engraçado. Sou inteligente. Mantenho as coisas interessantes e sou extremamente aguerrido quando se trata do tatame. Consigo encarar tudo isso com otimismo.

Respiro fundo para aliviar a pior parte da náusea, e meus ombros relaxam de alívio ao avistar o pequeno riacho à frente. Obrigada, Zihnal. Que sorte!

As árvores à minha direita se movem.

Meu estômago, ameaçando expelir suas entranhas, tenta fugir do local, caindo no chão da floresta enquanto minha cabeça gira na direção do movimento.

Todo movimento cessa.

Huh.

Bem, que droga. Não consigo decidir se isso é bom ou ruim.

Recomeço a caminhada, e as árvores permanecem onde deveriam enquanto me aproximo do riacho sombreado, mas mantenho um olho nos galhos enquanto me agacho ao lado do pequeno córrego. Assim que tenho certeza de que nada está me seguindo — ou me perseguindo —, junto a mão em concha e a mergulho na água fresca e corrente. Então, faço o gesto consagrado de enxaguar e cuspir

antes de beber. A água é cristalina e—

Um movimento chama minha atenção um segundo antes da água espirrar em mim, atingindo a lateral do meu rosto e molhando meu cabelo antes de escorrer pela minha bochecha.

Que porra é essa? Enxugo a água do meu rosto enquanto me levanto num pulo para encarar seja lá qual for o cadete idiota que resolveu me molhar.

Uma garra marrom gigante se flexiona na correnteza, formando uma poça instantânea à medida que a água jorra ao redor das garras curvas.

Não vomite. Não vomite. Não vomite.

Espere. É... isso? Sempre achei que me apegaria a um verde, ou talvez a um vermelho para me obrigar a levar as coisas mais a sério, mas um marrom também seria uma ótima escolha. Olho para o seu tornozelo e continuo andando, meu olhar percorrendo as escamas mais grossas do peito e subindo pelas partes mais finas e vulneráveis do pescoço até encontrar um par de olhos dourados divertidos me observando.

É o Espadarte Marrom que estava ao lado do pequeno dragão dourado na Apresentação, e está me olhando como se quisesse ver o que vou fazer em seguida, como se estivesse... me testando.

Puta merda. Não existem palavrões suficientes na língua comum, porque eu sei exatamente qual dragão é esse.

“Ah, não.” Balanço a cabeça e dou um passo enorme para trás, afastando-me da margem do riacho, a água escorrendo por baixo da gola do meu uniforme. “Você não. Nem pensar.” Qualquer dragão, menos este.

“Sim, eu.” O moreno estreita os olhos. *“Certamente te entendi mal.”*

“Com certeza *não* .” Levanto as mãos. “E seja lá o que for que você faça, não continue falando comigo. Isso é coisa para o seu cavaleiro de confiança.”

Ele levanta a garra e a lança para a frente, enviando uma onda de água na minha direção.

A água atinge minhas botas, encharcando o couro instantaneamente.

“Que bom.” Levanto uma bota encharcada e faço uma careta. Agora vou ficar com os pés molhados o dia todo. Fantástico. “Viu? É exatamente por isso que nós dois não combinamos.”

“Eu decido o que é bom.” Ele levanta os lábios, mostrando os dentes.

Meu estômago pergunta se eu gostaria de ver o pouco conteúdo que ainda lhe resta.

“Não faça isso.” Suspiro e encaro-o, numa completa quebra de protocolo, mas não consigo dizer se ele está rosnando ou sorrindo. “Não é nada contra você pessoalmente—”

“Como se pudesse haver alguma deficiência em mim *.”* Ele avança a passos

largos.

— Mas eu li os cartões que a Kaori nos deu — tento explicar, com as palmas das mãos estendidas. — E você só tem vinte anos.

Ele para e inclina a cabeça a uns quatro metros acima de mim, e não tenho escolha a não ser esticar o pescoço para olhá-lo. *"Você também."*

“Exatamente.” Aponto o dedo para o rosto dele. “Isso é tipo, o quê em anos de dragão? Cinco?”

“Os dragões amadurecem infinitamente mais rápido que os humanos.” Uma enorme gota de saliva escorre de sua presa e cai no meu ombro.

Bruto.

“Você está provando seu ponto.” Passo os dedos pelo braço, tentando tirar a gosma. “Olha, eu tenho consciência suficiente para saber que preciso de um dragão que me mantenha na linha, e um cara que só viu tantos verões quanto eu não é uma escolha responsável.”

“Responsável ou não, você é minha passageira.” Ele abaixa a cabeça e inspira, levantando meu cabelo.

"Não sou." Depois de uma sessão de cheiradas muito estranha, ele levanta sua cabeça gigantesca.

“Você é”, ele insiste.

“Não sou.” Balanço a cabeça negativamente.

“São também.” Ele estreita os olhos.

“Viu? Olha só pra gente. Você tem a mentalidade de uma criança de cinco anos.” Abro os braços ao lado do corpo.

“Se eu tenho cinco anos, então você tem quatro.”

Um sorriso relutante surge em meus lábios. Ele me pegou. "Exatamente por isso que você se daria melhor com alguém como Rhiannon Matthias ou Sawyer Henrick. Eles seriam escolhas mais responsáveis para você." Eles não apreciariam o senso de humor dele, mas nem todo mundo é tão evoluído para a comédia quanto eu. Por outro lado, nem todo mundo cresceu em uma casa onde teve que aprender a lidar com a tensão entre os pais.

"Eu o julguei mal, Ridoc Gamlyn?", pergunta ele, inclinando a cabeça para trás como se *fosse ele* quem estivesse ofendido, quando na verdade sou eu quem está coberto de água e cuspe.

Minha boca se abre e depois se fecha lentamente, porque se ele está falando comigo, significa que ele já viu meus pensamentos, minhas memórias, já *me* viu . "Provavelmente não."

“Talvez eu tenha.” Ele solta uma rajada de vapor em mim. Agora estou molhada *e* pegajosa. Ótimo. *“Talvez não compartilhemos a mesma afinidade de sermos subestimados por aqueles ao nosso redor.”*

Levanto as sobrancelhas. Bem... espere aí, porque sim.

“Talvez eu devesse ter ouvido os mais velhos quando sugeriram que eu escolhesse um cavaleiro mais equilibrado em vez de um que combinasse comigo em energia e travessuras.”

Ele acabou de admitir que cometeu um erro?

Espera aí. Travessuras? Agora *sim, isso* me chamou a atenção. Era isso que ele queria dizer com "molhar" o dragão? Eu definitivamente preciso de um dragão menos impulsivo do que eu, que é o caso dos marrons por natureza, mas eu toparia um parceiro que não me visse imediatamente como um projeto que precisa de consertos ou mentoria. "Será que dragões são capazes de fazer travessuras?"

“Agora você nunca vai saber. Que pena”, diz ele com um tom arrogante de sarcasmo, e então recua um passo. De repente, sinto que estraguei tudo completamente, de forma irreparável, porque ele está fazendo exatamente o que eu faria na mesma situação, o que significa que somos parecidos. Tipo, muito parecidos.

Será que vou encontrar a versão dragão de… mim?

“Você busca um dragão para te manter sob controle *, enquanto eu busco um cavaleiro capaz de afiar minhas lâminas em vez de embotá-las como meus ancestrais. Que pena.”* Ele se vira no espaço aberto do riacho e começa a se afastar, e meu queixo cai diante do desafio que ele habilmente disfarçou de insulto.

Um nó se abre no meu estômago ao perceber que *ele* é o meu dragão. Não importa o que eu pensasse que queria, o que eu pensasse que precisava, Aotrom é ele. E eu definitivamente estou estragando tudo.

"Espere!" Eu grito, mas é claro que ele não espera, porque ele é um dragão, e eu acabei de rejeitá-lo naquele que talvez seja o meu erro mais responsável e, ao mesmo tempo, o maior *de todos* . "Aotrom!"

“Aotrom”, ele corrige, dando ao primeiro *“o”* do seu nome uma sílaba própria enquanto suaviza o som do segundo, caminhando para o oeste, com as asas recolhidas junto ao corpo. Sua enorme cauda de espada balança na minha direção. *“Sua tentativa de pronúncia é constrangedora.”*

Seriamente?

“Como é que eu vou saber a pronúncia? Vocês nunca se conectaram antes, e eu não falo a língua *dos dragões* — Droga!” Sua cauda corta o ar na minha frente, e eu caio no chão, me apoiando com as mãos. Minha palma arde, e a cauda marrom gigante balança tão perto da minha cabeça que eu sinto ela bagunçar meu cabelo. Que porra há de errado com ele? Ele está tentando me matar? “Todos os dragões de vinte anos são uns idiotas?”

“Será que todos os humanos de vinte anos são cabeças-duras sem senso de humor?” Ele balança o rabo novamente.

“Uau! Cuidado com esse rabo!” Eu me afundo tanto na grama que quase começo a mastigá-la como uma vaca. A ponta do rabo dele passa zunindo por cima da minha cabeça. “E quem você está chamando de sem senso de humor?” De todas as coisas que ele poderia me chamar, essa é de alguma forma… ofensiva. Eu me levanto num pulo enquanto o rabo dele balança para cima e começo a correr atrás dele.

“Você.” Ele insiste na mesma tecla.

Que idiota.

"Eu tenho um senso de humor fantástico, sabia?" grito entre respirações ofegantes enquanto corro para alcançá-lo, minhas botas batendo nas folhas caídas sob meus pés.

"Você acha?" Ele para de repente entre duas sequoias gigantes e vira a cabeça na minha direção num ângulo tão estranho e antinatural que me faz questionar se os ossos do pescoço dele são articulados. O olhar dele me paralisa.

Parei bruscamente em algum lugar perto da pata traseira dele.

Ele estala os dentes e torna tudo muito constrangedor.

“ Você *tornou isso constrangedor”*, ele acusa, bufando como se eu o tivesse desapontado.

"Foi mal." Estendo as mãos novamente no sinal universal de rendição e noto uma fisgada no joelho que, sim, está sangrando. Hum. Devo ter caído em cima de um galho ou algo assim. "Criar situações constrangedoras é meio que a minha especialidade."

Ele inclina a cabeça como se estivesse ponderando a veracidade da minha afirmação. *"Isso é verdade."*

"Tudo bem." Dou um passo minúsculo para a frente. "Eu estava errada. Você definitivamente é minha. Ou eu sou sua. Tanto faz como você quiser pensar. Que tal tentarmos isso de novo?" Tento sorrir, mas o que sai é mais uma careta.

Ele solta um bafo que cheira a enxofre. Considero o fato de ainda estar respirando um bom sinal e sigo em frente.

“Eu poderia voltar para o riacho e tudo mais.” Concordo com a cabeça vigorosamente. “Mas desta vez farei tudo certo, e voaremos juntos rumo ao pôr do sol.”

“Ainda é quase meio-dia.”

“Quem é que não tem senso de humor agora?” Inclino a cabeça para o lado e levanto as sobrancelhas. “Vamos fazer de novo. Por favor.”

Ele pisca. *"Não."*

"Não?" Meu peito aperta. O que diabos eu devo fazer agora?

“Não.” Suas narinas se dilatam algumas vezes. *“Se você quer ser meu parceiro, prove.”*

"Como?"

"Vamos ver se você consegue me acompanhar." Ele se agacha, depois salta para cima, pulando mais alto do que qualquer dragão que eu já vi, abrindo as asas quando se livra das árvores e alçando voo em direção ao sol.

"Eu não consigo voar!" , grito o óbvio enquanto ele sobe cada vez mais alto.

"Que pena para você." Ele executa o que Kaori gosta de chamar de manobra de zigue-zague quando seu impulso diminui, transferindo o peso do corpo e voltando em minha direção em um mergulho íngreme. Nesse ângulo, nessa velocidade, ele vai cair bem em cima de mim em cerca de cinco segundos.

Puta merda. Será que eu devo mostrar que sou inteligente e agir rápido? Ou demonstrar confiança e ficar parada no mesmo lugar? Os Browns têm reflexos super rápidos, então ele provavelmente apreciaria se eu mostrasse que consigo acompanhar o ritmo dele.

“Escolha sabiamente.” Ele está quase em cima de mim quando abre as asas, interrompendo a descida pouco antes das árvores, depois as fecha com força e despenca, com as quatro garras para baixo.

“Isso não ajuda em nada!” Dou um passo para trás, o suficiente para mostrar que posso confiar nele e ser flexível. Pelo menos, espero que seja essa a mensagem que transmito.

Ele aterrissa com um *baque* exatamente onde eu estava, fazendo o chão tremer. A força do impacto faz as folhas voarem e minha visão escurece.

Um instante depois, eu engasgo e arranco as folhas do meu rosto. Estou coberta delas, graças a ele que cuspiu em mim há alguns minutos.

“Você parece um ganso emplumado.” Ele riu baixinho. *“Onde está seu senso de humor agora?”*

“Você já provou seu ponto.” Um canto da minha boca se ergue num sorriso torto enquanto arranco folha após folha dos meus ombros.

“Pontos. Sim. Faça um ponto você mesmo e veremos o que acontece.” Ele gira para a esquerda e começa a escalar a sequoia gigante, tão grossa quanto ele. Cascas caem no chão enquanto ele se puxa para cima, garra por garra. *“Me pegue se puder.”*

Ele só pode estar brincando comigo. Né?

“O que você é? Um maldito gato?” Meu queixo cai enquanto ele sobe em toda a sua altura, e a ponta de seu rabo balança a alguns centímetros do chão. “Em nenhum momento de nossos estudos nosso professor mencionou que algum de seus animais escala árvores.”

“Nem tudo em nossa espécie se destina ao conhecimento humano”, retruca

ele, girando a cabeça para me olhar e balançando o rabo como um pêndulo.

Meu coração dispara e eu dou um pulo para o lado quando ele passa zunindo, cortando o ar como a lâmina gigante de dois gumes que é. "Um pouco perto demais para o meu gosto!"

“Você perdeu a oportunidade de garantir seu lugar.” O sarcasmo transborda de sua voz.

"Você quer que eu suba aí... assim?" Eu dou um salto para a frente quando a cauda passa por mim, descrevendo um arco que me indica que ele sabe exatamente onde estou e pode me empalar com aquilo se quiser.

“Se você não consegue pensar com esses pés sem garras, não temos a menor chance.”

"Entendi." Meu Deus, ele está me fazendo suar, e eu não me importo. Ou pelo menos, não me importo assim que descobrir como chegar lá. A árvore é grande demais para escalar, o que significa que a única maneira de subir é em cima *dele* . Mas superar desafios é a minha especialidade, e quanto mais rápido eu provar isso, mais rápido voaremos juntos rumo ao pôr do sol, como o casal perfeito que somos.

A cauda balança novamente, e eu salto para fora de seu caminho.

"Estou ficando entediado", avisa ele em tom cantado.

"Duvido muito disso", murmuro enquanto seu rabo continua a se mover para cima. Ele está se divertindo horrores me atormentando. Será que ele acha *isso* engraçado? Espero que ele perceba que eu vou atormentá-lo duas vezes mais. Pelo resto da minha vida. Assim que eu chegar lá em cima, claro.

Pense bem. Caudas de espada não são tão afiadas quanto caudas de adaga, mas ainda podem cortar um grifo ao meio quando atacadas em alta velocidade... o que Aotrom não tem com sua posição estática. Mãos fora de alcance, a menos que eu queira arriscar perder uma, e definitivamente preciso ficar longe da ponta afiada.

Sua cauda começa a descrever um arco descendente. Se eu não conseguir desta vez, quem sabe o que ele fará. Provavelmente terei que persegui-lo de volta até o quadrante.

Que se dane. Tenho uma coisa comigo que não vai me cortar tão facilmente quanto minhas mãos. Vamos nessa.

Desabotoo meu cinto de couro, agarro a fivela e o tiro da cintura. Em seguida, seguro uma ponta em cada mão e começo a correr ao lado de sua cauda balançando. Meu coração dispara enquanto corro a toda velocidade, tão perto que meu ombro roça na escama endurecida que forma a parte plana da cauda da espada, enquanto ela começa a se erguer novamente. No instante em que a ponta da lâmina está na altura do meu ombro, prendo meu cinto na ponta de sua cauda

e rezo para Zihnal para que eu não acerte a parte mais afiada.

Então eu salto e me agarro com todas as minhas forças. O couro não precisa sobreviver à queda; ele só precisa aguentar o tempo suficiente para me dar o impulso necessário.

“Naturalmente, você se despe em uma situação estressante.”

Dou uma risadinha, meio risonha, e meu estômago revira quando sou içada para cima, desviando o olhar do chão da floresta que se distancia a cada segundo. Não há muito o que ver, com a cauda de Aotrom bloqueando quase toda a minha visão, e considerando o som estridente vindo de cima, essa jornada está quase no fim.

O cinto se rompe e cai das minhas mãos quando sou catapultado contra os galhos.

Isso vai doer demais—

"Droga!" resmungo quando meu abdômen se choca contra um galho de árvore que está mais ou menos na altura dos olhos de Aotrom. Sem perder a oportunidade, enrolo meus braços no galho e me impulsiono para cima dele. É mais do que grosso o suficiente para suportar meu peso, graças a Zihnal, e aterrissei perto o suficiente para alcançar o tronco com apenas alguns passos apressados.

"Quase lá, mas acho que esta árvore não vai deixar você montá-la em batalha." Todos os dragões zombam abertamente de seus cavaleiros? Ou só o meu?

"Espertinho." Agarro o tronco com as duas mãos para me firmar, e então me encolho com a substância pegajosa que escorre por elas. Maldito *idiota* . Enfiei as mãos em um dos sulcos que Aotrom cavou com suas garras.

Um murmúrio baixo vem de seu peito, e juro que consigo ouvi-lo rindo na minha cabeça enquanto seu olhar se volta para me seguir.

"Daqui a pouco serei eu a rir", prometo, calculando a distância até suas costas. Isso vai me garantir o respeito dele ou irritá-lo profundamente, e só há um jeito de descobrir.

Dobrando os joelhos, salto para a frente com toda a força que tenho. Minhas botas atingem o topo do seu nariz, mas quando seus olhos se estreitam para me encarar, eu já saltei novamente, desta vez mirando em seu pescoço.

Erro meu alvo por meros trinta centímetros e começo a cair.

Foda- se.

Sinto minhas costelas se contraírem e meu coração disparar nos meus ouvidos enquanto caio como uma pedra, agitando os braços enquanto minha visão é tomada por escamas e espinhos marrons. Aterrisso em seu ombro com um impacto que faz meus dentes vibrarem.

“Você pula como um esquilo.”

“Você é que está na maldita árvore”, retruco, agarrando suas escamas com minhas mãos pegajosas para me equilibrar. Ele ainda está pendurado verticalmente no tronco, o que significa que se eu der um passo em falso agora, vou acabar no chão da floresta com o pescoço quebrado.

Encaixo minhas botas nas frestas entre suas escamas, depois passo por cima de seu ombro e subo em suas costas. Meu estômago revira toda vez que olho para baixo, mas passo a passo, movo-me lateralmente sobre ele até alcançar as escamas salientes de seu pomo e assento.

Por Zihnal, eu consegui! Uma gargalhada escapa de mim enquanto eu seguro suas escamas com as mãos e levanto os pés até conseguir ficar mais ou menos sentada.

“Você é estranhamente bem-humorado para alguém que se agarra às minhas costas como um sapo.”

“Pense bem no que eu quero dizer”, digo a ele enquanto meus braços começam a tremer pelo esforço de me manter nessa posição. “Você pode ter grudado folhas no meu rosto, mas tem um rastro de seiva em alguns lugares bem difíceis de alcançar nas suas costas. Boa sorte para tirar isso.”

Aotrom se enrijece e depois solta uma risadinha.

“Não se preocupe. Tenho certeza de que você pode encontrar neve nos picos para ajudar a endurecer e fazer com que ela se quebre. O gelo resolve o problema.” Não consigo evitar rir novamente, mesmo sabendo que tenho talvez sessenta segundos nesse ângulo precário antes que a fadiga muscular me faça cair para a morte. “Eu diria que estamos quites, não acha?”

“Nunca.” Ele salta da árvore, direto para o céu, me pegando completamente de surpresa, embora eu permaneça sentada. *“Mas eu diria que isso nos torna iguais.”*

633 UA
Deigh—Cauda de Adaga Vermelha
(Masculino) Descendente da Linhagem Wybjoriana
Idade estimada: 62
Cavaleiros Registrados: 1

—O Compêndio da Espécie Dracônica,
Última atualização por Coronel Valin Kaori

Liam

A madeira se curva na ponta do canivete do meu pai e cai no chão da floresta enquanto termino o movimento de puxar ao longo do que se tornará o chifre esquerdo da futura estatueta. Não consegui reproduzir o padrão dos cartões da Kaori em nenhuma das minhas duas últimas tentativas, então vou deixá-las assim por enquanto.

Ao final do dia, serei capaz de fazer justiça a ele por completo.

Pela terceira vez na última hora, alguém grita à distância. Paro de esculpir e levanto os olhos da minha peça. Nenhuma das árvores ao meu redor se move, e assim que me certifico de que o perigo que encontrou meu colega de turma sem nome não está vindo na minha direção, volto ao trabalho. Ao contrário do resto dos meus colegas de esquadrão, o medo não me atormentou enquanto caminhávamos pela floresta, e a única ansiedade que sinto gira em torno da possibilidade de os outros marcados da minha turma sobreviverem ao dia. Meus colegas de esquadrão também. A maioria deles está bem.

Estive aqui perto do centro do vale por algumas horas, guiado por um impulso inegável que foi substituído por um instinto de ficar parado assim que cheguei a esta árvore. Então, estou sentado sob a sombra de uma frondosa árvore Polylepis, porque quem sou eu para negar o primeiro pedido que meu futuro dragão me fez? Dragões vermelhos têm temperamento forte. Eu tenho paciência. Seremos uma boa combinação. A árvore Polylepis é bem irônica, no entanto. Não vejo uma desde que saí de Tyrrendor.

Meu polegar pressiona a borda plana da lâmina da minha faca enquanto começo a cortar o segundo chifre, devagar como meu pai me ensinou. A sombra salpicada no chão à minha direita se move na direção oposta à brisa, e um canto da minha boca se curva num sorriso.

"Vai ter que melhorar muito para me pegar de surpresa." Termino o corte de parada e outra lasca cai no chão. "Fui treinado pelos melhores, sabia?"

“Se eu estivesse tentando me esgueirar, você nunca saberia.” Xaden sai de trás de uma árvore próxima, um sorriso breve e raro surgindo em seu rosto. “Porque sim, eu sou o melhor”, diz ele com a arrogância casual que demonstra para a maioria das pessoas.

Como o cavaleiro mais poderoso da nossa geração, ele mais do que merece a arrogância e o medo que inspira em todos os cadetes que não ostentam uma relíquia da rebelião no braço. Mas eu não só possuo tal relíquia, como o conheço melhor do que a maioria das pessoas. Passamos os dias mais sombrios de nossas vidas juntos, aprendendo a sobreviver como irmãos adotivos depois que nossos pais foram executados em Calldyr. Eu o respeito profundamente e o amo como um irmão. Nunca tive medo dele.

“É esse o seu plano de debulha?” Ele se encosta no tronco ao meu lado e olha para o dragão que emerge do pedaço de madeira balsa na minha mão. “Ficar debaixo de uma árvore e esperar que o primeiro dragão que aparecer seja seu? Tenho que dizer, você não escolheu um lugar muito seguro para começar a fazer artesanato.” Seus olhos quase reviram na minha direção.

“Estou exatamente onde me mandaram ficar. Meu dragão vai me encontrar.”

“Até agora, todos que observei estão por aí se metendo em brigas, criando

laços ou se queimando, enquanto você vai se desgastando aos poucos.”

"Será que meu líder de esquadrão está decepcionado comigo?" Eu sorrio e volto a esculpir os chifres.

“Nunca. Respeito sua tranquilidade.” Ele faz uma careta. “Esqueça. Ficarei *desapontado* se você for queimado vivo por algum laranja descontente só porque não se dá ao trabalho de defender uma posição mais sólida. Mas consultei a lista de dragões dispostos a lutar, e nenhum deles teve cavaleiros mortos na apostasia deste ano, então não deve haver nenhum procurando por você pessoalmente. Se você for torrado, não será por vingança.”

Ergui as sobrancelhas. Era um cenário em que eu não havia pensado. A rebeldia dos nossos pais eliminou mais do que alguns cavaleiros. "Você verifica todos os anos?"

Xaden acena com a cabeça enquanto examina os arredores. Juro, ele nunca baixa a guarda, mas eu entendo. Inúmeros cavaleiros adorariam ser conhecidos como aquele que matou o filho de Fen Riorson. "Bodhi ainda estará aqui para ajudar, mas você precisará assumir essa função quando eu me formar em julho."

“Considere feito.” Não há nada que eu não faria por ele, e não apenas porque fomos criados juntos. Ele carrega cento e sete cicatrizes que deram a cada uma delas uma chance de sobreviver, e embora entrar no quadrante represente um alto risco de morte, seu sacrifício nos salva da certeza dela. Se um de nós se mostrar desleal a Navarre, sua vida estará em risco, então *minha* lealdade a ele jamais será questionada.

É estranho pensar que as mesmas crianças que as forças navarranas queriam massacrar como punição pelos crimes de nossos pais estarão servindo em suas fileiras no ano que vem.

“Você ainda acha que é o Rabo-de-Adaga Vermelho vindo atrás de você? A Sgaeyl geralmente me diz quais dragões estão interessados nos marcados, mas ela está irritantemente calada sobre você.” Ele cruza os braços e continua a examinar o perímetro com os olhos. Tenho quase certeza de que aquelas sombras que se projetam da árvore à esquerda também são dele. “Não vou mentir. Eu esperava que o companheiro dela estivesse pronto para formar um vínculo este ano.”

"Na esperança de que o segundo maior dragão do Continente se apegasse *a mim* ?" Não consigo conter a risada que ecoa no meu peito. Como se isso fosse acontecer.

“É uma conclusão lógica. Você é o melhor da sua turma.” Xaden me olha de soslaio.

Eu balanço a cabeça negativamente. "Eu não diria isso."

“Eu faria.” Ele lança um olhar significativo para o emblema do Desafio no

meu uniforme. “O mais rápido no Desafio. Formidável no tatame. Excelente desempenho acadêmico—”

Agora sou eu quem está zombando. "Daqui a pouco, você vai estar contando as mulheres que eu levo para a cama."

“Elodie Praxedes foi uma escolha interessante.” Ele ergue as sobrancelhas escuras para mim. “Sou totalmente a favor de sacanear a liderança, mas você realmente sacaneou *a* sua liderança.”

Fiquei boquiaberto. "Como você poderia saber disso?"

“Bodhi me contou.” Ele dá de ombros. “Não que eu esteja julgando.”

“É óbvio que sim.” Inclino a cabeça para ele. Embora eu saiba que ele tem boas intenções, ter o primo do Xaden como oficial executivo da minha seção é oficialmente irritante. Droga. Pensei que tivéssemos sido discretos. “Foi só uma vez. Nenhum de nós tem sentimentos nem nada. E você é quem diz isso. Acha que eu não vejo o jeito que você olha para a filha do general quando pensa que ninguém está vendo? Aquela que por acaso está na sua cadeia de comando?”

Sua cabeça se inclina bruscamente para a frente e um músculo em sua mandíbula se contrai novamente. "Se você me pegar encarando Sorrengail, é porque estou fantasiando em matá-la."

É mesmo? Ele está tão mal que nem consegue enxergar.

Um sorriso se abre no meu rosto. "Ah, você está fantasiando sobre *alguma coisa* , e não vamos fingir que é assassinato. Você é um bom mentiroso, mas não me engana. O Garrick provavelmente já percebeu também, mas aposto que você conseguiu esconder isso do Bodhi, não é?" Eu jamais pensaria em implicar com ele na frente dos outros, mas somos só nós dois aqui fora, o que significa que ele é alvo fácil para provocações.

“Pare de se intrometer em coisas que você não conhece.” Ele descruza os braços e enfia as mãos nos bolsos. Pelo jeito que as sombras nas bordas das árvores se tornam mais nítidas, sei que toquei num ponto sensível.

“Essa é a definição do que irmãos mais novos fazem.” Meu sorriso se alarga. “Além disso, nós dois sabemos que você não pode matá-la, e mesmo que pudesse… você não faria.”

“Você subestima grosseiramente o meu ódio pela mãe dela.” Seu rosto endurece.

“Eu não subestimo quase nada quando se trata de você. Sei do que você é capaz.” Meu sorriso desaparece. “Mas você, mais do que ninguém, sabe que é errado punir alguém pelas ações dos pais. Pelo que ouvi, ela é uma boa pessoa. Não a conheço pessoalmente, mas aposto que gostaria dela se a conhecesse.”

"Você gosta de todo mundo, e provavelmente é por isso que todo mundo gosta de você." Ele suspira tão profundamente que eu sei que é hora de mudar de

assunto.

“Voltando ao assunto. Você não precisa ficar de olho em mim.” Eu retiro mais uma lasca perto da cabeça de madeira do dragão. “Estou me virando bem.”

“Essa é a definição do que os irmãos mais velhos fazem. É nosso dever sagrado. Uma honra, na verdade.” Ele sorri de canto. “Espere até a Sloane chegar no ano que vem e veremos como você se sente em relação a ficar de olho nos irmãos.”

Droga. Ele tem razão. Encaro o sul, desejando poder cortar a distância como uma faca para ver como minha irmãzinha está. Nossas comunicações foram interrompidas quando cruzei o parapeito, mas tenho escrito e guardado cartas para entregar a ela quando chegar, para que saiba que não foi esquecida.

A expectativa de vê-la novamente ameaça me fazer desabar. Não pude abraçá-la, assegurar-lhe que superaríamos isso, desde o dia em que fomos arrancadas de nossa casa após testemunharmos a morte de nossos pais em um intervalo de doze horas, e enviadas para serem criadas em propriedades diferentes. Tive a sorte de ir parar em Tirvainne com Xaden e o Duque Lindell, que conseguiu esconder sua lealdade à rebelião do Rei Tauri, mas Sloane não teve a mesma sorte.

Outro grito distante soa, desta vez vindo do norte, mas nenhum de nós se dá ao trabalho de olhar. O som veio de longe o suficiente para que não estejamos em perigo direto.

Xaden olha para minha estatueta. "É ele? Seu Rabo de Adaga Vermelho?"

Assinto com a cabeça. "É Deigh, e para responder à sua pergunta anterior, tenho certeza de que sou dele." Meu polegar pressiona suavemente a lâmina enquanto começo a desenhar os traços mais delicados de seu rosto feroz. Bastou um olhar para ele durante a Apresentação para sentir. "Você não sentiu a mesma certeza sobre Sgaeyl na Apresentação?"

Xaden zombou. "Sgaeyl nem se deu ao trabalho de aparecer na Apresentação. Ela jamais seria tão banal a ponto de se conformar às expectativas do quadrante."

"Eu consigo ver isso." Aquela Blue Daggertail com quem ele tem um vínculo é feroz como poucas, uma combinação perfeita para sua cavaleira igualmente feroz. "Algum último conselho antes de Deigh aparecer?"

“Se ele for vermelho, então o temperamento dele provavelmente é pior que o do Sgaeyl, então não o irrite.”

Minhas mãos param sobre a madeira. "Nenhum dragão neste mundo tem um temperamento pior que o seu."

Um canto da boca dele se ergue. "Você pode ter razão. Mas, embora Sgaeyl seja implacável, ela tem um controle invejável sobre onde essa raiva é liberada.

Precisão cirúrgica com consequências letais. Os Vermelhos tendem a agir por impulso e pensar nas consequências depois."

“Então não o irrite. Entendido.” Assenti. “Mais alguma coisa?”

“Toda essa baboseira que a Kaori te conta sobre técnicas de aproximação é só isso mesmo — baboseira.” Ele se vira para mim, apoiando o ombro no tronco da árvore. “Sim, essas regras vão te impedir de ser incinerado por outros dragões, mas nenhuma delas importa de verdade para aquele que te escolheu. Eles sabem tudo — o melhor e o pior de você — antes mesmo de se dignarem a falar com você. Então, se você não tem modos, eles já sabem e aceitam isso.”

“Que pensamento agradável. Alguém que sabe tudo sobre você e mesmo assim te aceita.” Não terei que explicar a relíquia, nem a lealdade dos meus pais, porque ele já sabe.

“É o relacionamento mais forte que você jamais terá. E não se preocupe se ele ficará do nosso lado em relação ao que está acontecendo além da fronteira. Se ele escolheu você, já escolheu.” Xaden se endireita. “Confie em mim. Não há nada que você possa fazer para mudar a opinião dele, exceto talvez fugir ou se recusar a montá-lo.”

"Então eu não devo baixar os olhos?" , pergunto.

“Ah, não. Abaixe esses olhos, por precaução, caso outro dragão—” Ele inclina a cabeça para o lado e olha para o horizonte, o que geralmente significa que está falando com Sgaeyl. “Droga. Preciso ir.” Ele me puxa para um abraço, dando um tapinha nas minhas costas com o punho. “Tome cuidado.”

"O que foi?" pergunto enquanto ele me solta.

“Duas palavras, como sempre este ano. Violet. Maldita. Sorrengail. Aquela baixinha irritante que me encheu o saco se meteu com o bichinho de estimação do Sgaeyl. Te vejo no campo de voo, Liam.” Ele se afasta a passos largos, desaparecendo entre as árvores a oeste.

“São três palavras”, sussurro com um sorriso, sabendo muito bem que ele não pode me ouvir enquanto começo a esculpir o focinho da estatueta. Engraçado, nunca o vi tão obviamente obcecado por uma mulher. Ele nunca foi de se apegar a alguém, e mal tolerou a Cat nas vezes em que os vi juntos no ano passado. Graças aos céus que aquele arranjo não deu certo, porque parece que meu irmão finalmente encontrou alguém à sua altura. Ótimo. Ele precisa de alguém para derrubar as paredes incrivelmente grossas que construiu.

A cabeça de Deigh surge diante do galho mais baixo da árvore à minha frente, e eu me assusto. Num segundo o espaço estava vazio, e no seguinte, ele simplesmente está *ali* , com suas escamas vermelho-escuras e tudo. Minha faca escorrega da estatueta e corta meu dedo indicador, o suficiente para sangrar.

"Droga", murmuro, enfiando a escultura no bolso com uma mão e

embainhando o canivete com a outra, de alguma forma sem deixar escapar nada, considerando que tenho um par de olhos dourados avaliando cada movimento meu.

“Suas últimas tentativas foram ruins.” Sua voz é mais aguda do que eu esperava, soando mais humana do que monstruosa. *“É este o olhar mais atento que você precisa para ser preciso?”*

Uma onda de alegria explode atrás da minha caixa torácica e eu sorrio. Ele está mesmo aqui. Eu sou mesmo dele. Ele será a única coisa neste mundo que ninguém poderá me tirar. "Desta vez, vou fazer tudo certo."

“Certifique-se de que sim. Não evitei buracos nas minhas asas e cicatrizes nas minhas escamas para serem deturpados por um deslize da sua faca.” Ele funga ruidosamente, farfalhando as folhas aos meus pés. *“E seu sangue é um tom escuro demais para as minhas escamas.”*

“Normalmente não me machuco.” Testo o corte, feliz por ver que já está formando uma crosta.

“Ótimo.” Ele levanta a cabeça para me encarar. *“Você gosta da árvore. Que bom. Eu a escolhi de propósito. Eu as vi em suas lembranças de casa. Você prefere as da encosta sul, não é? Eu as acho um tanto incômodas para caçar, mas os humanos parecem gostar delas.”*

"Você já esteve em Mairghdelle?" Não sei por que estou surpreso. Dragões voam por toda Tyrrendor, e embora não seja um posto avançado, a propriedade isolada da minha família não é exceção. Embora agora pertença a um nobre de Navarr. O pensamento quase me rouba a alegria. Quase.

“Claro. Você não é meu primeiro cavaleiro”, ele repreende. *“E aqueles da minha linhagem sempre favoreceram os da sua. Você está pronto para se tornar um cavaleiro, Liam Mairi, filho da Mestra Rúnica Celadine?”*

Meu coração se aperta ao ouvir o nome da minha mãe, ao mencionar sua habilidade incomparável com runas. Nossos inimigos podem ter tomado sua casa ancestral e queimado seus pertences, mas ela não foi esquecida.

"Eu sou."

“Ótimo. Então vamos começar. Você e eu enfrentaremos o mal que assola este continente.”

Xaden tem razão. Alguns dos dragões sabem e estão decidindo fazer algo a respeito. Uma onda de determinação me invade o peito e, pela primeira vez desde que Sloane me foi tirada, tenho um propósito que vai além de mim mesma. Além de proteger as costas de Xaden enquanto ele está diante de todos nós.

“Estou pronto.” Eu aceno com a cabeça.

“Vocês não são. Mas nós seremos.”

Eu monto e começo o próximo — e último — capítulo da minha vida como cavaleiro de Deigh.

Observe:

O restante das histórias desta coleção contém spoilers de *Iron Flame* .

634 UA
Thoirt—Rabo de Adaga Vermelho
(Feminino) Descendente da Linhagem Wybjoriana
Idade estimada: 62
Cavaleiros Registrados: 1

—O Compêndio da Espécie Dracônica,
Última atualização por Coronel Valin Kaori

Sloane

“Não desanimem se demorar algumas horas para criarmos laços”, diz Kaori, colocando as mãos atrás das costas enquanto se dirige a todos os calouros que restaram após o Desafio e a Apresentação.

Eu o ignoro enquanto ele começa a discorrer sobre os detalhes mais sutis da paciência.

Não vou mentir. Achei que a pista de obstáculos no penhasco ia me derrubar.

Por outro lado, também tinha quase certeza de que ia acabar no fundo do desfiladeiro em Parapet. Ah, e com certeza vi minha vida passar diante dos meus olhos durante alguns desafios. Pois é. E aí teve Presentation, onde também me preparei para a minha morte iminente, só para sair ileso do campo.

Basicamente, tenho esperado pela minha morte nos últimos três meses, desde que a carta de Bodhi chegou com Garrick, informando-me que meu irmão mais velho havia sido assassinado. Ele a escreveu com cuidado, sabendo que qualquer correspondência entre os destinatários marcados é lida e, às vezes, censurada, mas eu consegui ler nas entrelinhas. Eu sei o que aconteceu com ele, que Violet Sorrengail e Dain Aetos o mataram.

Se meu irmão mais velho, perfeito, carinhoso e incrível — o melhor da turma dele — não conseguiu nem ficar doze meses nesse lugar, que chance eu tenho? Estou de saco cheio disso tudo e cansei de fingir que quero fazer parte disso.

O tumulto passou por cima há alguns minutos, o que significa que a floresta agora está repleta de oportunidades para encontrar Malek. Se o preço por se recusar a criar laços for a incineração, que assim seja.

Não permitirei que me transformem em instrumento de morte.

“E lembre-se de seguir seus instintos”, continua Kaori.

"A menos que seus instintos o levem a um torcedor fanático do Liverpool realmente irritado", murmura Baylor ao meu lado, com um sorriso travesso iluminando suas bochechas de um tom castanho-escuro.

Mais à direita, um canto da boca de Aaric se ergue no único gesto de emoção que ele demonstrou hoje. É como se ele fosse o único que se sentisse destinado a morrer ali, tamanha a tensão que o acompanha desde o café da manhã.

Visia balança de um lado para o outro à minha esquerda. Claramente, ela ainda está nervosa.

Não a culpo. Se um dragão tivesse aberto um caminho até a minha testa no ano passado e me deixado para morrer, eu não estaria exatamente ansiosa para voltar para a floresta.

"Você vai ficar bem", promete Avalynn, envolvendo Visia com o braço e apoiando seus cachos ruivos brilhantes em seu ombro.

Talvez ela não morra. Talvez nós duas morramos hoje. É isso que eu quero dizer. Em vez disso, ofereço um sorriso tranquilizador e aceno com a cabeça.

Uma aluna do terceiro ano, vinda da Segunda Ala, se aproxima correndo de Kaori e sussurra algo em seu ouvido antes que ela volte para a floresta.

“Certo.” Kaori pigarreia. “Parece que Molvic foi avistado na floresta.”

Um murmúrio percorre os cadetes, e todos ao meu redor se animam, então eu também, fingindo interesse. É muito mais fácil simular sentimentos do que

explicar a todos por que você não os tem mais.

Bem... eu ainda tenho uma. A raiva é minha companheira constante e irritante. Nesse sentido, talvez *devesse* me interessar que uma aranha-azul feroz tenha entrado na floresta. Talvez nossos temperamentos combinassem. Exceto pelo pequeno detalhe incômodo de que eu não quero criar laços.

Com certeza vou guardar essa pequena verdade para mim.

"Ele não está na lista deste ano", grita alguém da Third Wing.

"Ele não é", responde Kaori, e então suspira. "Ele nunca é. Ele só gosta de vagar pela floresta e te observar antes de inevitavelmente retornar ao Vale. Dê espaço a ele e tudo ficará bem."

"Um azul seria incrível", diz Lynx, esfregando as mãos.

"Claro, se você quiser acabar carbonizado." Baylor balança a cabeça negativamente.

"Você não quer isso", sussurra Visia. "Acredite em mim."

A mandíbula de Aaric se contrai, mas ele permanece em silêncio, e Mischa continua roendo as unhas até o sabugo atrás dele.

Kaori nos dispensa e nos separamos, alguns ficando para desejar boa sorte aos seus companheiros de esquadrão, enquanto outros correm a toda velocidade para a floresta.

“Tenha cuidado.” Eu abraço Visia com força.

"E se acontecer como no ano passado?" , ela pergunta em um sussurro.

"Não vai." Me afasto um pouco e lhe ofereço um sorriso, certificando-me de que ele chegue aos meus olhos. Não quero que a última lembrança que minha colega de turma tenha de mim seja algo além de apoio.

Todos eles merecem o melhor.

“Olha o Henrick”, diz Avalynn, passando o braço pelo ombro de Visia. O sol realça as sardas em seu nariz. “Ele se apegou ao seu irmão no ano em que repetiu o ano, e você também vai se apegar.”

“Muito bem, Segundo Time”, diz Baylor, olhando-nos nos olhos. “Sejam espertos. Ninguém morre, entenderam? Nós conquistamos o título de Time de Ferro no ano passado e não vamos decepcionar a Rhiannon perdendo-o. Ele é nosso de novo este ano.”

Sim, todos devemos comemorar se formos o esquadrão que passar pelo Threshing com o menor número de baixas. Porque *isso é* normal. Droga, eu odeio este lugar.

Todos concordam, e eu dou o meu melhor sorriso e aceno de cabeça até hoje. Droga, estou ficando bom em fingir. Nos separamos e entramos na floresta, e me vejo seguindo um caminho paralelo ao de Aaric.

Mantemos uma distância de pelo menos cinco metros entre nós enquanto

seguimos para o sul, desviando das árvores gigantescas. Este lugar tem árvores plantadas de todas as províncias de Navarra, e seria espetacularmente belo se não fosse fertilizado com a poeira dos cadetes mortos.

Para um cão da raça Aaric, é tranquilo caminhar perto dele. Ele não é do tipo que tagarela como a Avalynn, nem quebra o silêncio com conversa fiada, porque se sente desconfortável com o silêncio como o Lynx. Ele tende a ser reservado e só fala quando precisa dizer algo. Não tenho dúvidas de que ele vai se aproximar de nós hoje. Ele é um dos melhores da nossa turma, invicto no tatame, mesmo depois de alguém ter quebrado o pulso dele no mês passado. Ele tem o tipo de determinação e propósito que eu admiro, até invejo.

Mas eu preciso desesperadamente que ele vá embora para que eu possa finalmente me dedicar à tarefa de morrer.

“Ali está ela.”

Minha mão voa para o coração quando Imogen salta de uma árvore a três metros à minha frente.

"Está tentando me matar de ataque cardíaco?" Respiro fundo para acalmar meu pulso e abaixo a mão.

“Está se sentindo dramática, é?” Ela coloca o cabelo rosa atrás da orelha e caminha na minha direção. “Porque existem coisas muito mais assustadoras tentando te matar por aí.” Ela olha para Aaric. “Graycastle.”

“Cardulo.” Aaric acena com a cabeça e, em seguida, olha entre nós, claramente percebendo a energia de Imogen de “nos deixe em paz”. “Estou indo.” Ele começa a se afastar, mas se vira para nós novamente. “Nada de morrer”, diz ele, olhando diretamente para mim como se pudesse ver através da camada de besteira que eu crio para todos os outros. “Não. Morrer”, repete.

Uma de suas melhores qualidades é também uma das mais irritantes. Ele é extremamente observador.

“Sim. Tudo bem.” Eu aceno para ele, e ele hesita por mais um instante antes de se afastar em direção às árvores.

"Que merda foi essa?" Os olhos verdes de Imogen se estreitaram sobre mim.

“Queremos manter o título de Iron Squad.” Dou de ombros.

“Certo.” Ela ergue uma sobrancelha. “Você está transando com ele?”

Minha boca se abre, depois se fecha, depois se abre de novo. "Desculpe?", consigo balbuciar.

"Pessoalmente, não me importo." Ela o observa desaparecer para o oeste. "Só estou curiosa, e estou aprimorando minhas habilidades de amizade. Vocês, calouros, são sempre uma bagunça até se encontrarem."

Cruzo os braços. "E *você* já tem tudo resolvido? Existe algum botão mágico que faz você chegar ao terceiro ano e de repente saber tudo?"

De todas as pessoas no quadrante, ela talvez seja a única capaz de compreender a profundidade da minha raiva, a forma como ela corrói tudo que poderia florescer em algo positivo. Ela é definitivamente a única pessoa marcada em quem me sinto segura para descarregar essa raiva, porque sei que ela não vai fugir e contar para o Riorson que sou instável, colocando mais um fardo sobre os ombros dele. Mas também não consigo ser completamente honesta com ela.

Não consigo ser totalmente honesto com ninguém.

“Entendi.” Um leve sorriso surge em seu rosto. “O negócio é que, neste lugar — nesta época —, bem quando você acha que entendeu a si mesma e às pessoas ao seu redor, tudo muda e você precisa enfrentar novos desafios. Estamos sempre em constante evolução, pequena Mairi.”

“Ótimo discurso motivacional.” Dou um sinal de positivo com o polegar e passo por ela.

“Nossa, você é um saco.” Ela bufa e me alcança facilmente. “Você está mesmo tentando fugir de mim?”

“Esta não é uma noite de semana, Imogen.” Olho para ela de soslaio. “Não estou presa treinando com você na academia só para *ganhar* uma das cartas que meu irmão deixou para mim. Cartas que você sabe que são minhas por direito.” A raiva ferve no meu estômago. Distribuí-las uma vez por semana é uma crueldade que não posso aceitar. Ler as cartas dele é o único momento em que sinto que ele ainda está aqui, como se eu pudesse estender a mão e tocá-lo se me esforçasse o suficiente. “Não acredito que você está deixando ela usá-las como isca—”

“Ela está usando isso como suborno”, Imogen me corrige. “E Sorrengail — embora seja um gosto adquirido — tem as melhores intenções. Você realmente apareceria para treinar se ela não tivesse balançado essas cartas acima da sua linda cabecinha loira como uma cenoura?”

Cerrei os dentes.

“Exatamente. Mas agora você aparece. Você treina. Você pode até sobreviver aos desafios graças à Violet, que te obrigou a ir para a academia.”

“Não espere que eu a agradeça.” Que se dane.

“Ah, definitivamente não.” Sua voz transborda sarcasmo enquanto passamos por cima de uma raiz grossa de árvore. “Afinal, ela só arriscou a ira da liderança e, ah, de um *deus* para guardar essas cartas para você. Você já pensou nisso?”

Meus passos diminuem e minhas sobrancelhas se franzem porque, na verdade, eu não tinha feito isso.

"Nem pensei." Ela suspira. "Aquela garota quase morreu, e a primeira coisa que ela fez quando voltou para o quadrante não foi contar aos amigos que estava viva, mas sim invadir o quarto do seu irmão para salvar aquelas cartas que todos

sabemos que deveriam ser queimadas em sacrifício a Malek. O primeiro e mais importante pensamento dela foi *você* ."

“Você percorreu todo esse caminho até aqui para continuar sua valente defesa de Violet Sorrengail?” Meu tom perde um pouco da acidez.

"Não." Imogen balança a cabeça. "Vim avisar que você está procurando uma fêmea de Red Daggertail chamada Thoirt."

"O quê?" Eu tropeço nos meus próprios pés e ela segura meu cotovelo para me impedir de cair de cara no chão.

“Dragões específicos que possam simpatizar com a nossa causa tendem a nos procurar.” Ela solta meu braço, o mesmo que carrega a mesma relíquia da rebelião que a do meu irmão. “Thoirt é seu.”

Thoirt . Algo começa a doer no meu peito, mas eu a ignoro.

Não vou criar laços hoje. *Nunca* vou criar laços .

“Que bom saber. Obrigada.” Tento acenar com a cabeça e sorrir.

Um estalo corta o ar e ambos voltamos nossa atenção para o leste. A madeira estala à distância, seguida por um grito e um *baque* surdo . Um segundo depois, a fumaça sobe acima da copa das árvores.

“Não tenha medo”, diz Imogen. “Isso não vai acontecer com você. Não com Thoirt já à sua procura.”

Eu pisquei e encontrei seu olhar. "Não estou com medo."

Um sorriso se forma em seus lábios. "Você não está mesmo, está?"

"Não." Eu balanço a cabeça negativamente.

“Ótimo. Isso lhe será útil com um cavalo vermelho. O temperamento deles exige um cavaleiro que não seja tão impulsivo quanto eles. Veja bem, falar sobre Thoirt não é o único motivo de eu estar aqui.” Ela engole em seco, depois enfia a mão no bolso do uniforme e tira de lá uma pequena estatueta de madeira de um cavalo-de-cauda-de-adaga.

Pego a oferenda e a seguro com as duas mãos. É perfeita, do focinho arregalado às marcas de faca no rabo. Não preciso perguntar quem a fez. Meu coração ameaça se partir e derramar o conteúdo confuso que me esforcei tanto para manter trancado. "Como você conseguiu isso?"

“Ele estava carregando isso quando morreu”, ela diz suavemente. “Eu guardei para você. Para este momento. Para que você visse o quanto ele amava Deigh. Para que você percebesse o quanto você vai amar Thoirt.” Sua respiração seguinte treme. “Acho que Sorrengail não é o único cadete por quem Malek pode se sentir desprezado, mas eu não consegui queimá-lo.”

“Obrigada.” Meus dedos se fecham em torno da estatueta.

“De nada.” Ela aperta minhas mãos entrelaçadas. “Você gostaria que eu ficasse com você?”

“Não.” Tiro minhas mãos das dela, olho-a nos olhos e minto com todo o meu coração. “Te vejo na pista de pouso.”

“Tudo bem.” Ela sorri. “Mas falando sério, você é o Graycastle? Estou estranhamente curiosa e, como me sinto uma espécie de irmã mais velha honorária, decidi que tenho o direito de perguntar.”

"Não." Franzi a testa em sinal de desgosto. "Ele é bonito, mas é como... outro irmão. Todos os meus colegas de equipe são. Bem, não entre si. Tenho quase certeza de que peguei Baylor e Avalynn se pegando às escondidas ontem à noite."

“Na noite anterior à Debulha? Com certeza.” Ela franze a testa. “Você também deu umas escapadas, né? Todo mundo devia transar antes da Debulha. E depois. Sempre que possível por aqui, na verdade. Nunca se sabe quando você vai acabar na lista de mortos.”

Aperto meus lábios porque, afinal, o que diabos eu deveria dizer diante disso?

“Ai, céus.” O rosto dela se fecha. “Você não andou se escondendo por aí? Aproveitando toda a liberdade que o primeiro ano te dá?”

“Foi isso que sua irmã recomendou?” Como é que estamos tendo essa conversa?

“Katrina morreu quando eu tinha quinze anos, então não tivemos muitas oportunidades para essas conversas.” Ela toca o queixo. “Mas com certeza acho que ela recomendaria aproveitar ao máximo tudo o que a vida tem a oferecer.”

“Bem…” Busco as palavras certas. “Gostaria que esta conversa terminasse — agora.”

“Justo.” Ela recua alguns passos, depois vira as costas e vai embora. “Te vejo na pista de voo. O mundo bem que precisa de outra Mairi de preto”, ela grita por cima do ombro.

Só que *esta* Mairi não quer usar o uniforme preto de motociclista. Fico parada ali por um tempo que parece uma eternidade, encarando a estatueta do meu irmão. Gritos ecoam à distância. A brisa sopra com um leve cheiro de enxofre. Asas batem no alto, acima de mim, enquanto os cadetes criam laços.

Só quando memorizo cada detalhe da estatueta é que a guardo no bolso e começo a andar.

Thoirt. Talvez saber o nome dela devesse me fazer mudar de ideia sobre criar um vínculo, mas não muda. Ignoro a sensação de aperto no peito que me diz para seguir para o leste e continuar para o sul. Ela estará muito melhor com alguém que deseje o poder, que não deteste a ideia de exercê-lo.

E nas próximas horas, finalmente estarei *livre*.

Deixei a raiva voltar a borbulhar enquanto caminhava por quase uma hora,

encontrando alguns cadetes estressados e um espadarte marrom que nem se deu ao trabalho de olhar para mim.

Droga. Lá se foi uma oportunidade perdida.

Uma hora depois, me deparo com um bicho-da-manhã-verde. Ele se aproxima furtivamente, soltando vapor pelas narinas, e eu mantenho a posição, queixo erguido, braços cruzados ao lado do corpo. Meu coração dispara à medida que ele se aproxima, esmagando folhas sob suas garras.

A vinte pés de distância. Eu olho diretamente nos olhos dela.

Dez pés. Prendo a respiração e me preparo para a colisão.

Agora.

Ele passa por cima de mim, suas garras tocando o chão a poucos metros de onde estou.

Que. Porra. É . Essa?

A raiva dentro de mim não apenas ferve em fogo brando, ela começa a crepitar.

Quando se passa mais uma hora, um Dragão-de-cauda-vermelha pisca na minha direção e segue seu caminho, e um par de dragões-marrons sobrevoa-me. Já vi inúmeros dragões alçarem voo pelas aberturas da copa das árvores, ouvi o bater de suas asas enquanto levavam seus cavaleiros em seu primeiro voo. Aposto que restam apenas algumas dezenas de nós por aqui, e estamos tão dispersos que não vejo outro humano há o que parece uma eternidade.

Levando em conta a posição do sol, porque, Deus sabe, eu não pensei em trazer um relógio de bolso, só tenho mais duas horas antes que Kaori reúna todos nós que ainda não criamos laços e nos faça retroceder um ano.

De jeito nenhum. Absolutamente não. Estou cansado de viver nessa incerteza e não vou aguentar mais um ano.

"Vamos lá!" Eu grito para a floresta, para o céu, para quem quer que esteja ouvindo. "Eu não quero estar aqui! Eu não quero *nada* disso!" É tão libertador finalmente dar voz aos pensamentos insidiosos que não consigo parar depois que começam. "Me levem logo ou me deixem ir!"

Abro os braços, expondo todos os órgãos vitais do meu corpo enquanto caminho entre sequoias gigantescas que testemunharam mais da história deste reino do que eu jamais poderia suportar.

Um enorme espadarte laranja balança a cabeça na minha direção, depois gira e vem direto na minha direção, a cerca de cinquenta metros de distância.

Meu estômago se contrai. É agora. Eu sei, na essência do meu ser, que essa criatura aproxima meu destino a cada passo.

“Sim, você mesmo!” grito, estendendo os braços. “Vamos! Eu não quero ser um cavaleiro!”

A laranja abaixa a cabeça e estreita os olhos dourados ao se aproximar.

"Mairi!" grita uma voz grave, fazendo meu cérebro reconhecer algo, mas eu a ignoro.

"Eu não quero o seu poder!" Minha voz se eleva enquanto caminho em direção ao laranja, mais do que disposta a encontrar meu destino no meio do caminho e sem me importar se alguém vir. Se for um aluno do segundo ou terceiro ano, eles são obrigados pelo Codex a não interferir. "Que se dane este lugar e essas pessoas. Eu não nasci para isso!"

A laranja desarticula a mandíbula e sua língua se enrola.

“Mairi!” A voz fica mais alta. “Mova-se!”

É exatamente isso que estou fazendo. Estou me mudando, me libertando de um futuro onde eu não seria nada mais do que uma lâmina afiada usada para ferir outras pessoas.

O fogo sobe pela garganta da laranja, depois dispara para a frente, vindo em minha direção num fluxo que levará apenas alguns segundos para chegar.

Fecho os olhos e acolho a libertação iminente.

Liam. Mãe. Pai.

Sou atingida na lateral com tanta força que meus pés saem do chão e sou arremessada pelo ar. Braços me envolvem enquanto o calor me invade, queimando minha pele exposta, mas a agonia que eu buscava não chega. Em vez disso, uma dor diferente atinge meu ombro esquerdo, e meus olhos se arregalam para ver o mundo dando cambalhotas enquanto sou lançada pelo chão da floresta, apertada contra um peito rígido.

Quando finalmente paramos, levanto os olhos e me deparo com um lindo par de olhos castanhos profundos, tão profundos que me sinto completamente à deriva. Eu poderia me perder aqui por inteiro, contemplar por uma eternidade sem explorar além da superfície ou notar cada fio âmbar que me atrai ainda mais.

"Que porra você está fazendo, Mairi?" Sua voz troveja, vibrando através das minhas costelas.

A realidade me atinge de volta com a velocidade de uma flecha, e eu recuo, mas não há qualquer fragilidade nos braços que me mantêm suspenso sobre o chão da floresta.

Dain Aetos paira sobre mim, uma mão apoiada no chão à minha direita, a outra estendida sobre minhas costas, como se ele—

Meus olhos se arregalam. Ele me protegeu do pior do impacto. Ele me tirou do caminho. Ele me segura contra o peito como se eu fosse algo que ele precisa proteger.

Mas eu sei que não é bem assim.

"Sai de cima de mim!" A raiva percorre minhas veias, mais intensa do que qualquer fogo que um dragão pudesse produzir, e eu empurro minhas duas mãos contra seu peito imóvel.

Seus olhos brilham, e ele se move com uma velocidade desconcertante, se desvencilhando de mim e saltando de pé.

Minhas costas batem no chão, mas não fico ali por mais tempo do que um instante. Levanto-me rapidamente enquanto a ponta da cauda de espada da laranja passa por mim.

“Vou perguntar de novo. Que merda você está fazendo?” ele grita, os tendões do pescoço se contraindo enquanto suas mãos se fecham em punhos ao lado do corpo. “Você está tentando se matar?”

"O que isso te interessa?" , grito de volta, ignorando todas as regras e regulamentos que me foram impostos desde Parapet. Esse idiota matou meu irmão.

“Eu sou o seu líder de esquadrão, porra!” Ele levanta as mãos como se eu fosse o errado. “Eu sou responsável por você!”

"Como se você fosse o Liam?" A raiva me domina e eu me atiro contra ele, desferindo um soco em direção ao seu rosto.

Ele recua um passo e eu erro o golpe, quase tropeçando. "Se você quer falar do seu irmão, não vai ser enquanto estiver me atacando."

“Vai se foder!” Eu avanço e desfero outro golpe, apesar da diferença de altura entre nós. “Você o matou!”

"Pare com isso!" Ele segura meu punho e, em seguida, prende o próximo quando tento meu gancho de esquerda.

"A culpa de eles terem sido enviados para Athebyne é sua!" Que se dane minhas mãos; eu ainda tenho pés. Eu o chuto, e ele grunhe quando acerto sua canela. "Eu te odeio!"

Ele puxa minhas mãos e gira meu corpo até que minhas costas estejam contra o peito dele, e segura meus punhos presos na minha clavícula. "Não tanto quanto eu me odeio, acredite."

"Não vou", resmungo, pensando em dar-lhe uma cabeçada, mas estou a centímetros do seu queixo, então essa manobra não vai me ajudar.

“Pelo amor de Deus.” Ele me segura ainda mais forte, me impedindo de me mexer. “Se você quer me bater, desafie-me, mas eu já vi você brigar, e isso não vai acabar bem para você.”

" Me solta." Eu cuspo cada palavra entre dentes cerrados.

Para minha completa e total surpresa, ele faz.

Eu cambaleio para a frente, depois me viro para ele para não lhe dar as costas. Não que ele não pudesse simplesmente ter me matado se quisesse. Meu

peito arfa com o esforço, mas ele permanece ali parado, coberto de terra da nossa queda, mas completamente impassível. Ele nem sequer suou, o que parece terrivelmente injusto.

"Já terminou de me bater?" , pergunta ele, arqueando as sobrancelhas.

"Ainda não decidi." Giro o ombro esquerdo, que começa a doer. Um olhar rápido me diz que bati em alguma coisa, porque há um rasgo no meu uniforme e é definitivamente sangue molhando o tecido.

“Agradeço a sinceridade.” Ele me encara, as emoções passando por seu rosto tão rápido que não consigo decifrar o que ele sente. “Sim. Violet deixou bem claro que eu sou o motivo de seu irmão ter sido enviado para Athebyne, e convivo com isso todos os dias. O que eu não vou tolerar é você jogando sua vida fora no meio da Debulha, gritando com um *dragão* que você não quer ser um cavaleiro.”

“E foi por isso que você quebrou o Codex?” Lanço a acusação como um soco, e pelo jeito que seus olhos se arregalam, ela o atinge. “Sim. Você *interferiu* .”

“Droga.” Ele entrelaça os dedos, depois os coloca no topo da cabeça e fecha os olhos. Após uma respiração profunda, ele olha para mim novamente. “Pelo menos tenho a sua vida para mostrar.”

Meu estômago revira e eu baixo o olhar, percebendo o quão perto estive de que aquilo não fosse verdade. Eu simplesmente me lancei em direção a um *dragão* .

“Você está bem?” , ele pergunta.

Estudo a estrutura radicular da árvore à minha esquerda.

“Olhe para mim”, ele ordena.

Quero que a terra se abra e me engula por inteiro. Dain Aetos não só me viu chegar ao meu ponto mais baixo, como me salvou de mim mesma. De alguma forma, isso só faz com que eu o odeie ainda mais.

"Olhe aqui, Mairi!" ele dispara.

Meu olhar se volta para o dele.

“Fique à vontade para me odiar”, diz ele, com a voz mais suave. “Nunca mais precisamos falar sobre isso. Você pode fingir que nada disso aconteceu se isso te fizer sentir melhor, mas eu não posso te deixar aqui se você vai repetir o que quer que tenha sido aquilo. Então, pela última vez, você está bem?”

“Não, eu não estou bem”, respondo sinceramente pela primeira vez, deixando minha raiva transparecer nas palavras. “Não está certo que eu não tenha tido tempo para lamentar a morte do meu irmão antes de ser forçada a cruzar o parapeito. Não está certo que eu tenha sido jogada em um esquadrão com uma das pessoas responsáveis por sua morte, e depois colocada sob o

comando da outra. Não está certo que eu esteja aqui e ele não. Não está certo que eu não queira ter nada a ver com empunhar armas, com poder, ou me tornar uma das pequenas armas perfeitas que este lugar se orgulha de produzir. Não está certo que eu não tenha tido a maldita escolha que você teve, pelo simples motivo de que meus pais perderam a guerra e seu pai venceu a dele.”

Ele se encolhe.

O som das asas batendo acima de nós é ouvido, e ambos olhamos para cima quando um beija-flor-de-cauda-vermelha mergulha do céu.

Thoirt. Meu coração dispara e sinto um estalo profundo na alma, como se algo tivesse se encaixado na ferida e selado a rachadura, tornando a vida um pouco mais suportável.

Ela pousa no lugar onde a laranja quase me matou, e o chão estremece sob meus pés. Sua cabeça gira em nossa direção, e ela rosna na direção de Aetos. Ela é vermelha como morango, com escamas brilhantes, garras formidáveis, e talvez seja o dragão mais belo que eu já vi.

“Imagino que esta seja sua”, diz Dain, erguendo as mãos e olhando para mim em vez de para ela. “Posso confiar que você não tentará se matar?”

"Sim."

“Ótimo.” Ele se afasta de Thoirt e se vira para ir embora assim que sai do campo de visão dela. “Parece que preciso me reportar por violação do Codex.”

Não consigo sentir pena dele. Não quando ele está vivo enquanto Liam jaz enterrado em Tyrrendor.

“Você perdeu seu irmão em Resson.” A voz dela é mais doce do que eu imaginava que um dragão pudesse ter.

“Sim, eu fiz.” Viro-me para encará-la completamente.

“Eu também.” Ela abaixa a cabeça, mas não parece ameaçadora. *“Os dragões da minha linhagem há muito escolheram os cavaleiros da sua.”*

Meus lábios se entreabrem. Ela é uma Red Daggertail, assim como Deigh era, e se parece muito com a estatueta de Liam. "Você é irmã de Deigh?"

“Eu sou, e assim como ele escolheu Liam, eu escolho você, Sloane Mairi.”

Toda a força de luta se esvai de mim, e sem a raiva, a fúria, resta apenas a tristeza, e, meu Deus, como parece insuportável. O peso é demais, agudo demais para carregar sem sangrar até a morte.

“Talvez, ao nos unirmos, possamos nos ajudar a carregar esse fardo. Nos ajudar a curar.” Ela me observa sem julgamento, contradizendo tudo o que me ensinaram sobre pessoas como ela.

"Perdi todos", sussurro, e minha garganta tenta se fechar. "Meus pais. Meu irmão. Sou a última Mairi viva. Como se cura disso?" Se ela tiver a resposta, preciso desesperadamente dela. Meus olhos ardem.

“Tempo.” Ela aproxima o focinho. *“Como a última Mairi viva, filha do Mestre das Runas, você deve escolher continuar vivendo.”*

"Porque minha mãe era boa em runas?" Dou de ombros, mas me aproximo dela. "Eu não quero—"

“Poder. Eu sei.” Ela se aproxima o suficiente para me alcançar e então apoia a cabeça no chão. *“Eu senti cada perda que você sofreu. Eu vi tudo o que você suportou e sei o preço que você pagará para superar o que você considera insuperável. Mas você precisa perseverar.”*

“De que te serei como cavaleiro se não quiser empunhar a espada?”

“Agora.” Ela se inclina para a frente, e eu levo minha mão às escamas quentes entre suas narinas. *“Você não quer exercer poder* agora . *Eu lhe darei o que você tanto precisa: escolha. Só quando você estiver pronta, eu canalizarei esse poder para você.”*

"E se eu optar por nunca fazer isso?" Minha respiração falha.

“Então seremos excelentes companheiros”, diz ela gentilmente. *“Mas eu vi seu coração e sei que você se erguerá dessa escuridão. Você lutará quando estiver pronto, porque se não o fizer, esta guerra estará perdida.”*

Eu balanço a cabeça negativamente. "Você está pensando em Liam. Ele era o guerreiro."

“Estou pensando em você. Seu irmão não herdou o dom de sua mãe. Você, sim.”

"Eu não entendo."

“Ainda não, mas você vai.” Ela empurra minha mão. *“Por enquanto, você vai se curar. Você vai crescer. Você vai aprender. E eu prometo que, embora você seja o último da sua linhagem neste momento, você nunca mais estará sozinho. Você nunca verá um nascer do sol onde eu não esteja esperando por você.”*

Eu me inclino para a frente e encosto minha testa em suas escamas, absorvendo a enormidade do que ela prometeu, do que realmente significa unir-me a ela. Terei família novamente.

Pela primeira vez em meses, meu sorriso não chega apenas aos meus olhos, eu o sinto em cada batida do meu coração.

“Você gostaria de voltar voando para perto dos seus amigos?”

Meus companheiros de esquadrão.

Levanto a cabeça, sorrio e aceno com a cabeça. "Sim."

Quando me acomodo em seu assento e ajusto minha pegada no pomo da raquete, sinto como se estivesse atravessando os portões de Mairghdelle.

Estou em casa.

634 UA
Molvic—Clava Azul
(Masculino) Descendente da linhagem Gormfaileas
Idade estimada: 39
Pilotos Registrados: 0

—O Compêndio da Espécie Dracônica,
Última atualização por Coronel Valin Kaori

AARIC

Nas três últimas vezes em que um príncipe de Navarra percorreu essas matas, ele não saiu vivo.

Agora que o céu está se colorindo com a aproximação do pôr do sol, começo a me perguntar se não só quebrarei essa tendência, como também me tornarei o primeiro cadete de sangue real a ser forçado a repetir o treinamento como um não-vinculado. Já que sou o primeiro cadete de sangue real a entrar no quadrante

sob um nome falso para esconder minha localização do meu pai, estou satisfeito em quebrar o precedente.

Tudo bem. Se meu dragão não estiver pronto para se ligar a mim este ano, esperarei até o próximo.

Jogar a longo prazo exige paciência.

O vapor sobe à minha esquerda e meu coração dispara quando viro a cabeça naquela direção, apenas para suspirar de decepção ao avistar um Rabo-de-Adaga Verde vindo em minha direção.

"Não." Balanço a cabeça negativamente uma vez, encarando o dragão que me fuzila com o olhar, e sigo meu caminho.

Abandonei tudo — meu título, minha família, meu próprio nome — para estar aqui. O que é mais um ano da minha vida? Certamente é uma opção melhor do que a morte.

Não recebemos respostas, nenhuma explicação quando meu irmão morreu aqui há três anos. Dragões não respondem às perguntas dos reis. Um dia Alic era um cadete do primeiro ano, e no dia seguinte seus pertences foram retirados de seu quarto em Calldyr para serem queimados em homenagem a Malek.

Não tenho ilusões sobre o tipo de pessoa em que Alic se tornou. Em uma família de três irmãos, ele era o mais cruel, o mais propenso a acessos de raiva violentos, aquele que me ensinou a mascarar todas as minhas fraquezas, porque se eu não o fizesse, ele as exploraria. Ele não era assim no começo, mas mal o reconheci nos últimos anos de sua vida e escolho lamentar a versão dele que me lembro da infância.

Embora eu não tenha certeza se essa versão dele teria sobrevivido a este lugar.

Mas eu irei.

Outros estão aqui na esperança de serem aceitos ou rezando para deuses que nunca se dão ao trabalho de responder.

Estou caçando.

Nas cinco horas que passei vasculhando esta mata, encontrei tons de vermelho, laranja, marrom e verde, nenhum dos quais me chamou a atenção, obviamente. Mas, de qualquer forma, eu não estava procurando por eles.

Não quando Molvic está aqui.

"Venha brincar lá fora", sussurro ao vento enquanto passo por outra sequoia antiga.

No instante em que Kaori disse que o Blue Clubtail havia entrado no vale, uma dor inegável começou a me incomodar no peito. Essa mesma dor só aumentou à medida que me aproximo da borda sul da floresta, e quando chego a uma pequena clareira, ela se torna insuportável.

O campo está vazio quando caminho pela grama que me chega aos joelhos, mas eu o sinto.

“Eu sei que você está aqui.” Meu olhar percorre a linha das árvores, e a dor atrás das minhas costelas evapora quando encontro dois olhos dourados me encarando, quase escondidos entre as árvores. “Molvic.”

Ele irrompe na clareira, o sol brilhando em suas escamas azul-safira, mostrando os dentes com um rosnado baixo. Meu pulso dispara, mas o acalmo com uma respiração e pura força de vontade. Entre os azuis, ele só perde em ferocidade para Sgaeyl, o que significa que demonstrar qualquer medo vai me fritar.

“Você é meu.” Dou um passo calculado em sua direção.

Ele ruge, achatando a grama entre nós e fazendo vibrar cada osso do meu corpo.

Puta merda. Falo nove línguas, quatro delas fluentemente, e embora nenhuma delas seja a língua dos dragões, a veemência da sua negação é facilmente traduzida.

"Tudo bem, pode dizer que sou sua se isso te fizer sentir melhor." Preciso de toda a minha concentração para evitar que meus músculos se contraiam enquanto caminho para frente. Ele vai me incendiar ou vai me prender, mas de um jeito ou de outro, ele está prestes a mudar minha vida.

Sua língua se enrola e a parte de trás de sua garganta fica alaranjada.

Bem, que merda.

Disparo para a direita, mergulho sobre um tronco apodrecido e rolo enquanto o calor me envolve a espinha. Quando olho para trás, a grama está fumegando onde eu estava. Limpo as mãos, espalhando um arranhão sangrento pela palma. Essa foi por pouco.

Ele vira a cabeça na minha direção e seu olhar se torna francamente hostil.

“Você. É. Meu.” Levanto-me e dou um passo simbólico em sua direção, para que ele saiba que pretendo levar isso até o fim. “Você pode me matar neste campo, mas isso não mudará esse fato.”

“Já me senti atraído pela força da sua linhagem antes, mas fiquei profundamente desapontado”, diz ele, com a voz baixa e rouca.

Alic. Tem que ser. Sinto um aperto no peito.

“Eu não sou meu irmão.” Eu avanço lentamente.

“É por isso que ainda permito que você respire, Camlaen Aaric Baran.” Ele inclina a cabeça para a frente e me banha em vapor.

“É Aaric”, corrijo-o. “Você o matou?” Mais um passo e estamos a pouco mais de três metros de distância.

"Não." Ele rosna novamente, mas mantém os dentes cerrados.

Meus dedos começam a se curvar, mas me contenho para não perguntar se ele sabe quem fez isso, se ele viu meu irmão nas últimas horas antes de sua morte. Teremos uma vida inteira para essas conversas, se eu conseguir sobreviver aos próximos minutos.

“Eu não sou Alic. Eu não sou Halden. Eu não sou meu pai.” Minha voz se eleva com convicção.

"Eu sei quem você é. Acha que é tão diferente só porque sua mãe cuidou da sua educação?", ele rosna.

“Sim.” Avanço. “Eu não era herdeiro nem reserva, e por isso fui preterido pelo meu pai, o que acabou sendo para meu próprio benefício. Minha mãe me ensinou que o poder, quando concedido sem restrições, leva a uma corrosão moral da qual não há recuperação. Esse não será o meu destino. Pretendo *conquistar* meu poder. Conquistarei *você* .”

Sua cabeça se ergue alguns centímetros, mas não o suficiente para expor sua garganta.

“Você sabe que a guerra continua além dos muros da prisão?”

Outro rosnado ressoa em sua garganta. *"Sim, eu aceito."*

Eu aceno com a cabeça. "Você viu todas as minhas memórias, então sabe como me sinto a respeito disso. Você conhece meus pensamentos até agora." Estendo os braços, com as palmas das mãos voltadas para o céu. "Eu sou aquela por quem você esperou, aquela que você procurou durante todos esses anos. Eu sou a razão pela qual você vagou pelo Vale da Debulha sem laços. Meu irmão pode ter deixado você desiludido com a minha linhagem, mas eu não."

Ele mostra os dentes. *"E você acha que conhece o futuro?"*

“Eu sei *qual é o meu destino* .” Concordo com a cabeça, convicta. “Lutarei nessa guerra, talvez até morra. Mas não ficarei de braços cruzados enquanto minha família assiste à destruição de uma torre dourada, falsos administradores de uma população que eles mantiveram intencionalmente na ignorância.”

“E onde isso deixará sua monarquia?” Ele avança e inclina a cabeça para baixo, mantendo o olhar fixo em mim. Concentro-me em um de seus olhos, notando meu reflexo na órbita dourada. Sumiram as vestes reais, as sedas finas e as túnicas. Estou diante de Molvic vestida de preto, sem título ou patente além da marca do ano em minha gola.

“Não me importo.” Meu coração começa a disparar. Não importa o que eu pense, nunca verbalizei meus pensamentos, nunca lhes dei voz. Endireito as costas. “Minha mãe e todas as suas boas intenções morreram. Se me obrigarem a lutar, lutarei pelo nome no meu uniforme, não pelo nome que me deram ao nascer. Lutarei pela sua espécie, mas não pelo Empíreo que permitiu essa farsa. Matem-me agora por sedição ou me obriguem a lutar. A escolha é sua. A minha

já está feita.”

Ele rosna novamente, e eu me pergunto se fui longe demais, mas só pode haver honestidade entre nós. Ele precisa saber que seguirei meus pensamentos, meus planos, até a execução.

Mesmo que isso me leve à minha própria situação.

“E eu prometo a vocês, prefiro morrer a ficar do lado da cumplicidade.” Respiro fundo para me acalmar. “Vocês precisam saber: pretendo destruir este reino.”

Seus olhos brilham. *"Aceito seus termos, Aaric Graycastle."*

Ninguém na minha família sequer sabe que estou desaparecida.

Mas eu vou atrás de todos eles.

AGRADECIMENTOS

Obrigada ao meu marido, Jason, por ser meu porto seguro. Obrigada por trazer cor de volta ao meu rosto nos últimos dezoito meses. Estou tão perdidamente apaixonada por você que esse amor transborda em cada página que escrevo. Obrigada aos meus seis filhos, que são simplesmente tudo para mim. À minha irmã, Kate, por ser minha companheira constante de viagens e minha mestra das risadas. Amo você de verdade. Aos meus pais, que estão sempre presentes quando preciso deles. À minha melhor amiga, Emily, por ser a parte mais fácil da minha vida e a guardiã dos meus segredos.

Obrigada à minha editora, Karen Grove, por me escolher dentre os manuscritos rejeitados há treze anos e por ainda estar disposta a embarcar nessa aventura incrível até hoje. Obrigada a Joe Requeza por dar vida aos dragões do Empíreo com sua arte magnífica. Obrigada à minha agente incrível, Louise Fury, por sempre me apoiar, e a Shivani Doraiswami por ser minha maravilhosa agente de cinema! Matt Sugarman, obrigada por sempre ser a mão firme. Agradecimentos infinitos às equipes da Outlier, Kilter e Amazon Studios, e especialmente a Meredith Averill. É um sonho trabalhar com vocês!

Obrigada à minha equipe da Red Tower. Obrigada à Liz Pelletier por me dar a oportunidade de escrever no meu gênero favorito. À Stacy Abrams, pela sua mágica na revisão. A todos da Entangled e da Macmillan por responderem a inúmeros e-mails e por trazerem este livro ao mercado. Às maravilhosas revisoras, pelos seus olhos de águia. À Julia Kniep, por sempre se esforçar ao máximo e pelos Ovos Kinder. À Becky West, pelo incentivo infinito, pela orientação, pelo McDonald's, pela Coca-Cola e pelas ligações para ouvir Taylor Swift. À Bree Archer e à Elizabeth Turner Stokes, por esta capa fenomenal. À Meredith Johnson, por ser a melhor de todos os tempos.

Obrigada à Lizzy Mason por comandar o show da Yarros Ink nos bastidores. Obrigada às minhas esposas, nossa trindade profana, Gina Maxwell e Cindi Madsen — eu estaria perdida sem vocês. À Kyla, que tornou este livro possível. À Cassie e à Vonetta, por manterem tudo em ordem e serem sempre as minhas

maiores incentivadoras. À Rachel e à Ashley, por serem as mulheres mais inteligentes e gentis que conheço. A todos os críticos que me deram uma chance ao longo dos anos, meu muito obrigada. Ao meu grupo de leitoras, The Flygirls, por serem o lugar mais feliz da internet. Aos meus leitores: o entusiasmo infinito de vocês por este mundo me mantém escrevendo.

Por fim, porque você é meu começo e meu fim, obrigada novamente, meu Jason. Você e eu contra o mundo, meu amor.

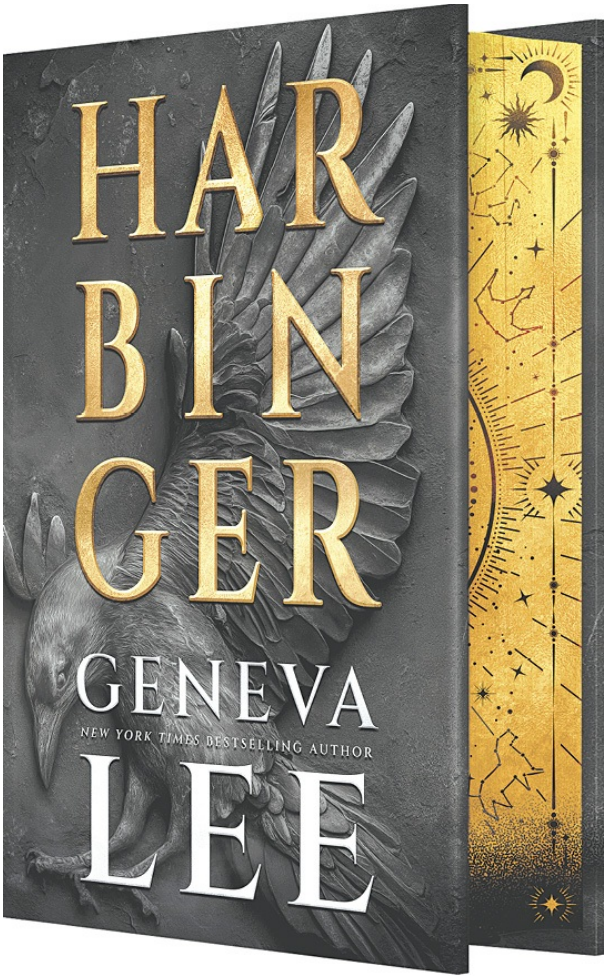
Sobre o autor

Rebecca Yarros é a autora de mais de vinte romances, incluindo os best-sellers *do New York Times "Fourth Wing"* e *"In the Likely Event"* . Ela recebeu o prêmio British Book Award de Livro do Ano e o prêmio Alex da American Library Association. Ela adora heróis militares e é casada com o seu há mais de vinte anos. Mãe de seis filhos, quando não está escrevendo, você pode encontrá-la na pista de hóquei ou tocando violão.

Tendo acolhido e depois adotado seu filho mais novo, Rebecca é apaixonada por ajudar crianças no sistema de acolhimento familiar por meio de sua organização sem fins lucrativos, One October, que ela cofundou com seu marido em 2019.

www.RebeccaYarros.com

Romance, brincadeiras e toda aquela saudade? Estou obcecada.
—Rebecca Yarros, autora best-seller nº 1 *do NYT*



O capuz do bispo está puxado, obscurecendo ainda mais seu rosto na penumbra do quarto. Dou um

passo em sua direção como se ele tivesse um fio invisível que eu não consigo resistir a puxar. Ele inclina a cabeça, e o capuz se move o suficiente para que um canto de sua boca se curve levemente, como se ele soubesse que estou caminhando em sua direção e em direção a mais ninguém.

Conecte-se conosco online!

@redtowerbooks

@RedTowerBooks

@redtowerbooks

RED TOWER
BOOKS™